



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

**A CONSTRUÇÃO NARRATIVA DAS NOTÍCIAS EM TELEVISÃO
- O “JORNAL DA NOITE” DA SIC COMO ESTUDO DE CASO –**

**Relatório de estágio apresentado à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Ciências da Comunicação, na
especialização de Media e Jornalismo**

por

Tiago António Resende Artilheiro

Faculdade de Ciências Humanas

Maió 2013



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

**A CONSTRUÇÃO NARRATIVA DAS NOTÍCIAS EM TELEVISÃO
- O “JORNAL DA NOITE” DA SIC COMO ESTUDO DE CASO –**

**Relatório de estágio apresentado à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Ciências da Comunicação, na
especialização de Media e Jornalismo**

por

Tiago António Resende Artilheiro

Faculdade de Ciências Humanas

Sob orientação do Professor Doutor Rogério Santos

Maió 2013

Resumo

O presente Relatório de Estágio tem como tema principal a construção narrativa das notícias em televisão, focando-se no caso específico do “Jornal da Noite” da SIC. O período de seis meses de estágio realizado na redação de informação da SIC foi fulcral para observar, aprender e desenvolver a forma como se transformam acontecimentos em notícias.

Este trabalho verifica, então, como é que o plano da história e do discurso andam a par na construção narrativa das notícias em televisão, nomeadamente, os recursos textuais, sonoros e de imagem que aí tomam parte. Reflete-se também sobre os processos, modelos e outros elementos da construção narrativa, que conferem inteligibilidade à notícia televisiva.

Com base nesta ideia, o enquadramento teórico do trabalho incide na questão da influência das rotinas produtivas na definição e escolha dos acontecimentos a tratar jornalisticamente, assim como na importância da construção de um discurso narrativo para as notícias. A análise empírica tem como corpus de estudo 140 notícias do “Jornal da Noite” da SIC, emitidas entre 12 e 18 de Março de 2012, categorizadas em seis áreas temáticas: sociedade, política, economia, desporto, cultura e *faits-divers*.

Dos resultados obtidos concluiu-se que, apesar de cada notícia ser uma e singular, existe uma construção narrativa típica nas notícias de cada área temática. Todavia existem diferenças notórias de construção na comparação entre as seis áreas temáticas, refletindo o tipo de trabalho jornalístico que se faz em torno dos diversos acontecimentos.

Palavras-chave: Acontecimento; História; Discurso; Notícias; Construção; Narrativa

Abstract

The present internship report has as its main theme the construction of the news narrative in television, focusing on the specific case of the “Jornal da Noite” of the Portuguese channel SIC. The 6 months internship was done in SIC's editorial department and it was paramount to observe, learn and develop the way we transform the events into news.

This work establishes how the history and the speech go hand in hand with the narrative construction of the news in television, mainly, the textual, sound and image resources that take place there. It also reflects in the processes, models and other narrative construction elements, that confer intelligibility to television news.

With this idea in mind, the theoretical framework of this work focuses on the matter of the influence of the productive routines in the definition and choice of events to be processed in a journalistic point of view, as well as the importance of the construction of a narrative speech for the news. The empirical analysis has as its body of study 140 news of the “Jornal da Noite” of the Portuguese channel SIC, broadcasted between March 12 to the 18th of 2012, categorized into six themed areas: Society, Politics, Economy, Sport, Culture and Faits-divers.

From the results obtained it was concluded that, in spite of every news being unique and singular, there is a typical narrative construction in the news of each themed area. However, there are notorious differences of construction if we compare the six themed areas, reflecting the sort of journalistic work that is done around the different events.

Key-words: Event; Story; Discourse; News; Construction; Narrative

Agradecimentos

Este trabalho não teria sido possível sem a colaboração, imprescindível, do meu orientador, Professor Doutor Rogério Santos, a quem agradeço todo o tempo e atenção que dedicou ao mesmo.

Dirijo, igualmente, o meu obrigado a todos os jornalistas, repórteres e editores de imagem da SIC, que colaboraram e enriqueceram esta investigação, bem como a todos os editores que me proporcionaram a realização de diversas reportagens televisivas durante o estágio.

Agradeço, ainda, à minha família e amigos pela compreensão que tiveram em relação à indisponibilidade que este trabalho, por vezes, originou.

A todos, o meu Obrigado.

Índice Geral ¹

Introdução	1
1. Contextualização	4
1.1 SIC – As várias áreas de atividade em televisão	5
1.2 O estágio na redação de informação da SIC	11
2. Enquadramento Teórico – A produção e a construção da informação televisiva -	16
2.1 As rotinas produtivas	17
2.2 Os acontecimentos noticiosos: o plano da história	26
2.3 A força da narração da notícia: o plano do discurso	35
2.3.1 O discurso jornalístico como reflexo de um saber de narração e do respeito pela objetividade	35
2.3.2 A narrativa aplicada ao jornalismo televisivo	41
2.3.3 A notícia televisiva: ligação texto off, imagem e som	45
2.3.4 A narração da notícia televisiva	51
3. Análise Empírica – Estudo de caso sobre o “Jornal da Noite”	59
3.1 Metodologia	60
3.2 Análise da construção narrativa das notícias do “Jornal da Noite”	66
3.2.1 Análise da construção narrativa das notícias de Sociedade	68
3.2.2 Análise da construção narrativa das notícias de Política	76
3.2.3 Análise da construção narrativa das notícias de Economia	82
3.2.4 Análise da construção narrativa das notícias de Desporto	88
3.2.5 Análise da construção narrativa das notícias de Cultura	93
3.2.6 Análise da construção narrativa das notícias de <i>Faits-divers</i>	98
3.3 As notícias do “Jornal da Noite” enquanto narrativas	103
Conclusão	107
Bibliografia	109
Anexos	127
Anexo A – Grelhas de análise empírica	128
Anexo B – DVD	199

¹ Por opção do autor, este relatório segue as normas do novo Acordo Ortográfico.

Introdução

A escolha de um tema para a realização de um Relatório de Estágio constitui-se, não raras vezes, como um dos processos mais complexos e morosos no contexto do trabalho que nos propomos desenvolver. O caso do trabalho que agora se apresenta não é exceção espelhando, plenamente, esta situação.

Em virtude da escolha temática ter que satisfazer uma perspetiva teórica e uma aplicação empírica advinda da experiência de estágio que fizemos na redação de informação da SIC, entre 21 de novembro de 2011 e 20 de maio de 2012, a escolha de um tema relacionado com a construção narrativa das notícias em televisão afigurou-se-nos como um bom tema de investigação para este Relatório.

Muitas vezes, a escolha de um tema para realização de Relatório de Estágio apenas surge no decurso do mesmo ou no seu final. Não foi esse o nosso caso. Desde o início que tivemos como ideia assente poder abordar a temática da construção narrativa das notícias em televisão. Porque escrever para televisão é diferente de fazê-lo para rádio e imprensa, importa perceber em que medida esse contar da história difere do meio televisivo para outros meios de comunicação.

Para além disso, a escolha do tema que efetuámos tem também uma razão prática. Ainda que alguns aspetos deste trabalho tenham sido objeto de um estudo teórico por parte de alguns autores, concluímos que ainda não são muitos aqueles que procuraram aplicá-los empiricamente. No caso português há trabalhos realizados sobre algumas das temáticas abordadas, mas a sua aplicação ao panorama da informação televisiva da forma como o fazemos continua a ser diminuta e, em alguns casos até, inexistente.

Porém, e porque a delimitação do objeto de estudo é, logo à partida, um dos pontos primordiais a refletir e respeitar, optámos por fazer uma análise noticiosa de acordo com seis áreas específicas – sociedade, política, economia, desporto, cultura, e *faits-divers* –, do “Jornal da Noite” da SIC, durante sete dias consecutivos.

Esta escolha deveu-se a duas razões principais. A primeira delas está relacionada com o facto de este ser um programa de informação que é transmitido, diariamente, na SIC generalista há já vinte anos. A segunda deve-se ao facto de este ser o programa de

informação que obtém mais audiência do conjunto dos blocos informativos transmitidos pelo canal.

Assim, foi neste seguimento que elaborámos a nossa pergunta de partida, que ajudou a delimitar o nosso objeto de estudo, dotando-o de pertinência empírica: “A nível narrativo, como são construídas as notícias do «Jornal da Noite» da SIC?”.

Tendo como base a ideia desenvolvida na nossa pergunta de partida, e de forma a verificar a forma como é que as notícias desse bloco de informação estão construídas a nível narrativo, elaborámos três hipóteses de resposta a essa pergunta: H1) As notícias do “Jornal da Noite” da SIC são construídas de acordo com processos e modelos de construção narrativa específicos; H2) As notícias do “Jornal da Noite” da SIC são construídas de acordo com um texto audio-scripto-visual próprio; e H3) As notícias do “Jornal da Noite” da SIC são construídas de acordo com um estilo particular.

Esta investigação apresenta, então, como principal objetivo, precisamente aquele que é enunciado na pergunta de partida: o de compreender como é que os jornalistas do canal, perante os vários acontecimentos noticiosos que constituem o dia-a-dia da redação de informação da SIC, os transformam em textos noticiosos, bem como perceber e explicar a estrutura e elementos narrativos lhes estão subjacentes. Desta forma, pretendemos verificar como história e discurso são dois planos que se interligam quando falamos da construção narrativa das notícias em televisão.

No que à organização do presente Relatório diz respeito, este está dividido em três capítulos.

No Capítulo 1, no qual fazemos uma Contextualização, abordamos a história da SIC e as várias áreas de atividade que a estação desenvolve, nomeadamente, o papel desempenhado pelo entretenimento e pela informação no canal, bem como o tempo de antena respeitantes a cada um deles (1.1), e um relato das experiências e dos trabalhos desenvolvidos ao longo dos seis meses de estágio na redação de informação da SIC (1.2).

O Capítulo 2 intitula-se de Enquadramento Teórico – A produção e a construção da informação televisiva. Aqui procuramos abordar, de forma encadeada, o processo de produção e construção da notícia, desde a forma como surge um acontecimento noticioso

até ao momento em que a notícia está pronta para ser emitida. Assim, explicamos em que medida as rotinas produtivas são geradoras de notícias (2.1), de que forma é que a origem das notícias está nos acontecimentos que estas reportam (2.2), e como é que o discurso jornalístico, que segue uma determinada construção narrativa, influi no processo de dar a notícia (2.3).

No Capítulo 3, intitulado de Estudo de caso sobre o “Jornal da Noite” da SIC, começamos por apresentar a Metodologia que seguimos neste trabalho (3.1), nomeadamente as variáveis que incluímos nas grelhas de análise de conteúdo que produzimos, partindo, depois, para uma análise das peças do “Jornal da Noite”, distribuídas por seis áreas temáticas diferentes – sociedade, política, economia, desporto, cultura, e *faits-divers* (3.2) –, procurando aferir as diferenças e semelhanças encontradas (3.3). Por fim, procederemos à Conclusão.

A seguir à apresentação da Bibliografia utilizada incluímos vários anexos. Como Anexo A a este trabalho, e para uma melhor compreensão da análise prática noticiosa realizada, apresentamos as várias grelhas de análise de conteúdo que construímos: Grelha 1, que diz respeito à análise do processo e do modelo de construção narrativa, do narrador e das personagens presentes nas notícias do “Jornal da Noite” da SIC; Grelha 2, que analisa o texto audio-scripto-visual e o estilo das notícias “Jornal da Noite” da SIC; Grelha 3, na qual se faz uma divisão das notícias analisadas por categoria temática e Grelhas 4 a 15, onde se encontram os dados estatísticos que resultaram da análise empírica.

Desta forma, compreender como a narrativa de notícias de áreas temáticas diferentes é contada, através de um discurso refletido e adequado ao tema ao qual a notícia se reporta, é o ponto principal deste trabalho. Afinal, contar uma história é sempre (re)contar essa história de acordo com o prisma narrativo criado pelo jornalista em questão, de acordo com a sua visão dos factos.

1. Contextualização

1.1 SIC - As várias áreas de atividade em televisão

A SIC (Sociedade Independente de Comunicação) iniciou a sua emissão em seis de outubro de 1992, depois de ter sido um dos vencedores de um concurso, aprovado em 1991, para a criação de dois canais privados de televisão em Portugal.² Propriedade do fundador do PSD (Partido Social Democrata), Francisco Pinto Balsemão, através da holding Impresa³, a SIC tem como principal atividade empresarial a difusão de programas de televisão.

Com o nascimento das televisões de iniciativa privada, o monopólio da atividade televisiva em Portugal viria, assim, a acabar, deixando a RTP (Rádio e Televisão de Portugal), que iniciara a sua emissão em 1957, de ser a única estação de televisão presente no mercado audiovisual português.

A informação independente e um novo conceito de entretenimento foram as grandes marcas trazidas pela SIC. Uma análise da programação televisiva de Abril de 1993, realizada por Nelson Traquina, deixava perceber isso mesmo. “*A grande característica da programação da SIC era a forte presença da informação que constituía, em termos de percentagem, o dobro de qualquer outro canal*” (Traquina, 1997: 65). Porém, esta não era a mesma informação que a RTP fazia. Emídio Rangel, que esteve à frente do projeto de criação da SIC refere que: “*Quando nós começámos, a hierarquização da informação na RTP ainda era como antes do 25 de Abril. (...) O alinhamento na SIC era de acordo com o critério jornalístico*” (Figueira, 2009: 125).

Os programas de informação, entrevista, debate e comentário, cedo se constituíram numa parte importante da programação, revelando ter sucesso junto dos telespectadores do terceiro canal. Logo em 1992, o jornalista Paulo Camacho apresenta o “Internacional SIC”, um programa de grande informação, focado nas questões da atualidade internacional. Seguem-se “Terça à Noite” (1993-1995), “Flashback” (1994-1996), “Crossfire” (1995-

² A concurso apresentaram-se, ainda, as candidaturas da TV1 e da TVI. Esta última acabaria por ser a segunda candidata escolhida para emitir na quarta frequência (Figueira, 2009: 249). Ligada à Igreja Católica, à Rádio Renascença, à Universidade Católica Portuguesa e à União das Misericórdias, a TVI, primeiramente denominada de *Quatro*, inicia as suas emissões a 20 de fevereiro de 1993. In <http://www.meiosepublicidade.pt/2008/02/15/os-15-anos-da-tvi-2/> . Consultado a 24 de setembro de 2012

³ In <http://impresa.pt/folder3/Impresa/Institucional/QuemSomos.html> . Consultado a 24 de setembro de 2012.

1998), “Toda a Verdade” (1996), entre outros.⁴ As características que o canal apresentava acabaram por lhe garantir, desde muito cedo, numerosos prémios internacionais. “*Em 1996 a reportagem ‘Os meninos de Angola’, de Cândida Pinto, obteve um prémio no FIGRA (‘Festival International du Grand Reportage et du Document d’Actualité’). Em 1997, a SIC ganharia seis prémios ainda na área da Grande Reportagem*” (Santos, 2010: 94).

A imagem inovadora, associada à independência e ao rigor informativo que o canal queria assumir, depressa se revelaram numa mais-valia em termos de audiências. Em Maio de 1995, quase três anos depois da sua fundação, a SIC conseguiu destronar a RTP da liderança televisiva portuguesa. Como revela o Anuário da Comunicação de 2002 do OberCom (Observatório de Comunicação), se em 1992 a SIC detinha um total de 8,5% de *share*, em 1995 já alcançava os 41,4%, face aos 38,4% da RTP e os 13,8% da TVI.

Logo em 1992, a SIC inova. Exibido até 1999, o programa “Donos da Bola” foi o primeiro *talk show* desportivo em Portugal. Mas foi ao “Praça Pública” quem coube a maior revolução nesse período. Exibido entre 1992 e 1996, a estação fez o primeiro programa que dava voz aos portugueses, ouvindo e resolvendo os seus problemas.⁵ Era o país real que a SIC procurava. Sair dos muros de Carnaxide, onde se localiza desde a sua origem, para o país que existia lá fora.

O próprio hino da SIC, que assinalou o início das emissões do canal, espelhava, desde logo, essa mesma vontade. A terceira estrofe fala n’“Os segredos que sabemos, E as palavras escondidas, São promessas transformadas, São desejos desvendados”.⁶ Também o hino mais recente, lançado no primeiro trimestre de 2012, volta a acentuar esta característica, quando refere “Quebrámos barreiras, Percorremos mundos sem fim, Cruzámos fronteiras, Por dentre de ti e de mim”.⁷

Desde a sua fundação que a SIC não se destacou apenas no conteúdo dos programas, mas na forma de fazer televisão. “*O estúdio móvel foi utilizado, pela primeira vez na história da televisão portuguesa, em 1997. O principal rosto da informação da SIC, José Alberto*

⁴ In <http://sic.sapo.pt/NR/rdonlyres/C57BFE6D-F073-469B-939F-891B8D87D1E6/1039648/HistorialSIC20112.pdf> . Consultado a 24 de setembro de 2012.

⁵ Idem, Ibidem

⁶ A letra é de Carlos Paulo Simões e a música de Zé da Ponte. In <http://sic.sapo.pt/online/sites+sic/sic+institucional/identidade/> . Consultado a 24 de setembro de 2012.

⁷ A letra e a música são do jornalista Augusto Madureira, e a orquestração e arranjos de Fernando Martins. In http://sic.sapo.pt/Programas/sic20anos/sic20anos_hinosic/2012/03/23/a-sic-celebra-20-anos-ao-seu-lado . Consultado a 24 de setembro de 2012.

Carvalho, *apresentou o noticiário do Oceanário, na inauguração da Expo 98*” (Santos, 2010: 94).

Por outro lado, programas como “Chuva de Estrelas” (1993-2000), “Ponto de Encontro” (1994-2000), “Caça ao Tesouro” (1994-1995), “Noite da Má Língua” (1994-1997), “Big Show SIC” (1995-2001), “Cantigas da Rua” (1996-1999) e “Roda dos Milhões” (1998-2001) foram êxitos de audiência que a estação conquistou ao longo dos anos, não só pelos conceitos que introduziram como, sobretudo, pela ideia de concorrência que ajudaram a criar.⁸ De acordo com Nelson Traquina (1997:12), *“as leis da desregulamentação da atividade televisiva intensificam a concorrência entre as redes generalistas, em particular entre canais públicos e privados, tendo como resultado a comercialização da televisão e o reforço da função de entretenimento”*.

Também a produção própria ao nível da ficção depressa começou a ter lugar na antena do terceiro canal. A minissérie “Adão e Eva” (1996) assinalou a entrada da SIC na coprodução de cinema, à qual se seguiu a série “Médico de Família” (1997-1999) e os telefilmes “Amo-te Teresa” e “Monsanto” (2000-2002).⁹ Nessa altura, ano 2000, já a parceria com a estação de televisão TV Globo, que se mantém até hoje, demonstrava ser um dos alicerces do canal de Carnaxide. A telenovela “A Próxima Vítima” era, em 1995, o programa mais visto (Santos, 2010: 97).

Em 2000, porém, a supremacia no prime time é colocada em causa pela concorrência. Nesse ano, a TVI estreia o “Big Brother”, o primeiro *reality show* da televisão portuguesa, que fora primeiramente apresentado à SIC para comercialização, mas cuja formalização de compra nunca chegou a acontecer. Sobre este caso em concreto, Emídio Rangel refere que: *“Eu propus a compra do Big Brother para a SIC, não para o transmitir mas para ficar sob o nosso controlo”* (Figueira, 2009: 121). Produzido pela Endemol, o “Big Brother” tornar-se-ia na âncora do horário nobre da estação de Queluz (Lopes, 2007: 147), suplantando a SIC, numa altura em que o quarto canal tinha novos acionistas – o grupo Media Capital –, e estava a fazer uma nova grelha de programação. Nessa altura, a surpresa que os programas da SIC causavam nos telespectadores começava a constituir-se, também, na

⁸ In <http://sic.sapo.pt/NR/rdonlyres/C57BFE6D-F073-469B-939F-891B8D87D1E6/1039648/HistorialSIC20112.pdf>. Consultado a 24 de setembro de 2012.

⁹ Idem, *Ibidem*

estratégia seguida pela TVI. Felisbela Lopes observa que o canal estava a seguir uma “*grelha alternativa que surpreendesse permanentemente os telespectadores*” (Lopes, 2007: 145).

A SIC tenta inverter o sentido de quebra de audiências, e segue o caminho dos *reality-shows*. As experiências mal conseguidas sucedem-se: “Acorrentados”, “Bar da TV” e, mais tarde, “A Casa do Toy” e o “O Meu Nome é Ágata” não captam a atenção necessária dos telespectadores, causando saídas na própria direção do canal ainda em 2001.

Nesta área, o caso de maior sucesso foi o do “Master Plan”, no ano de 2002, em que duas pessoas entregavam os seus destinos às ordens do “Grande Mestre”. Um ano depois, o concurso de procura de novos talentos na área da música “Ídolos” estreia em Portugal, e volta a trazer espectadores à SIC. O interesse dos telespectadores pelo programa manteve-se, tendo garantido cinco edições do concurso, a última delas transmitida em 2012.¹⁰

A estreia de série infanto-juvenil “Floribella”, em 2006, volta a trazer algum do público perdido no *prime-time* à SIC. Mas é em 2010 que a estação volta à ribalta na produção própria de ficção nacional. Em parceria com a TV Globo faz a novela “Laços de Sangue”, que não só suplantou, pela primeira vez desde 2000, a ficção nacional da sua mais direta concorrente, TVI, como é eleita a melhor telenovela mundial em 2011 ao receber um Emmy na 39ª *International Emmy Awards*, em Nova Iorque.¹¹

Com a liberalização do audiovisual a SIC foi, também, “*a estação que melhor compreendeu as vantagens dos canais temáticos por cabo*” (Santos, 2010: 108). Com efeito, logo em 1997, a SIC Internacional inicia as suas emissões, com o intuito de chegar às comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo. Segue-se, em 2000, o início das transmissões da SIC Gold, e, em Janeiro de 2001, a SIC Notícias. Canal de informação advindo da compra do Canal de Notícias de Lisboa (CNL) é, até hoje, o canal de informação mais visto na televisão por cabo. Na generalidade a produção é própria, mas constam, igualmente, na programação conteúdos televisivos comprados e estrangeiros.

Em Abril de 2001 surge a SIC Radical. Direcionada para o público jovem, este canal temático serviu de rampa de lançamento a importantes personalidades e grupos, como

¹⁰ Idem, *Ibidem*

¹¹ In http://sic.sapo.pt/online/sites+sic/lacos-de-sangue/bastidores/lacos_emmy.htm . Consultado a 24 de setembro de 2012.

aconteceu com os “Gato Fedorento” e “Homens da Luta”. O programa “Curto Circuito” é a imagem de marca deste temático, tendo inaugurado a emissão do canal e mantendo-se, até agora, na grelha de programação. A SIC Mulher surge em Março de 2003 e, como o próprio nome indica, tem no público feminino o seu principal destinatário. Mais recentemente, em 2009, começam as emissões da SIC K, um canal direcionado para o público infanto-juvenil entre os sete e os catorze anos.

Neste seguimento, importa realçar que o peso da informação e do entretenimento na antena da SIC generalista é, nitidamente, diferente. O Anuário de Comunicação de 2010/2011 do Obercom (Observatório de Comunicação) revelou que a SIC transmitiu, em 2011, uma média de 675 minutos diários de programação ligada à ficção e divertimento, e 248 minutos de informação. Em percentagem trata-se de mais do dobro, registando a informação uma média 17,2% no peso da programação diária do canal e as outras duas áreas 46,9%. As audiências espelham bem esta dimensão, com programas de ficção e divertimento a registarem uma média de 53,1% de audiência diária, contra os 23,2% da informação.¹²

Quanto à estrutura acionista atual da estação, de acordo com o sítio oficial da Impresa, “*no final de 2005, a Impresa adquiriu a posição minoritária na SIC, elevando a sua participação para os 100% do capital da SIC. No início de 2009, a SIC assegurou a totalidade do capital da empresa que detêm o canal SIC Notícias*”, uma participação que se vinha consolidando desde 1999, quando passou a deter 51% do capital da SIC.¹³

Apesar disso, a estação tem-se debatido com uma perda substancial das suas receitas ao nível da publicidade. Os dados do primeiro semestre de 2012, presentes no Relatório de Contas da Impresa, revelam que as receitas da SIC ao nível de publicidade diminuíram em 5,2 milhões de euros, uma redução de cerca de 10% face a igual período do ano anterior. O total de receitas deste semestre foi de 46,3 milhões de euros. A queda tem sido de tal forma acentuada que a SIC passou, em 2008, de um total de receitas de 109,2 milhões de euros em 2008, para 96,9 milhões em 2011, uma redução efetiva de 12,3 milhões de euros. Assim, desde o ano 2000, a SIC tem observado uma diminuição no total de receitas

¹² In <http://obercom.pt/client/?newsId=28&fileName=anuario1011.pdf> . Consultado a 24 de setembro de 2012.

¹³ In <http://www.impresa.pt/folder3/Impresa/Institucional/QuemSomos.html> . Consultado a 24 de setembro de 2012.

advindas da publicidade, facto que levou a Impresa a revelar no Relatório de Contas de 2011 que as receitas publicitárias representaram, apenas, 59% do total de faturação da SIC nesse ano. Uma leitura atenta desses Relatórios deixa perceber, igualmente, que apenas nos anos 2003 e 2004 se verificou um crescimento das receitas publicitárias da estação.¹⁴

Uma das consequências mais diretas destes números está ao nível da redução de custos com pessoal. Em 2001 esses custos rondavam os 76,3 milhões de euros e, em 2009, a Impresa totalizava 59,6 milhões de euros. Uma redução de custos na ordem dos 16,7 milhões de euros para o conjunto do grupo Impresa. Ao nível dos colaboradores, a Impresa passou de 1535 colaboradores em 2001 para 1328 em 2009, uma redução de 207 colaboradores. No que à SIC diz respeito, o número de recursos humanos tem-se mantido estável. Se em 2000 existiam 627 pessoas que trabalhavam na estação, em 2010 apenas se verificou uma redução de 10 efetivos, totalizando-se 617 pessoas.¹⁵

¹⁴ In <http://www.impresa.pt/folder3/Impresa/RelatorioContasTrimestral/default.html>. Consultado a 24 de setembro de 2012.

¹⁵ Idem, Ibidem

1.2 O estágio na redação de informação da SIC

O presente Relatório que agora se apresenta é fruto da experiência de estágio curricular que tive ao longo de seis meses na redação de informação da *SIC*, entre o dia 21 de novembro de 2011 e o dia 20 de maio de 2012, onde exerci a função de jornalista estagiário. A opção por realizar estágio no segundo ano do Mestrado em Ciências da Comunicação, vertente de Media e Jornalismo, da Universidade Católica Portuguesa prendeu-se com dois fatores.

O primeiro deles está relacionado com o facto de, até então, nunca ter trabalhado numa redação de informação. O segundo deve-se ao interesse que, desde há muito, mantenho pela televisão em geral, e pelo jornalismo televisivo em particular.

A *SIC* não foi a minha primeira escolha para realização de estágio. Primeiramente foi sobre a RTP que recaiu a minha opção. Porém, na altura da candidatura ao estágio, a RTP não estava a aceitar estagiários curriculares na sua sede, em Lisboa, mas apenas nas delegações regionais. Como o meu objetivo foi sempre o de estagiar na redação de informação central de uma estação de televisão, optei pela *SIC*, que desde a candidatura ao estágio ficou logo definida como segunda opção.

Apesar de não saber como teria corrido o estágio se tivesse estado na RTP, a verdade é que esta não se revelou uma má escolha. Muito pelo contrário. As oportunidades que tive durante os seis meses, em conjunto com o processo de aprendizagem jornalística que o mesmo me garantiu, foram, estou certo, as grandes mais-valias deste estágio.

A *SIC* tem um modelo de estágio curricular predefinido, que apresenta a todos os estagiários que aí ingressam. Assim, o primeiro momento de estágio, que me ocupou durante os primeiros dois meses de estágio, decorreu no programa / fórum “Opinião Pública”, com emissão bi-diária na antena da *SIC* Notícias. Nesse programa tive diversas funções relacionadas com a área jornalística e com a área de produção jornalística. O processo era igual, tanto para o programa da manhã, entre as 11h10 e as 12h, como para o da tarde, entre as 17h10 e as 18h.

Ao nível jornalístico, as minhas funções passavam por fazer o dossier de imprensa para o jornalista que apresentava o programa com o conjunto de notícias que tinham saído sobre o tema da emissão, bem como preparar um conjunto entre vinte e trinta questões sobre o

tema para o jornalista fazer em estúdio ao convidado. Ainda a este nível, competia-me a mim fazer o bloco de imagens, com dois ou três minutos de duração, que iriam “pintar”, como vulgarmente se diz na gíria jornalística, as intervenções dos telespectadores ao longo do programa. Aqui, tive o primeiro contacto com o programa de edição utilizado pela redação, e que se veio a revelar útil nas etapas seguintes do estágio.

Ao nível da produção, o meu papel passava por fazer os contactos para os convidados do programa, definindo com eles as datas das suas participações e assegurar os transportes para os mesmos até aos estúdios da SIC. Antes do programa ir para o ar competia-me, ainda, a função de ir buscar o convidado do programa à receção da estação, levá-lo à maquilhagem e, depois, ao estúdio. Durante a emissão do programa, o qual acompanhava da régie da SIC Notícias, tinha como função atender as chamadas dos telespectadores, fazer a respetiva seleção e colocá-los “no ar”. A este nível, coube-me também a mim fazer o acompanhamento dos convidados para a revista de imprensa da “Edição das 10” da SIC Notícias, ajudando-os na seleção de notícias dos jornais e / ou tópicos a comentarem em estúdio.

Durante os dois meses em que estive inserido na equipa de produção do programa “Opinião Pública”, constituída por mais dois jornalistas fixos, participei na produção de 57 emissões: 22 sobre temas relacionados com política, 10 sobre economia, 9 sobre desporto, 13 sobre temas relacionados com a área de sociedade (segurança, envelhecimento, barrigas de aluguer, entre outros temas) e 3 sobre cultura.

Quando acabei esta primeira fase de estágio, estive quinze dias a trabalhar no sítio *online* da SIC Notícias. Durante esse tempo, o meu trabalho passava por atualizar o sítio da estação com os *takes* e as imagens das agências noticiosas Lusa e *Reuters*, em conjunto com os cinco jornalistas fixos que compunham o *online* da SIC. Neste último caso, que normalmente acontecia com acontecimentos internacionais de última hora, tinha que fazer uma síntese do acontecimento em jeito de breve jornalística e disponibilizá-lo no sítio online, até ao momento em que fosse possível atualizar a informação com dados mais recentes. Durante esse período coloquei igualmente vários vídeos *online*, respeitantes a notícias e blocos de informação da SIC e da SIC Notícias, que tinha que editar em programas específicos.

A fase seguinte aconteceu na editoria de política da redação da SIC, onde estive durante um mês e meio. Esta etapa do estágio, que foi a primeira escolhida por mim desde o seu início, foi uma das mais interessantes ao longo dos seis meses. Foi durante este período que saí pela primeira vez em reportagem, primeiramente a acompanhar jornalistas, e depois em trabalhos que me marcaram na agenda de saídas em reportagem.

Acompanhei, entre outros, uma das presidências abertas do Presidente da República, várias reuniões em São Bento entre o Primeiro-ministro e outras personalidades do mundo da política nacional e internacional, as reuniões dos partidos Partido Socialista (PS) e PSD nas suas sedes, uma reunião de Concertação Social e um evento político do PS.

O trabalho que me competia era cobrir jornalisticamente estes eventos e, posteriormente, em redação, fazer as peças sobre esses temas, *offs* (que são notícias lidas pelo pivô por cima de um bloco de imagens sobre o assunto da notícia), ou *talking heads* (declarações individualizadas de personalidades que, não raras vezes, ajudam a complementar esses *offs*, ou surgem como reação a um assunto já noticiado). No conjunto, fiz um total de vinte peças, *offs* e *talking heads* para a editoria em causa.

Numa última fase, e mais uma vez por escolha própria, estive a trabalhar na edição executiva do “Jornal da Noite” de fim de semana. Das reportagens que me marcaram em serviço, destaco o dia inteiro em que estive a fazer a cobertura da reunião extraordinária dos ministros dos Negócios Estrangeiros da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) em Lisboa, no seguimento do golpe de Estado na Guiné Bissau no mês de abril de 2012. Aqui, pela primeira vez, tive a oportunidade de colocar em prática, de forma mais efetiva, aquilo que tinha aprendido durante o período em que estive a trabalhar na editoria de política: preparar perguntas e recolher declarações no local para serem trabalhadas na redação.

Durante esses dois últimos meses fiz, igualmente, peças jornalísticas sobre: um assalto a uma residência no Cadaval, uma conferência de imprensa do treinador do Sport Lisboa Benfica, o lançamento de uma iniciativa do jornal “Expresso” sobre a criação de empresas, a entrega de prémios a empresários no âmbito de uma iniciativa da revista “Exame”, várias operações stop na área da grande Lisboa, um acidente de automóvel, e recolha de declarações de vários dirigentes políticos e desportivos para introdução em peças jornalísticas.

Porém, destaco três peças que me permitiram desencadear todo o processo jornalístico que uma peça de televisão necessita e que foram, integralmente, propostas, produzidas e trabalhadas por mim.

A primeira delas foi uma média reportagem, que ficou com uma duração final de cinco minutos, sobre um novo conceito que surgiu no mercado de arrendamento: o *homestaging*. Para este trabalho, desenvolvi toda a parte de produção, desde o encontrar e definir pessoas para entrevistar, ao conhecimento anterior dos locais para definição do que filmar e em que momento.

Da ideia inicial ao produto final, esta reportagem demorou um mês e meio a ser feita, tendo consistido no acompanhamento das obras na casa de dois senhorios, que procuraram os serviços de duas empresas distintas para fazerem pequenas intervenções nas suas casas, com o intuito de as conseguirem arrendar mais facilmente. A reportagem acompanhou as intervenções, mostrou o antes e o depois, e apresentou, pela primeira vez em televisão, este novo conceito.

A segunda partiu, igualmente, de uma ideia minha e de um projeto do qual tinha tido conhecimento, e sobre o qual nenhum outro meio de comunicação tinha falado até essa altura. A peça versou sobre um projeto de programa de rádio, pensado e realizado na ala psiquiátrica do Hospital Júlio de Matos em Lisboa, em que atuais e antigos doentes do hospital entrevistam uma personalidade nacional ou internacional. Fiz os contactos com o dinamizador do projeto, visitei por duas vezes o local e conversei com o grupo sobre o programa e a minha ideia de reportagem, e, por fim, fui com um repórter de imagem acompanhar a gravação da entrevista que o grupo fez ao músico Paulo Furtado, conhecido por “*The Legendary Tiger Man*”. A peça ficou com uma duração final de três minutos.

Por fim, fiz uma peça sobre estudantes estrangeiros, entre os 15 e os 18 anos, que vêm fazer um ano do ensino secundário em escolas portuguesas. Mais uma vez, foi através de um contacto pessoal que conheci este programa de intercâmbio escolar e propus o tema à editora executiva de fim-de-semana do “Jornal da Noite” da SIC. Uma vez aprovado o tema entrei em contacto com a associação que promove estes intercâmbios, contactei famílias de acolhimento de alunos que estivessem disponíveis para falar, e pedi autorizações de filmagens para escolas públicas e privadas, entre outros espaços. O resultado foi uma peça em que entrevistei uma aluna alemã, uma tailandesa, um americano

e um chileno, em diferentes contextos: escolar, extracurricular e familiar. Falei com professores e alunos portugueses sobre as vantagens e dificuldades deste tipo de iniciativas, com famílias de acolhimento sobre a experiência de viver com alguém que não se conhecia, e com os dinamizadores e alunos participantes no intercâmbio. O tempo total da reportagem foi de cinco minutos.

O estágio na redação de informação da SIC contemplou, igualmente, três semanas, intercaladas, a trabalhar no “Jornal de Síntese” da SIC Notícias, entre a meia-noite e as sete horas da manhã, vulgo madrugadas da SIC Notícias. Entre as funções estabelecidas para mim estavam a realização de *offs* e *talking heads* com base em *takes* de agências noticiosas, Lusa e APTN (*Associated Press Television News*), bem como sair em reportagem para acontecimentos de última hora. Foi nesta etapa que fiz a cobertura de, entre outros temas, acidentes de viação, incêndios florestais, distúrbios na noite de Lisboa, operações stop sob alçada da Polícia de Segurança Pública (PSP), e uma situação de distúrbios entre grevistas e forças policiais na Musgueira, em Lisboa.

Em jeito de resumo, o estágio na SIC proporcionou-me um bom contacto com a prática jornalística em televisão, permitindo-me fazer a cobertura de diversos acontecimentos, bem como perceber, não só, a dinâmica da produção jornalística como, também, a construção noticiosa inerente a qualquer reportagem. Apesar de terem sido apenas seis meses de estágio reconheço em mim, agora, maior capacidade na realização de notícias para televisão e novas aptidões jornalísticas de que não dispunha anteriormente.

2. Enquadramento Teórico –

A produção e a construção da informação televisiva

Com o intuito de proceder a um conhecimento sustentado do objeto de estudo que este relatório de estágio tem por base – a construção narrativa das notícias em televisão – iremos fazer, seguidamente, um balanço crítico das teorias e conceitos que estão relacionados com o tema em análise. Quivy e Campenhoudt, na obra “*Manual de Investigação em Ciências Sociais*”, classificam esta etapa de Problemática:

“faz-se o balanço das problemáticas (...) Para esse efeito, parte-se dos resultados do trabalho exploratório (...) [e] tenta-se esclarecer as perspetivas teóricas que subentendem as abordagens encontradas” (1998: 105).

Assim, neste enquadramento teórico, iremos aprofundar conhecimentos e refletir sobre as rotinas produtivas inerentes ao trabalho jornalístico, o conceito de acontecimento noticioso e os valores notícia que lhe estão subjacentes, bem como sobre o processo discursivo que a narração noticiosa segue, tendo sempre como horizonte o meio de comunicação que estamos a estudar em concreto: a televisão.

Para isso, seguiremos as perspetivas de autores que estudaram estas temáticas, alguns deles, empiricamente, tais como: Nelson Traquina (2002), Rogério Santos (2006), Philip Schlesinger (1977/1999), John Hartley (2004), Bernardette Casey *et al.* (2002), Johnatan Bignell (2004), Nuno Brandão (2005), Michel Chion (1993), Jean-Jacques Jespers (1998), François Jost (2005) e Felisbela Lopes (1999). Entre os conceitos base que servirão de referência a este relatório encontram-se: rotinas produtivas, acontecimento, valor-notícia, história, informação, jornal televisivo, discurso e narração.

2.1 As rotinas produtivas

O trabalho jornalístico de informar envolve todo um ambiente e uma prática profissional específicos. A este nível, Nuno Brandão refere que, “*hoje, não é possível entender as notícias sem também uma adequada compreensão da própria cultura dos jornalistas, que são os «agentes especializados» do «campo jornalístico»*” (2005: 125).

De facto, anterior a toda e qualquer notícia que possa ser veiculada, existe um conjunto de procedimentos e de características que são imprescindíveis ao trabalho jornalístico: as rotinas produtivas. Estas são o momento zero que enforma o trabalho dos jornalistas, que respeitam práticas e agem sobre determinados padrões, que delimitam o ambiente

profissional no qual trabalham. Há formas de trabalhar a seguir, espaços geográficos a cobrir noticiosamente e tempos de noticiabilidade a cumprir de forma escrupulosa. Para isso, há que definir, previamente, certos parâmetros na atividade profissional.

Etimologicamente falando, a palavra «jornalista» significa «analista de um dia». Porém, essa análise não pode ser feita sem respeitar um ritmo e uma cadência próprios e anteriormente estabelecidos. Dominique Wolton defende que a “*informação tornou-se omnipresente, confinando uma tirania do instante. Sabemos tudo, de todos os cantos do mundo*” (1999: 224). Na mesma senda, Paul Taylor (1990: 25 apud. Patterson, 1997/2000: 82) fala do processo de reportagem como a busca estimulante atrás do agora. Mas esse saber tudo de todo o lado, a que Wolton se refere, não existe sem o estabelecimento de procedimentos específicos, as ditas rotinas produtivas, que correspondem a “*processos convencionalizados e algo mecanicistas de produção de alguma coisa*” (Sousa, 2000: 52).

Fishman (1980) já havia notado que era o trabalho rotinizado inerente aos processos de recolha e divulgação de informação, assim como a criação de uma especialização jornalística, que permitiam uma cadência contínua no circuito da comunicação. A este nível, a questão da eficácia é primordial no processamento das diferentes histórias jornalísticas. Jorge Pedro Sousa defende que “*as rotinas, enquanto padrões comportamentais estabelecidos são (...) os procedimentos que (...) asseguram ao jornalista, sob a pressão do tempo, um fluxo constante e seguro de notícias*” (2000: 53). Por outro lado, o mesmo investigador (2000: 53) vai, mesmo, mais longe ao afirmar que essas rotinas defendem os jornalistas de críticas e riscos.

Vários autores concluíram, através de uma observação não participante da prática redatorial, que o trabalho jornalístico resultava, todavia, e em grande parte, da intuição que os jornalistas manifestavam em relação a alguns acontecimentos, e não tanto pelas rotinas produtivas que, para estes investigadores, não seriam inerentes a todo o processo de informar. Jorge Pedro Sousa, por seu lado, tem outra visão dos factos, partilhando de uma ideia diferente:

“as rotinas são também o elemento mais visível que permite mostrar que a maior parte do trabalho jornalístico não decorre de uma pretensa capacidade intuitiva para a notícia nem de um hipotético “faro” jornalístico, mas de procedimentos rotineiros, convencionais e mais ou menos estandardizados de fabrico da informação na atualidade” (Sousa, 2000: 54).

Uma ideia semelhante à que John Soloski (1989/1999: 95) defende, e para quem o comportamento dos jornalistas está sedimentado em normas profissionais partilhadas.

Porém, essa partilha pode não resultar sempre da melhor forma no contexto do trabalho jornalístico. Os procedimentos rotineiros de que falamos são apontados como não vantajosos em certos aspetos, comprometendo, assim, o trabalho jornalístico nas suas mais amplas dimensões: ética e profissional. O seguimento diário de certas práticas rotineiras pode, entre outros, distorcer ou simplificar acontecimentos, constranger os jornalistas, caindo o jornalismo numa atividade burocrática, pelo que certos canais de rotina acabam por levar à institucionalização de certas fontes. Em último caso, a semelhança noticiosa entre diversos órgãos de comunicação social é um ponto negativo destas práticas rotineiras do jornalismo (Sousa, 2000: 54 a 56).

Michael Schudson já havia demonstrado que, com as rotinas, *“o repórter é libertado – da influência pessoal dos diretores – e ao mesmo tempo estrangido por ideias, valores e práticas imanentes ao trabalho das organizações noticiosas”* (1988: 23). E um dos estrangimentos que muitos se jornalistas se deparam é o tempo de que dispõe para fazer o seu trabalho. O jornalismo é uma atividade que vive do minuto, do instante, do agora. O ontem, já passou. E o amanhã, ainda está para vir. Tudo tem um tempo. E o tempo no jornalismo está sempre a acontecer.

A este respeito, Nelson Traquina defende que *“o próprio conceito de «atualidade» constitui o coração e a alma da atividade jornalística: o jornal, o telejornal, são supostos dar a conhecer o que há de «novo», o que «acaba» de acontecer”* (1988/1999: 174). As tarefas jornalísticas são, por isso, delimitadas pelo fecho da edição do jornal ou da emissão do telejornal. Já Mar de Fontcuberta (2002: 18) define o tempo como elemento básico de distinção entre a notícia e outro tipo de informações que são veiculadas através dos mais variados meios de comunicação. A autora refere que a atualidade é a essência do acontecimento jornalístico, pelo que a atividade jornalística se identifica com a seleção e difusão dos factos.

O tempo que medeia entre o desenrolar de um acontecimento e a sua transmissão pública não pode atrasar. Se isso acontecer, o jornalista pode estar a ser ultrapassado pelo seu colega. Um meio de comunicação pode estar a ser suplantado por outro. Na guerra da noticiabilidade do “que está a acontecer agora”, só sai vitorioso quem for mais rápido:

“palco de concorrência e luta pela prioridade, pela «notícia mais nova», o jornalista emprega a rapidez e a renovação permanente” (Santos, 2006: 19).

Philip Schlesinger (1977/1999) fez um estudo na redação da BBC e concluiu isso mesmo. Os jornalistas lidam com limites de tempo – a *“máquina do tempo”*, como lhe chama no título do seu texto – e o seu cumprimento é a chave do sucesso da atividade. O sociólogo britânico classifica os jornalistas como pertencentes a uma *“cultura cronometrizada”*, *“pautada pelas horas de fecho”*. Para o autor, o tempo constitui-se num dos mais importantes *“símbolos da cultura profissional do jornalista”*, chegando mesmo a denominar o conceito como possuidor de um *“caráter fetichista”* para os profissionais do jornalismo. A *“excitação”* e o *“perigo”*, advindos do facto de trabalharem com horas de fecho apertadas, são a base da interpretação que os jornalistas têm do significado do trabalho que desenvolvem.

Um dos jornalistas da estação pública britânica que Schlesinger entrevistou para o seu estudo refere que *“quando se tem uma notícia deve-se dá-la o mais depressa possível. Não se consegue saber todas as contingências”* (1977/1999: 180). O autor observa, também, que a cronamentalidade que enforma os jornalistas os faz associar a classificação noticiosa ao próprio fator tempo, levando-os a categorizar as notícias em *“breves”*, *“notícias de desenvolvimento”*, entre outras. O imediatismo, como diz o autor (1977/1999: 181), atua como uma medida para a deteriorabilidade: são quentes as notícias imediatas, e frias e velhas as que já não podem ser utilizadas no decorrer do dia noticioso.

Ainda a este nível, Michael Gurevich e Jay G. Blumler estudaram também, através de uma abordagem etnometodológica, a BBC ao nível da cobertura que a estação estava a fazer na altura da campanha legislativa britânica de 1979. Os autores concluíram, nessa observação, que

“o deadline exercia uma forte pressão sobre o editor político, que, uma hora ou menos antes de o boletim da noite estar no ar, podia ainda ser visto a fazer a composição das ligações entre os extratos dos discursos e as outras notícias no pacote eleitoral” (1982/1999: 211).

Este evoluir constante do tempo, e a sua relação com o trabalho em redação, não depende apenas do jornalista / autor da notícia. Existe um conjunto de outros jornalistas que, juntamente com ele, o ajudam no seu trabalho, prevendo-o ou controlando-o. O serviço de agenda das redações tem essa mesma função: prever os acontecimentos, ajudando o

jornalista no controlo do tempo de que dispõe para fazer, mais tarde, a cobertura jornalística dos mesmos. A este respeito, Nelson Traquina atenta que “*a empresa jornalística tenta planejar o futuro através do seu serviço de agenda, (...) permitindo assim a organização do seu próprio trabalho com uma certa antecedência*” (2002: 109).

Porque a organização jornalística trabalha dentro de um determinado ciclo de tempo, impondo regras à cobertura que é feita dos diversos acontecimentos noticiosos, torna-se, por isso, premente organizar a aparente instabilidade em algo organizado e expectável de acontecer. O “*bem altamente perecível*” de que fala Nelson Traquina (2004: 77), ou seja, a “*notícia como algo deteriorável*” como defende Schlesinger (1977/1999: 180) é, desta forma, transmitida de maneira mais segura no contexto de uma estrutura de mercado previamente estabelecida, onde dar primeiro é o mais relevante.

Ainda a respeito da “*tiranía do fator tempo*” no jornalismo a que muitos autores se referem, Thomas E. Patterson dá, também, uma imagem bastante contributiva do ambiente profissional com que os jornalistas se debatem diariamente, ao referir que:

“Cada dia é um começo do zero, uma nova realidade. A novidade é premiada e a sua infalibilidade também. Os jornalistas têm que ter uma “estória” para contar, e ela tem de ser sempre diferente da de ontem. A velocidade do ciclo noticioso e a procura implacável de “estórias” novas afasta o jornalista de certos desenvolvimentos e direciona-o para outros” (1997/2000: 82).

Importa, a este nível, frisar que este trabalho sob a égide do domínio do tempo para fazer o seu trabalho, não faria sentido se não se tivesse estabelecido, anteriormente, uma ordem no espaço. Referimo-nos, em específico, às estratégias de organização da empresa jornalística, que se definem através de uma repartição redatorial de acordo com delegações, correspondentes e colaboradores, alguns deles permanentes, com formação em diferentes áreas.

A este propósito, Rogério Santos (2006) refere que o trabalho jornalístico se desenvolve em etapas: seleção, hierarquização dos acontecimentos de acordo com o espaço e o tempo disponíveis, produção e contextualização. De alguma forma, tempo e espaço são duas realidades que andam a par no jornalismo. Para respeitar o tempo que separa entre a ocorrência de um acontecimento e a sua transmissão, é necessário estabelecer uma organização espacial dos meios humanos que possam fazer essa cobertura.

No respetivo contexto, Gaye Tuchman (1978) refere-se, em específico, às estratégias que os meios de comunicação utilizam para responder à necessidade de se organizarem no espaço: por um lado, dividem o mundo em “*zonas de responsabilidade territorial*”; por outro, optam por definir “*sentinelas*” que, de acordo com os valores-notícia, produzem acontecimentos que podem ser alvo de noticiabilidade nos mais variados meios de comunicação.

A este nível, no caso português, Nelson Traquina observa que “*é inegável a existência de grandes «buracos» na «rede noticiosa». A razão principal reside na extrema concentração dos recursos das empresas jornalísticas, em termos geográficos, em Lisboa*” (2002: 108). No entanto, o mesmo autor (2002: 115) é perentório em afirmar, igualmente, que a distribuição da rede noticiosa é fulcral no processo de produção da notícia.

O trabalho redatorial, como temos vindo a evidenciar, obedece a um conjunto de rotinas previamente estabelecidas que se organizam em termos de dois fatores chave: por um lado, o tempo para produzir a notícia e, por outro, o limite espacial de que o jornalista dispõe para trabalhar de forma a respeitar esse tempo de produção da notícia.

Mas, neste contexto, e porque falamos do campo profissional da atividade jornalística, importa não esquecer o peso que as fontes têm no seu trabalho, não só como “*dadores*” de informação, mas, também, como origem de diversas notícias. A relação diária entre jornalistas e fontes de informação faz parte, por isso, das rotinas produtivas jornalísticas, e é uma realidade importante que urge não esquecer. Em certos casos, ter boas fontes de informação pode significar ir mais longe na notícia que se está a dar, e fazer com que o imediatismo que medeia entre o acontecimento noticioso e a sua veiculação saiam favorecidos. Rogério Santos define “*fonte de informação*” como

“a entidade (instituição, organização, grupo ou indivíduo, seu porta-voz ou representante) que presta informações ou fornece dados ao jornalista, planeia ações ou descreve factos, ao avisar o jornalista da ocorrência de realizações ou relatar pormenores de um acontecimento” (2006: 75).

As fontes de informação desenvolvem, diariamente, e a cada minuto, várias rotinas de chegar perto dos jornalistas e das organizações em que estes trabalham, seja através do envio de comunicados de imprensa, conferências de imprensa, visitas e/ou refeições em que a imprensa é o principal motivo da sua realização. Faz parte da rotina profissional de

um jornalista receber, de múltiplas formas, alguma espécie de comunicação como a que mencionámos.

A este respeito, Harvey Molotch e Marilyn Lester falam do conceito de “*promoção*”, que entendem como “*a ação de um ator, que ao presenciar uma ocorrência ajuda a torná-la pública para um grande número de pessoas*” (1974/1999: 39). A continuidade e permanência com que fontes de informação, oficiais ou não oficiais, contactam com os jornalistas são essenciais para garantir que as mensagens chegam ao destino, e são alvo de noticiabilidade. Algumas vezes, isso acontece. Muitas vezes, não se verifica. Mas o contrário também existe. Os jornalistas contactam as suas fontes em busca de algo que possa ser noticiado, ou de que algum aspeto possa complementar a notícia sobre a qual estão a trabalhar. Trata-se de uma dupla necessidade: as fontes precisam dos jornalistas para divulgarem algo, e os jornalistas precisam das fontes para ter objeto de divulgação.

Jay G. Blumler e Michael Gurevich (1995) estudaram esta mesma realidade e concluíram que, no caso específico da relação entre jornalistas e políticos, os primeiros estão interessados em obter informações novas e os segundos em serem conhecidos e em passar certo tipo de informações que lhe convém na sua atividade.

Na relação entre jornalista e fonte de informação, há direitos e deveres a garantir. O respeito pela confidencialidade das fontes, e o recusar de pressões por parte dos jornalistas são pedras basilares neste contacto. É por isso que, como diz Herbert Gans (1979), os jornalistas fazem a escolha das fontes de informação que precisam com base na “*conveniência*” de que estas se revestem para certas notícias, nomeadamente através “*fiabilidade*”, “*respeitabilidade*” e da “*capacidade que têm para produzir informação*”. Da mesma forma, Mauro Wolf resume bem esta atividade / necessidade entre jornalistas e fontes nas rotinas diárias:

“a rede de fontes que os órgãos de informação estabelecem como instrumento essencial para o seu funcionamento, reflete, por um lado, a estrutura social e de poder existente e, por outro, organiza-se a partir das exigências dos procedimentos produtivos” (2003: 224 e 225).

Por fim, e ainda no contexto da atividade rotineira em redação, importa atentar em que medida é que a especialização jornalística em determinadas áreas da realidade influi nas rotinas produtivas e no produto jornalístico final: a notícia.

O conhecimento anterior sobre um dado tema, ou o acompanhamento sistemático de um tema por parte do mesmo jornalista, facilita a percepção que o mesmo tem de um dado acontecimento noticioso inserido dentro desse tema. Áreas como economia ou política exigem o domínio de um certo jargão particular, por vezes técnico, que nem todos os jornalistas possuem. A experiência ou o gosto pessoal, nestes casos, pode ser essencial para se compreender o que está a acontecer e perceber a melhor forma de transmitir esse acontecimento, no mínimo tempo possível.

Rogério Santos (2006: 47) defende que a especialização se traduz “*no melhor conhecimento de uma temática, o que habilita os jornalistas a produzirem bons textos e poderem constituir manchetes ou chamadas de atenção na primeira página da edição*”. Podemos dizer que um jornalista é tanto mais especializado num dado tema quanto mais trabalha sobre ele, quanto mais tempo tem para investigar sobre o mesmo. O mesmo autor refere que essa especialização “*conduz a um aumento de notícias de investigação no conjunto das peças jornalísticas*” (2006: 48).

Uma redação de informação está organizada por editoriais, e dentro de cada uma delas, existe um editor principal, e, por vezes, subeditores, e jornalistas, alguns mais especialistas em determinadas áreas. E é, exatamente, neste contexto que se faz uma distinção, ainda que, na maioria dos casos, não direta, entre jornalistas especialistas e jornalistas generalistas. Se aos jornalistas especialistas corresponde o domínio de um tema, a profundidade da análise, tendo um elevado *background* do mesmo, os generalistas caracterizam-se por serem menos exaustivos e corretos nas análises que fazem dos acontecimentos, por produzirem notícias sobre temas muito diversificados. Assim, Rogério Santos (2006: 47) atenta que o jornalista generalista realça o incidente e não a sua origem, superiorizando o acontecimento e não a problemática que o envolve.

Na prática redatorial e informativa esta especialização pode ser vantajosa ou não. Herbert Gans (1979), numa investigação que realizou nas redações das estações de televisão americanas CBS e NBC, bem como nas revistas *Newsweek* e *Time*, observa que “*se um jornalista está muito por dentro de um tema, é considerado um especialista. Mas para a audiência isso não é bom, porque está longe de comunicar da melhor forma com ela*” (1979: 143). O que o autor defende é que o jornalista pode tornar-se demasiado técnico e

hermenêutico, esquecendo-se que ele, autor, domina bem o tema, mas quem está a ler, a ver ou a ouvir o que ele diz, não possui o mesmo grau de conhecimento.

Para além disso, Rogério Santos (2006: 48) fala em vantagens e desvantagens desta prática que diz ser crescente nas redações: se é verdade que o jornalista que trabalha uma área durante um longo período se torna num conhecedor profundo dos temas, também é relevante o facto desse envolvimento o impedir de descobrir o que está para além desses temas.

Como observámos, as rotinas produtivas são essenciais quando queremos perceber de que forma se reveste o quotidiano jornalístico em redação. São essenciais no momento primeiro do seu trabalho: a recolha de informação. Sem o estabelecimento destas práticas, o trabalho dos jornalistas seria mais tortuoso e complicado. Definir tempos de produção da notícia, estabelecer espaços de cobertura noticiosa, manter uma relação ou praticar o contacto com fontes de informação, são três características que formam um triângulo em que todos os lados se interligam naquele que é o “*julgamento noticioso*”. A razão é apenas uma: informar.

Como seguidamente veremos, “*o julgamento noticioso, afetará igualmente o processo global de newsmaking, nomeadamente ao nível da seleção (gatekeeping)*” (Sousa, 2000: 51).

2.2 Os acontecimentos noticiosos: o plano da história

A produção da notícia, de acordo com o cumprimento das rotinas produtivas que caracterizam o jornalismo, é um processo que se inicia com a escolha e seleção de um acontecimento, sendo que a importância de que o mesmo se reveste está dependente da importância da mensagem que encerra em si mesmo.

Francisco Rui Cádima atenta que “*o facto de um qualquer acontecimento ter tido lugar, não o legitima, ou melhor, não o torna imediatamente histórico*” (1996: 122). O que o autor diz é que se um acontecimento está de acordo com os critérios dos valores informativos, então irá atrair mais atenção e apresentar uma maior probabilidade de ser selecionado pelo jornalista como acontecimento jornalístico.

Já Miquel Rodrigo Alsina (1993: 97) dá uma imagem quando atenta na forma como os acontecimentos surgem, observando que se pensarmos o mundo como algo estável, o acontecimento é o que aparece e desaparece na superfície dessa estabilidade.

A mesma ideia se depreende da leitura do texto de Adriano Duarte Rodrigues (1988a: 9) sobre a definição e importância do acontecimento ao nível jornalístico. O autor acentua que o acontecimento sobressai na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade de factos virtuais, sendo que é em função da maior ou menor previsibilidade que esses factos conseguem um estatuto de acontecimento do ponto de vista jornalístico.

Também José Rebelo concorda com esta definição de acontecimento. Se Rodrigues fala no surgimento dos acontecimentos a partir de “*factos virtuais*”, Rebelo refere-se a “*ocorrências*”: “*para que uma ocorrência ganhe o estatuto de acontecimento é necessário que se verifique uma modificação no estado do mundo fenomenal, desequilibrante e ressentida pelos sujeitos, produzindo, assim, um «efeito de relevância»*” (2002: 116).

Para Alsina os acontecimentos têm ainda outra característica especial, na medida em que “*os média aproximam-nos dos acontecimentos de uma forma absolutamente distinta (...) mostram-nos acontecimentos em que não participámos, ou, naqueles em que participámos, aproximam-nos deles de uma nova forma, mais real*” (1993: 90).

Mas a natureza dos acontecimentos jornalísticos tem um carácter especial. Rodrigues (1988a: 9) defende que estes acontecimentos se distinguem dos demais pelo facto de apenas serem considerados em termos noticiosos em função da classificação de

importância que apresentam. O autor refere, especificamente, a existência de “*registos de notabilidade dos factos*” para estes se constituírem em acontecimentos noticiosos. Rodrigues (1988a: 9) fala em registo de “*excesso*”, que corresponde a um facto que foge à norma estabelecida, o registo de “*falha*”, que acontece quando algo não decorre como era expectável que acontecesse, e o registo de “*inversão*”, quando os papéis dos intervenientes envolvidos no facto estão trocados.

Numa aplicação prática destes registos, Cristina Carmona Penedo estudou empiricamente o crime nos média nas suas mais amplas e diversas manifestações, observando que

“pelos contornos de violência (excesso), de rutura com o normativo (falha), de bizarrria e perversidade (inversão), as histórias acumulam atributos de notabilidade que as tornam matéria mediática de grande projeção, a que se associa uma forte componente dramática, elemento galvanizador da atenção do público” (Penedo, 2003: 41).

Porém, no decorrer do dia noticioso, são numerosos os factos com que os jornalistas se deparam, e o seu poder de cativação em relação ao olhar dos jornalistas não é todo igual, estando, em grande parte, dependentes das suas características e da forma, local e intervenientes que aí tomam parte, ou, também, de quem os promove.

Harvey Molotch e Marilyn Lester (1974/1999), num artigo sobre o uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos, fizeram uma distinção entre os diversos acontecimentos públicos noticiosos, repartindo-os em diferentes tipologias. Para os autores, os “*acontecimentos de rotina*” devem ser reconhecíveis pelo facto de se realizarem “*intencionalmente*”, pela mão de um “*executor*”, pelo que já são esperados. Já nos acontecimentos que denominam de “*acidentes*”, os mesmos correspondem a factos que acontecem de forma “*não intencional*” ou expectável. No caso dos “*escândalos*”, os jornalistas estão perante acontecimentos que podem partilhar das características dos dois primeiros tipos, divergindo, apenas, no elemento promotor do acontecimento, que não corresponde àquele que originalmente o despoletou. Molotch e Lester falam ainda de um último caso, que apelidam de “*serendipity*”, que são acontecimentos que surgem por acaso, e que têm características de “*acidente*” e de “*rotina*”, pelo que o acontecimento não é planeado, mas é promovido pelo “*executor*”

Como se observa, o que está em causa para um facto submergir como acontecimento depende, apenas, do carácter de noticiabilidade que o mesmo apresenta, isto é, a “*aptidão*” que demonstra ter para se transformar em notícia. Neste sentido, Mauro Wolf define,

então, que *“a noticiabilidade é constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos (...) para adquirirem a existência pública de notícias. Tudo o que não corresponde a esses requisitos é «excluído»* (2003: 190).

O mesmo autor fala ainda da noticiabilidade como uma realidade jornalística que junta *“critérios”, “operações” e “instrumentos”* através dos quais os órgãos de informação escolhem, de entre a totalidade de factos que ocorreram, aqueles que podem vir a originar material noticioso suscetível de ser trabalhado em redação. Esta ideia vai ao encontro da observação de Gaye Tuchman (1972/1999: 85) que, pelo contacto com diferentes jornalistas e pela análise etnometodológica que realizou em diversas redações, conclui que a perspicácia noticiosa corresponde a uma capacidade secreta do jornalista.

Nelson Traquina (1988/1999: 169) resume bem esta atividade de transformar acontecimentos em notícias, uma vez que para si as notícias são o resultado de um processo que envolve a produção, seleção e transformação dos acontecimentos em notícias. O mesmo refere Alsina (1993: 91), atentando que o acontecimento corresponde à mensagem recebida e a notícia à mensagem emitida.

Mas toda esta ação de transformar e dar vida noticiosa aos diversos acontecimentos não seria possível sem o estabelecimento de uma padronização de valores-notícia que ajudam a avaliar a noticiabilidade de um dado acontecimento, ou, muitas vezes, a criar a urgência de noticiabilidade. Nesta perspetiva, Herbert Gans confere uma imagem significativa da ação jornalística. O investigador refere que os *“jornalistas criam a atualidade (...) veem a realidade exterior como um conjunto de acontecimentos diferentes e independentes, cada um dos quais é novo e pode, por isso, ser relatado como notícia”* (1979: 167).

De facto, nem tudo o que acontece é notícia. Para o ser, o acontecimento tem que ser reconstruído na notícia sob o olhar do jornalista, sendo por isso feita de acordo com o respeito e cumprimento de certos valores em detrimento de outros menos relevantes.

Nelson Traquina define os valores-notícia como *“um elemento básico da cultura jornalística, partilhado pelos membros desta comunidade interpretativa. Servem de «óculos» para ver o mundo e para o construir”* (2002: 203). Com a mesma ideia no horizonte, John Hartley (1982: 80) refere que esses valores correspondem a um código particular, peculiar e ideológico de ver o mundo. Ainda sobre a definição do conceito, Golding e Elliot (1979: 114, apud. Wolf, 2003: 196) atentam que os valores/notícia servem

de linhas-guia para a apresentação do material jornalístico, ajudando a decidir o que realçar, omitir e priorizar na notícia.

Um entendimento semelhante apresenta, também, David Manning White (1950/1999). Depois de ter observado a atividade um jornalista de meia-idade num jornal norte-americano, conclui que o processo de seleção de acontecimentos é subjetivo e arbitrário, sendo as decisões do mesmo jornalista extremamente subjetivas e feitas com base em juízos de valor, norteados por aquelas que são as experiências do *gatekeeper*.

Por outro lado, Warren Breed (1955/1999) considera que o jornalista está mais conformado com as normas que vigoram na política editorial da organização do que com crenças particulares que o mesmo possa demonstrar em relação aos acontecimentos e à prática redatorial. Mas é Mauro Wolf (2003: 197 e 198) quem refere que a existência dos valores-notícia tem um objetivo muito concreto e bem definido: atingir um conjunto de “*fins práticos*” de uma forma previamente programada, com o intuito de tornar exequível a repetição de certos procedimentos aquando da análise dos diversos factos ou ocorrências. É por isso que esses valores “*mudam no tempo*”, apesar da forte “*homogeneidade*” no seio da cultura profissional dos jornalistas.

A observação empírica da atividade jornalística por parte de Johan Galtung e Mari Holmboe Ruge (1965/1999: 61-73) levaram a que estes investigadores fossem os percussores, de uma forma sistemática e exaustiva, da tipificação dos valores-notícia. Estes autores foram os primeiros a ressaltar a existência de critérios de noticiabilidade dos acontecimentos, os quais se sobrepunham à atividade e poder do *gatekeeper*. Os autores procuraram, com a investigação, responder a uma questão única e, desde logo, bem definida: “*Como é que os «acontecimentos» se transformam em notícias?*”

Em resposta à pergunta, os investigadores enumeraram doze valores-notícia que julgaram ser inerentes ao trabalho jornalístico: a “*frequência*”, que define que quanto mais a frequência do acontecimento for semelhante à frequência do meio noticioso, mais probabilidades existe de dar origem a uma notícia; a “*amplitude*”, que os autores enumeraram pelo facto de existir um limiar que o acontecimento tem de ultrapassar antes de dar origem a uma notícia; a “*clareza*”, que refere o facto de o acontecimento ser inequívoco como obrigação para ser notado; a “*significância*”, relacionada com o impacto ou proximidade cultural do acontecimento em relação ao leitor, ouvinte ou espectador da notícia que vai ser transmitida; a “*consonância*”, pelo facto do acontecimento ter que

apresentar um discurso que seja semelhante a outros que já se passaram e que com ele estão relacionados; o “*inesperado*”, porque são esses acontecimentos que atraem a atenção de alguém; a “*continuidade*”, ao referirem que quando um acontecimento é noticiado em algum meio de informação, é expectável que continue a sê-lo por mais algum tempo; a “*composição*”, que está relacionada com o equilíbrio que a redação dá aos acontecimentos a transformar em notícia, com base num equilíbrio de assuntos e temáticas a abordar num espaço informativo; a “*referência a nações de elite*” e “*referência a pessoas de elite*”, pelo facto da importância destas nações e pessoas se revestir de uma importância noticiável; a “*personalização*”, que corresponde à capacidade dos acontecimentos se centralizarem numa ou em várias pessoas, combatendo-se, desta forma, a dispersão, e a “*negatividade*”. Neste último caso, os autores referem que as notícias negativas satisfazem melhor o critério de frequência, são mais consensuais e inequívocas, mais consonantes e mais inesperadas que as positivas.

No caso específico da “*referência a nações de elite*” e da “*referência a pessoas de elite*”, Herbert Gans dá um exemplo claro desta atitude: refere que, por exemplo, “*a hierarquia governamental é visível e está solidamente definida em termos de autoridade, o que facilita a tarefa dos jornalistas nas avaliações de importância*” (1979: 147).

Já Elihu Katz, numa observação comparativa a propósito do valor-notícia “*negatividade*”, atenta que “*o jornalismo ocidental difere do jornalismo oriental na ênfase que dá aos acontecimentos negativos, às coisas que correm mal. Se a abertura de uma fábrica é notícia na Europa de Leste, é o encerramento de uma fábrica que é notícia no Ocidente*” (1979/1999: 55).

Também os académicos canadianos Ericson, Baranek e Chan (1987: 139-140), defenderam a multiplicidade e entrecruzamento de valores-notícia, pelo que, para eles, sugerir uma enumeração de valores-notícia não é um trabalho fácil. Porém, os autores fazem uma análise diferente, referindo que os valores-notícia não possuem um carácter primordial para atividade jornalística, antes ajudam os jornalistas a vislumbrar se os diversos acontecimentos são importantes. Assim, apresentam como principais valores-notícia: a “*simplificação*” do acontecimento, isto é, a clareza que o mesmo ostenta em si mesmo; a “*dramatização*”, relacionada com eventuais desenvolvimentos dramáticos que o acontecimento encerra em si mesmo e, por isso, pode vir a constituir-se num chamariz da atenção do público; “*a personalização*” dos acontecimentos, pelo facto de se centrarem em

indivíduos; a “*consonância*” com outros acontecimentos similares; o “*inesperado*” e a “*infração*”, pelo facto dos autores entenderem o jornalismo como uma atividade de policiamento da sociedade.

Já a abordagem desta temática por Mauro Wolf (2003) é feita de forma diferente e complementar, ao definir os critérios que fazem uma boa “estória”. O investigador distingue entre “*valores-notícia de seleção*”, que divide em “*critérios substantivos*” e “*critérios contextuais*”, e “*valores-notícia de construção*”. Nelson Traquina (2002: 187 a 200), por seu lado, estabelece uma enumeração dos valores-notícia que correspondem a cada um deles.

Aos “*valores-notícia de seleção – critérios substantivos*”, que dizem respeito ao conteúdo do acontecimento, isto é, “*a importância e o interesse da notícia*” (Wolf, 2003: 200), Traquina faz corresponder: a “*morte*”, porque, afinal “*onde há morte há jornalistas*” (2002: 187); a “*notoriedade do agente principal do acontecimento*”; a “*proximidade*” do acontecimento; a “*relevância*” que o mesmo apresenta; a “*novidade*” de que o acontecimento se reveste; o “*tempo*” em que ocorre; a “*efeméride*”, isto é, se corresponde a um acontecimento que, em termos de calendário, importa destacar; a “*notabilidade*”, enquanto qualidade do acontecimento ser visível e tangível, considerando-se, para tal, diversos registos de notabilidade – a quantidade de pessoas que o acontecimento envolve, a fuga ao normal, o insólito e o excesso/ escassez dos factos e pessoas envolvidas –; o “*inesperado*”, e o “*conflito ou a controvérsia*” dos factos e dos envolvidos no acontecimento.

No caso dos “*valores-notícia de seleção – critérios contextuais*”, os mesmos dizem respeito à produção da notícia. Aqui inserem-se os valores notícia de “*disponibilidade*”, que corresponde à facilidade com que é possível fazer a cobertura do acontecimento; o “*equilíbrio*”, isto é, a noticiabilidade de um evento pode estar relacionada com a quantidade de notícias sobre esse evento ou assunto; a “*visualidade*”, pois o facto de existirem elementos visuais, como fotografias ou filme, é crucial em certos meios de comunicação (caso da televisão); a “*concorrência*”, pelo facto dos jornalistas e as empresas jornalísticas procurarem um acontecimento onde configuram algo que a concorrência não tem, e o “*dia noticioso*”, pois há dias ricos e pobres em acontecimentos com valor notícia.

Quanto aos “valores-notícia de construção”, os mesmos correspondem às qualidades da sua construção como notícia, ou seja, são “os critérios de seleção dos elementos dentro do acontecimento dignos de serem incluídos na elaboração da notícia” (Traquina, 2002: 198). Aqui entram a “simplificação” do discurso, isto é, se os elementos do acontecimento são passíveis de serem transmitidos através de um discurso simples e claro; a “amplificação”, que corresponde à capacidade do acontecimento atingir vários envolvidos e chegar ao maior público possível; “a relevância” que o acontecimento apresenta; a “personalização”, que corresponde à capacidade do acontecimento e dos jornalistas em individualizarem pessoas e factos; a “dramatização” e a “consonância” do discurso jornalístico.

Mas porque este trabalho tem por objeto estudar a informação televisiva, importa atentar nos valores-notícia que estão na origem da informação veiculada, uma vez que a motivação e avaliação da noticiabilidade em televisão difere daquela que é praticada noutros meios de informação. Nas redações de informação das estações de televisão, o recurso à avaliação dos valores-notícia presentes nos acontecimentos é prática comum. No caso particular dos canais de televisão privados, esse uso é ainda mais recorrente e realizado de forma particular, uma vez que o valor-notícia acaba por unificar diferentes posições ideológicas entre jornalistas e *gatekeepers* sob a égide da objetividade, tornando-se a notícia num produto criativo e não num reflexo da realidade, como defende John Hartley (2004: 265).

Nuno Brandão (2010: 141), num estudo realizado em 2006 sobre a informação transmitida pelos quatro canais generalistas portugueses, chegou à conclusão que os valores-notícia presentes nos noticiários televisivos obedecem, principalmente, ao inesperado e negativo. O autor conclui, mesmo, que todos os telejornais portugueses se aproximaram daquilo a que apelida de “*jornalismo popular-sensacionalista*”, onde os valores-notícia ligados ao apelativo e sensacional são predominantes. O dramatismo, a emoção e o espetáculo são, recorrentemente, aquilo que os canais procuram com a informação que transmitem.

Todos estes fatores levam Brandão a concluir que “a prática jornalística ao dar maior «valor-notícia» aos acontecimentos calamitosos do que aos geradores de conhecimento está, sobretudo, a reger-se por uma visão mercantil da informação” (2010: 52).

Também Glen Creeber (2001) faz uma leitura semelhante desta realidade. Para si, são as histórias de interesse humano que, de alguma forma, demonstrem algum ponto de conflito, controvérsia ou invulgaridade no seu conteúdo, aquelas que os telespectadores tendem a considerar televisivamente interessantes. Creeber (2001: 115) atenta no facto de, em

televisão, os acontecimentos, para terem valor-notícia, devem conter boas imagens, apresentando ocorrências dramáticas que tenham decorrido em larga-escala, sendo, ao mesmo tempo, inesperados, negativos ou conter violência, crime, confronto ou catástrofe.

Relacionado com este ponto está a observação de Umberto Eco sobre a preponderância do “novo” no universo da informação televisiva: *“o facto de ontem já não é notícia [porque] saber que uma coisa aconteceu não me ajuda a modificá-la; saber, pelo contrário, o que está a acontecer, faz-me sentir corresponsável do acontecimento”* (1991: 385).

Na mesma senda, Fernando Correia (1997) aponta o “interesse” como essencial na aferição do valor-notícia de um acontecimento em televisão. Diz o autor que, na prática redatorial quotidiana, os jornalistas tendem a ver os acontecimentos com base no facto de eles poderem vir a suscitar curiosidade e prender a atenção do público. Nesta situação em específico, a tónica coloca-se, sobretudo, na questão de os jornalistas deverem ou não limitar-se a oferecer ao público o importante ou aquilo que a audiência gosta, de forma a crescer nas audiências.

Em televisão, Correia (1997: 146) diz que os jornalistas são direccionados para darem primazia nas reportagens a ângulos de abordagem que favoreçam e despoletem esse interesse pela notícia, procurando transmitir-se uma mensagem que esquece o essencial e se centra no acessório. A conciliação entre interesse e importância são a chave, defende o autor, para uma informação de qualidade. Fernando Correia observa, ainda, que em televisão, a “brevidade”, a “atualidade” e o “equilíbrio” são critérios fulcrais na informação televisiva. Notícias curtas e concisas facilitam a perceção da mensagem. Da mesma forma, em televisão é o novo, aquilo que está acontecer agora, o “última hora” que adquire relevo. Sobre o “equilíbrio”, o autor aponta que, sendo o telejornal *“um todo composto por diversas temáticas”*, a inclusão de um determinado *“acontecimento depende muito do facto de as suas características se integrarem (ou não) harmoniosamente na pretendida coerência do conjunto”* (Correia, 1997: 158).

Esta situação pode desencadear a questão sobre se esta ponderação de valores-notícia conduz a uma focalização das notícias apenas em acontecimentos e não tanto em problemáticas / temas. Sobre o tema em questão, Thomas E. Patterson é bastante crítico: *“por tradição, as notícias apoiam-se mais nos acontecimentos do que nos temas subjacentes e fundamentais da sociedade. Os acontecimentos são a ponta do iceberg, de uma realidade mais vasta”* (1997/2000: 80). Na mesma linha de pensamento, Nelson

Traquina (1988/1999: 175) afirma que o ritmo de trabalho jornalístico conduz a uma ênfase dos acontecimentos sobre as problemáticas. A título de exemplo, e de justificação prática destas ideias, o “*Relatório de Regulação da Entidade Reguladora para a Comunicação Social – ERC*” de 2009 refere que, no caso da informação do “Jornal da Noite” da SIC, nesse ano, de um total de 1.468 peças analisadas, 1.387 seguiram uma orientação para o acontecimento e, apenas, 81, uma orientação para a problemática. No relatório pode ler-se que as peças orientadas para os acontecimentos são, geralmente, reativas, no sentido em que os canais de televisão apenas reagem aos mesmos. Já nas peças orientadas para uma problemática, denota-se uma pro-atividade do jornalista, estando envolvida a investigação jornalística (2010: 180).

Como expusemos neste capítulo, nem todos os valores-notícia têm o mesmo peso no trabalho jornalístico. Se tal acontecesse, como refere Herbert Gans (1979) os jornalistas veriam o seu trabalho dificultado, porque não teriam o tempo necessário para os tomar a todos em consideração: alguns demonstram quase sempre relevância, e outros variam consoante o acontecimento.

Adriano Duarte Rodrigues aponta, contudo, uma ideia relevante: “*ao relatar um acontecimento, os média, além do acontecimento relatado, produzem ao mesmo tempo o relato do acontecimento como um novo acontecimento que vem integrar o mundo*” (1988a: 12). Na informação televisiva, esta realidade é ainda mais evidente. Num momento em que o mercado concorrencial é a palavra de ordem para as estações de televisão, o resultado só pode ser o do surgimento de um novo estilo de informar e de contar a estória.

Os meios de comunicação, em específico a televisão, são, atualmente, o lugar onde a sociedade toma conhecimento sobre o real. Através da informação, sabe o que acontece ao seu lado e, também, do outro lado do mundo. Acompanha o evoluir do tempo a partir de uma perspetiva informativa. Toma contacto com histórias que de outra forma nunca chegaria a conhecer. É por isso que Francisco Rui Cádima salienta que “*a televisão (..) toma de certa maneira o lugar de legitimação do acontecimento, lugar esse que competia à história, designadamente no século passado*” (1996: 125). A forma como o fazem, ou seja, como se constrói a narrativa informativa em televisão é aquilo que iremos observar no próximo capítulo, até porque “*enquanto os valores-notícia são cruciais na seleção paradigmática dos acontecimentos, na construção sintagmática desses acontecimentos em notícias a sua importância é reduzida*” (Hartley, 1982: 81).

2.3 A força da narração da notícia: o plano do discurso

2.3.1 O discurso jornalístico como reflexo de um saber de narração e do respeito pela objetividade

Depois de praticadas as rotinas produtivas e feita a avaliação dos acontecimentos, importa que o jornalista consiga contar a estória noticiosa da forma mais coerente. O trabalho jornalístico é, por isso, um trabalho que se assemelha ao de um contador de histórias. Sucedem-se acontecimentos e procuram-se as pessoas envolvidas. Quer-se a voz de alguém para que os factos ganhem vida. Do acontecimento nasce, assim, a sua construção jornalística em notícia.

Em conversas várias no seio da redação de informação da SIC durante o período de estágio, com jornalistas e editores de imagem, foi comum ouvir afirmações do estilo: “*Somos especialistas em tudo e em coisa nenhuma*”; “*Somos verdadeiros doutores em generalidades*”, ou “*Damos o mundo a conhecer aos outros e, claro, a nós próprios*”. Efetuada a devida reflexão sobre estas observações advindas da experiência em redação, perspetiva-se uma semelhança com o pensamento de Nuno Brandão, quando o autor refere que “*os acontecimentos transformados em notícias não são só transmitidos pelos média, pois são também descodificados por eles*” (2005: 107). A mesma leitura é desenvolvida por Gaye Tuchman (1972/1999: 77), ao defender cada notícia é uma compilação de factos que são avaliados e estruturados pelos jornalistas.

Com efeito, a avaliação, a estruturação e a narração dos factos é crucial no trabalho jornalístico. Sem estas três vertentes, a atividade redatorial não iria trazer inteligibilidade à notícia, e a informação, no sentido lato do termo, não seria, de todo, conseguida. Até porque, como aflora Nuno Brandão (2005: 105), narrar é refletir sobre os acontecimentos, aos quais acresce valor quando é feita a respetiva análise explicativa e conceptual. Francisco Rui Cádima apresenta um entendimento complementar a esta ideia. O autor escreve que “*no limite, o real rebate-se no discurso sem que este o consiga «dizer», o que permite verificar que o acontecimento é de facto produzido, desde logo, nas próprias narrativas que o descrevem*” (Cádima, 1996: 126).

Esta incapacidade do discurso jornalístico dizer, na sua plenitude, o real, conduz-nos diretamente ao tema base deste trabalho: a construção narrativa das notícias em televisão. Por isso, importa perceber de que forma os jornalistas transformam esse real e o tornam

compreensível ao público. Essa transformação não consiste em falsificar os acontecimentos, antes em torná-los, suficientemente, claros para que o ato de informar se efetive.

Neste contexto, para Nuno Brandão (2010: 166) o caso da televisão é flagrante, porque a cultura televisiva e os conteúdos e notícias aí veiculados constituem em importantes patrimónios culturais de um país, dada a sua visibilidade. O nível de importância que é conferido à informação em televisão é, sabe-se, muito elevado. Por isso, o investigador Justin Lewis (1994: 27) atenta na existência de uma responsabilidade cidadã em “*saber o que se passa*”, assumindo que ver notícias em televisão funciona como um “*alívio*” em relação a essa responsabilidade, que adjetiva de “*breve e indolor*”.

Mas esse foco de atenção por parte dos telespectadores, essa responsabilidade em estar informado, não se verifica se as notícias não apresentarem um certo nível de interesse porque, refere ainda Lewis (1994: 29), não é tanto o que os jornalistas dizem que despertam a atenção do telespectador, mas a forma como o dizem. Este aspeto de ficar vidrado no que está a ser transmitido é crucial na informação televisiva. Vários estudos têm comprovado que “*a retenção dos temas abordados nas notícias televisivas é baixa (...) [pelo que essa] retenção e compreensão podem claramente ser melhorados se forem usadas ferramentas narrativas nas notícias*” (Machill et al., 2007: 186).

Pensar nessas diversas ferramentas narrativas direciona-nos, antes de mais, para a distinção entre “*história*” e “*discurso*” que, apesar de serem realidades diferentes, são, igualmente, inerentes uma à outra quando se fala do processo de narração de notícias em televisão:

“a história é um conjunto de acontecimentos que são representados. Potencialmente, estes podem ser ditos em qualquer ordem (cronologicamente, ou em flashback, por exemplo) e com qualquer ênfase. O discurso é o processo narrativo que põe os acontecimentos da história por ordem, com forma e direção” (Bignell, 2004: 100).

A definição de Jonathan Bignell é fulcral nesta ideia: os jornalistas deparam-se com uma “*história*” para a qual, depois de avaliada segundo os valores-notícia, têm que construir um “*discurso*” que a relate com um significado informativo claro. É por isso que, com o discurso, a narrativa noticiosa ganha “*significância e desenvolvimento lógico*” (Casey, 2002: 138).

Já Michael Gurevitch e Anandam Kavoori referem que a “*distinção entre história e ordem do discurso se estabelece a partir de dois elementos da estrutura narrativa: tempo e*

valência” (1994: 11): o “*tempo*” enquanto ordem pela qual a estória é contada, e “*valência*” como o domínio e relevância que certos elementos adquirem nessa estória.

Também John Fiske (1994: 95) defende, a este propósito, uma perspectiva complementar, considerando os programas televisivos como resultado da leitura e do ato de desfrutar por parte da audiência. Como o autor refere, a função dos discursos não está só na produção e leitura textual, mas também na criação de um sentido, uma vez que, complementa Correia (2011: 43), “*o estudo do discurso demonstrou que as mensagens jornalísticas não são transparentes, mas o resultado de uma atividade construída pelos seus falantes*”. Essa construção do relato informativo é essencial para que, no entendimento de Gaye Tuchman (1972/1999: 97), as “*ocorrências*” adquiram existência como acontecimentos públicos, dotando-os de caráter e conferindo-lhes certos pormenores específicos.

Os quadros simbólicos nos quais os jornalistas inscrevem os acontecimentos estão, por isso, dependentes da forma como estes os observam. Todavia, Francisco Rui Cádima aborda uma perspectiva diferente no entendimento que faz do conceito de “*discurso*”. Para si, “*o discurso não é um conjunto de signos, mas antes um conjunto de práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam*” (Cádima, 1996: 129). Refere-se, em concreto, a práticas discursivas inerentes ao ambiente de redação.

A razão e a origem deste tipo de “*discurso*”, orientado pelos jornalistas, estão bem definidas. Por um lado, como defende Nuno Brandão (2010: 27), serve para organizar a experiência do aleatório, conferindo-lhe racionalidade. Por outro, diz o mesmo investigador, ajuda a formatar a mentalidade pública sobre dos assuntos de atualidade.

Num texto sobre o espaço comunicacional nas democracias liberais, Maria João Silveirinha aborda uma ideia que se relaciona com a de Brandão, ao apresentar o conceito de “*mapas mundo*”, que diz ser o resultado da forma como “*pela sua seleção e mostra das notícias diárias, os jornalistas fornecem-nos as pistas sobre quais são os tópicos importantes do mundo*” (2004: 111). Ideia semelhante à de Creeber (2001: 114), que defende que os média influenciam a forma como percebemos o mundo, tendo algum controlo sob o que vemos.

Também José Manuel Paquete de Oliveira (1988: 85-94) apresenta a tese segundo a qual os média desempenham uma dupla mediação em relação ao público: não só uma “*mediação cognitiva*” enquanto dão as notícias, visto que relatam e reproduzem a realidade, criando símbolos, percepções e visões do mundo, mas, também, uma “*mediação*

estrutural”, pois no discurso sobre os acontecimentos os média produzem a própria realidade.

O pensamento segundo o qual os média em geral, e a televisão muito em particular, ajudam e, de alguma forma, condicionam o público sobre o que e como pensar, tem sido amplamente alvo de discussão. Todavia, é unânime que “*o jornalista não pode ser apenas considerado como a fonte que comunica, mas sim, e sobretudo, como o que produz e reproduz conhecimento para os cidadãos*” (Brandão, 2010: 33). Considera-se, assim, que o conhecimento gerado pelos profissionais do jornalismo advém, em grande parte, do seu papel enquanto “*leitores privilegiados dos acontecimentos, a partir dos quais constroem mundos possíveis*” (Alsina, 1993: 188), que irão, posteriormente, transmitir ao público. Alsina (1993: 188-190) refere, por isso, que na reconstrução do acontecimento em notícia intervêm três mundos: o “*mundo real*”, o “*mundo de referência*” e o “*mundo possível*”. O primeiro corresponde ao mundo dos acontecimentos, do que se passou e vai ser relatado. Já o “*mundo de referência*” é aquele onde é possível enquadrar o acontecimento do “*mundo real*”. No último caso, o “*mundo possível*” diz respeito ao mundo que o jornalista construiu na notícia, de acordo com o “*mundo real*” e o “*mundo de referência*” escolhido.

Mas é van Dijk (2005: 63) quem, de forma lapidar, esclarece esta ideia, ao referir que a maior parte do nosso conhecimento social, político e até das nossas crenças sobre o mundo deriva dos relatos noticiosos, dada a audiência que os meios de comunicação atingem.

Neste seguimento, concluímos que os relatos noticiosos não seriam o que são se os jornalistas não fossem portadores de um saber próprio no ato de narrar os factos. Olham para os acontecimentos vislumbrando os seus elementos constitutivos mais importantes, dando-lhes uma nova vida: passam a existir para um público mais vasto. Deixam de se reduzir ao conhecimento de poucos, chegando a muitos. Referimo-nos, concretamente, ao “*saber de narração*” espelhado na notícia jornalística.

Os autores canadianos Richard Ericson, Patricia Baranek e Janet Chan (1987) dissertaram sobre este tipo de saber, defendendo que ele corresponde à faculdade de juntar todas as informações reunidas durante o trabalho em reportagem, “*empacotando-as*” numa narrativa noticiosa interessante. Barbara Phillips (1976/1999) aflora essa mesma questão, ao denominar de “*jornalês*” a linguagem usada pelos jornalistas no seu dia-a-dia em redação, dotando-os de uma qualidade de serem compreensíveis ao público.

Segundo o ex-jornalista Robert Darnton (1975: 176), o público costuma estar bem definido na mente do redator, para que este possa adaptar a sua escrita a quem o lê, ouve ou vê. Darnton recorda que a redação do jornal norte-americano *The New York Times*, num período em que as técnicas de medição e estudo de audiência dos média não estavam ainda tão amplamente desenvolvidas e avançadas, já escrevia tendo como base um perfil de leitor específico: uma rapariga de vinte e oito anos. A criação desta personagem imaginária, que nem sequer aparecia, à época, no Livro de Estilo do jornal, tinha como objetivo levar os jornalistas a terem sempre presente como regra a “*clareza de escrita*”.

Já Ronald N. Jacobs (1996: 385) num artigo onde examina o ambiente de produção noticiosa numa estação de televisão local de Los Angeles defende que os jornalistas constroem a imagem do seu público de acordo com a observação das audiências, percebendo em que medida o que noticiaram é ou não aprovado pelo público.

Num exemplo prático desta atitude de relatar os factos para um público que existe no horizonte do jornalista, e que o ajuda a adaptar o texto àquelas que são as expectativas dessa audiência em relação a determinados assuntos noticiados, Darnton (1975) lembra um episódio que aconteceu consigo. A propósito da necessidade de declarações para notícias de crime, e da construção dessas notícias tendo como pano de fundo outras já publicadas dentro desta temática, o ex-jornalista revela:

“Quando necessitava de tais citações, costumava inventá-las, como faziam alguns dos outros jornalistas... porque nós sabíamos que «a mãe em dor» ou «o pai em luto» teriam dito e possivelmente tê-los-íamos mesmo ouvido dizer o que ia na nossa mente mais do que na deles. (...) não nos sentávamos à máquina de escrever com as nossas mentes como uma tábua rasa (...) As nossas próprias concepções de «notícias» eram o resultado de formas antigas de contar histórias” (Darnton, 1975: 190 e 191).

Esta ideia vai ao encontro do pensamento de Elizabeth Bird e Robert Dardenne (1988/1999: 268), quando referem que o valor notícia de “*consonância*” é o que faz com que acontecimentos diferentes sejam codificados em estruturas já existentes.

É daqui, precisamente da forma como esse discurso jornalístico e esse saber de narração se juntam, que ressalta a relevância do conceito de objetividade enquanto princípio orientador da prática narrativa jornalística, e ao qual o cidadão comum relaciona com a informação televisiva, como refere Felisbela Lopes (2008: 113), e que não obriga os jornalistas “*a negar a subjetividade, mas sim a implicá-la nesse dever referencial da própria atividade*” (Brandão, 2005: 103). Trata-se, como se observa, de uma autêntica marca ideológica.

Porém, mais do que uma prática, o conceito de objetividade apela a um comportamento, que tem sido inculcado nas redações ao longo dos anos. Soloski (1989/1999) defende que a objetividade reside no comportamento dos jornalistas, que procuram e relatam os factos do modo mais imparcial e equilibrado possível. Daniel Cornu (1999) aponta a sua investigação na mesma direção, referindo que esse comportamento é feito na base da neutralidade, no respeito pelas diversidades ideológicas, religiosas ou políticas do público, e na prudência colocada no tratamento de certos assuntos que dividem a opinião. A objetividade no jornalismo não procura, então, uma oposição em relação à noção de subjetividade, até porque, como defendeu Hubert Beuve-Méry, fundador do jornal *Le Monde*, “a objetividade não existe; a honestidade, sim!”. Ideia que vai ao encontro da de Creeber (2001: 117), quando a apresenta como uma “*aspiração profissional*”.

Nas notícias de televisão, a questão da objetividade é particularmente visível na procura de um equilíbrio de posições entre os intervenientes das notícias, o que acaba por contribuir para a construção da sua narrativa. Trata-se de dar voz às diferentes partes envolvidas na notícia, dando-lhes “*aproximadamente um tempo igual*” (Bignell, 2004: 93), uma vez que, a profissão de jornalista “*não lhe(s) dá o dom de transcrever fielmente os factos extraídos da realidade, mas tão só de os (re)construir, através da perceção que faz(em), da organização cognitiva subsequente*” (Cruz, 2008: 50)

Mas, apesar da objetividade que pretendem atingir, os jornalistas não deixam de ser considerados como uma comunidade de cariz interpretativo. Barbie Zelizer (1993/2000) propõe que se considere o jornalismo numa dupla vertente: não só como profissão, mas igualmente como “*comunidade interpretativa*”, que se encontra unida pela partilha de um discurso e pela interpretação de acontecimentos-chave de relevância pública. Porém, a este respeito, Denis McQuail é taxativo, focando um ponto importante:

“primeiro, os media «constroem» formações sociais e mesmo a própria história, ao fixarem imagens da realidade (na ficção como nas notícias) de formas previsíveis e padronizadas. Em segundo lugar, as pessoas nas audiências constroem para si próprias a sua visão da realidade social e o seu lugar nela, em interação com as construções simbólicas oferecidas pelos média” (2003: 427).

Esse simbolismo da construção é entendido por muitos como o enquadramento que se dá à notícia. Para Erving Goffman (1986), os enquadramentos não eram mais que construções, feitas a nível mental, que permitiam que diferentes pessoas localizassem, percebessem e identificassem ocorrências concretas.

O investigador Robert Entman (1993: 52) explica que enquadrar é selecionar alguns aspetos da realidade e dar-lhes saliência no texto comunicativo, promovendo uma definição particular de um problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item que se descreve. Porém, Gaye Tuchman alerta para os possíveis problemas que os enquadramentos podem trazer ao discurso jornalístico. A autora aflora que “*a vista através de uma janela depende da janela ser grande ou pequena, ter muitas ou poucas vidraças, de o vidro ser opaco ou transparente, de estar virada para uma rua ou para as traseiras*” (1978: 1). Já David Morley (1976: 246) diz que mais importante do que o equilíbrio jornalístico é o enquadramento conceptual e ideológico da apresentação dos acontecimentos, e do qual recebem um significado.

A própria distinção entre “*hard news*” – notícias sobre política, economia ou internacional, temas que poderão ter implicações diretas na vida dos telespectadores – por oposição às “*soft news*” – notícias sobre sociedade, cultura ou *faits-divers* – ajuda na perceção do papel que esses enquadramentos têm, nomeadamente na construção de narrativas muito próprias e singulares: “*é aceite que a notícia hard é informativa e factual, enquanto a notícia soft é divertida*” (Bird e Dardenne, 1988/1999: 265).

2.3.2 A narrativa aplicada ao jornalismo televisivo

O trabalho que aqui se apresenta tem como fundo a análise noticiosa de um telejornal e, por isso, importa perceber que dinâmica é essa que este espaço de informação apresenta, e como é que “*história*” e “*discurso*” se unem para formar a notícia televisiva. Para Adriano Duarte Rodrigues, o papel do telejornal consiste em

“registar todos os acontecimentos, nada deixar de fora do seu registo classificatório, escrever a sua marca nos corpos e nos gestos, naturalizar objetivamente todo o devir contingente, impedindo assim a explosão incontroável do imprevisível, a irrupção do pulsional caótico no seio da ordem do político” (1988b: 85).

É uma definição longa, mas que demarca bem aquele que é o objetivo primeiro do telejornal: tudo abarcar e, por conseguinte, nada esquecer. É por esta razão que Michel Sian (2007: 47) considera o noticiário de televisão como um amplo compêndio de atualidade, com uma duração que pode variar, e que inclui notícias ordenadas segundo critérios específicos. O autor explica que a informação do telejornal reflete o mundo

transformado em narração, pelo que o espectador não está diante da atualidade real, mas de um discurso sobre a mesma. Marcela Farré (2008: 348) evoca mesmo a ideia segundo a qual a posição privilegiada do telejornal reativa o diálogo no espaço público, tendo um papel decisivo na melhoria da qualidade democrática.

Por outro lado, Jean-Jacques Jespers (1998) faz um exercício de conceptualização da televisão, referindo que, atualmente, se passou de uma “*televisão de mensagem*”, que tinha como objetivo levar o conhecimento ao maior número possível de telespectadores, para uma “*televisão de relação*”, onde manter um laço afetivo com o telespectador, garantindo a sua fidelidade futura, é o que se pretende. Nas suas palavras, “*da televisão-janela, passou-se para a televisão-espelho*” (1998: 72 e 73). Esta passagem, como seguidamente veremos, tem implicações diretas na forma de relatar os acontecimentos em televisão, sendo também por isso que Adriano Duarte Rodrigues (1999: 154 e 155) fala sobre o discurso do telejornal, que diz ser um processo de narrativização do mundo, que dá a conhecer os acontecimentos, os atores e os agentes, convertendo-os em sequências sintagmáticas de ações que se relacionam no discurso narrativo.

Nuno Brandão (2010: 16) vai mais adiante, referindo que o telejornal pode ser entendido como um género em si mesmo, com as suas próprias regras de seleção, destacando-se a hierarquização, estruturação narrativa e mediação. Afinal, diz o mesmo investigador, a importância dos telejornais deve-se ao facto de estes corresponderem “*a encontros quotidianos com a atualidade, contribuindo para uma melhor perceção e construção social da realidade, induzindo a produção de sentido*” (Brandão, 2002: 39).

Mas como é que se produz esse sentido em televisão? Como é que se constrói socialmente a realidade de que Brandão fala? Para o caso televisivo, a resposta não é simples, mas parece ser concordante entre vários académicos e investigadores que ela está, sobretudo, na utilização de uma narrativa clara na veiculação de informação.

O conceito “*narrar*” deriva do termo latino “*narre*”, que significa “*criar conhecimento*” (Lacey, 2000: 13). No seguimento desta ideia surge a definição do conceito da autoria de Paul Hazel, para quem a narrativa “*é uma re-apresentação da realidade sob uma perspetiva particular. É um todo, com consistência interna e unidades de expressão próprias; a realidade é reconfigurada de forma a adquirir significado*” (2007: 2). Nick Lacey (2000: 13) junta que a distinção entre a narrativa e outras formas textuais é que esta apresenta a informação como uma sequência de eventos.

Chegar à narrativa factual em informação televisiva não é, por isso, um trabalho fácil e rápido. Jacinto Godinho (2011) observa que, fruto da sua experiência enquanto jornalista, o poder principal da narrativa foi sempre o de fazer com que as palavras estivessem no lugar das imagens. Porém, diz o autor, *“este aparecer na imaginação não anulava (...) o desejo de ver, o desejo de concretizar o tesouro de imagens por detrás de cada narrativa oral”* (2011: 64).

A ideia de Godinho é essencial para perspetivar o peso da narração no ato de contar histórias noticiosas. A mensagem real que é transmitida em televisão, seja ela qual for e de que forma for feita, é estruturada com base numa narração, porque se trata de contar uma estória. Diferentes autores fazem a mesma leitura desta ideia. Elizabeth Bird e Robert Dardenne (1988/1999) consideram que não é por as notícias serem narrativas que deixam de assumir uma correspondência com a realidade exterior, sendo afetadas e afetando direta e indiretamente a sociedade. Porém, dizem os mesmos investigadores, esta ideia confere uma outra dimensão às notícias, na qual as «estórias» de notícias estão para além das suas funções tradicionais de informar e explicar. Marcel Machill *et al.* (2007), num texto sobre a utilização de estruturas narrativas nas notícias em televisão, esclarecem este mesmo ponto: *“o conceito de narrativa noticiosa não pretende ficcionar o conteúdo das notícias. Em vez disso, sugere um tipo de comunicação alternativo, que não falsifica a informação mas a torna factual”* (2007:188). Por seu lado, Gaye Tuchman colabora igualmente neste entendimento. Para a autora não é antitético ser um repórter, cujo trabalho diário é lidar com factos, e ser um contador de histórias que produz contos (1976/1999: 261). Bird e Dardenne afloram ainda a questão segundo a qual

“as notícias são como os mitos, não «contam as coisas como elas são», mas «contam segundo o seu significado». Assim, as notícias são um tipo particular de narrativa mitológica com os seus próprios códigos simbólicos que são reconhecidos pelo seu público. Sabemos quando lemos ou ouvimos uma notícia, que estamos numa «situação narrativa»” (1988/1999: 267).

Numa perspetiva prática, Michael Schudson (1982/1999: 279), que analisou a cobertura jornalística do “Discurso à Nação” feito pelo Presidente norte-americano ao Congresso, num período compreendido entre 1790 até 1980, concluiu que, ao nível da alteração das formas narrativas noticiosas, o poder dos média não é apenas o de declarar a veracidade das coisas, mas fornecer formas nas quais as declarações aparecem. O mesmo autor atenta, igualmente, que os jornalistas incorporam o mundo em convenções narrativas não

questionadas e despercebidas. Para o autor, as notícias não são, por isso, ficcionais, mas sim convencionais (Schudson, 1982/1999: 280).

Já para Jacinto Godinho, as palavras escolhidas na descrição e organização da experiência que o repórter inscreve em determinado acontecimento são capazes de “*mobilizar também o corpo do leitor e realojá-lo «como se estivesse lá»*” (2011: 82). Talvez por isso João Carlos Correia (2011: 57 e 58) defenda que a notícia é um dispositivo para dar forma à experiência, tal como acontece num poema, num livro de histórias ou num conto de fadas.

Contudo, esta ideia de notícia enquanto narrativa não está em consonância com o entendimento que os jornalistas fazem do seu trabalho. Numa entrevista publicada em 1983, Stuart Hall já explicava que

“quando se afirma (...) que qualquer acontecimento pode ser construído das mais diversas maneiras, e que se o pode fazer significar de um modo diferente, esta afirmação ataca ou mina, de alguma maneira, o sentido de legitimidade profissional dos jornalistas, resistindo bastante à noção de que a notícia não é um relato mas uma construção” (1983: 1).

A defesa desta opinião é, igualmente, explorada por Bird e Dardenne (1988/1999), que referem que quanto maior for a objetividade que os jornalistas imprimam nos seus trabalhos, mais ilegíveis se tornarão. Mas, por outro lado, se forem bons contadores de histórias, a resposta do seu público será melhor, porque este compreenderá o que é dito de uma forma mais rápida, apesar do receio dos em traírem os seus ideais.

A este respeito, Tamar Liebes (1994:1) recupera um episódio curioso que acontecia no seio da redação da MSNBC, e que de alguma forma contradiz o pensamento que, ainda hoje, permanece em algumas redações jornalísticas ao não aceitarem a ideia de narrativa como inerente ao material que produzem. Assim, aquando da presidência da estação por Reuven Frank, seria comum este dirigir-se à redação e dizer que cada história podia apresentar características de ficção, até de cariz dramático em certos casos. Cristina Ponte fala, mesmo, na existência de semelhanças entre o informar e o romancear de forma realista, visto que “*o jornalismo recorre a uma circulação plural de memórias e discursos, a formas estabilizadas de relato, a uma organização da notícia em torno de pessoas e das suas circunstâncias*” (2004: 179).

Na mesma senda, John Fiske (1994: 282) diz que a teoria segundo a qual a televisão é uma janela para o mundo, e que agora, diz, é conhecida como “*falácia da transparência*”, ainda resiste nas redações das estações de televisão. Para o autor, se para os jornalistas são

cruciais as distinções entre informação e entretenimento, entre facto e ficção, na prática não há muita diferença entre notícias televisivas e séries televisivas. O autor atenta que as diferenças entre ficção e informação, quando existem, verificam-se apenas na modalidade. Assim, e como defende Ann Dunn (2005), faz-se uma distinção demasiadamente simples e falsa entre narrativas sobre o real e narrativas de ficção. A autora esclarece que “*as notícias são um género não ficcional reconhecível. Mas ser não ficcional não significa que não use uma narrativa*” (Dunn, 2005: 140). Já Justin Lewis vai mais longe e fala de um tipo de semelhanças muito específico entre notícias televisivas e telenovelas: em ambos os casos, as histórias e os protagonistas desaparecem muito rapidamente (1994: 29).

2.3.3 A notícia televisiva: ligação texto off, imagem e som

Uma das definições mais abrangentes sobre a notícia televisiva é aquela que nos é dada por Paul Weaver (1999), quando compara as notícias de imprensa escrita com as de televisão, resumindo as principais diferenças que encontra. Diferenças essas que, desde logo, encontrou na organização e coesão textuais nas duas tipologias, uma vez que, no caso da televisão, a notícia está organizada e é apresentada no tempo, e no jornal surge organizada no espaço (Weaver, 1999: 297). Weaver conclui que a notícia de televisão é apresentada como um todo que só se compreende quando vista na totalidade, pelo que é obrigatória a existência de um tema que a atravesse desde o seu início até ao fim: “*selecionam-se e organizam-se informações, narrativas, som e imagens para ilustrar o tema e fornecer o necessário desenvolvimento*” (1999: 299). Ainda para o autor, a «história» televisiva é a mais analítica e a mais consistente, evidenciando as tendências e os significados dos assuntos da atualidade.

Mas nem só de texto escrito vive a notícia em televisão. Justin Lewis recorre, por isso, a um dos elementos primordiais que constitui a notícia televisiva para explicar que “*as notícias em televisão são como notícias de imprensa com imagens animadas*” (1994: 29). Também neste contexto, Jacinto Godinho dá uma ideia de inquestionável utilidade para a compreensão da notícia em televisão, quando explica que

“o re-reportar televisivo (...) visa proporcionar uma experiência do acontecimento através do dispositivo da montagem possibilitado pelas «novas imagens» e, acrescento, pelos «novos sons». O «re-reportar» ativa uma «ligação» à realidade diferente do «noticiar» (telejornal), do «interpretar» (comentário), do «opinar» (crítica) e do «testemunhar» (entrevista)” (2011: 67).

A montagem é um dos vetores principais da construção narrativa em televisão. Se ela não existisse e as imagens fossem transmitidas em bruto, a compreensão da notícia enquanto elemento informativo não seria possível. É a montagem que permite ao jornalista de televisão contar a estória narrativa como ele pretende. Dar-lhe um fio condutor, que a torne una e inteligível, com um encadeamento lógico narrativo ao nível dos elementos da informação, e segundo uma estrutura própria do texto televisivo (Jespers, 1998: 92). Nas palavras de Afonso Puyal, “*a montagem propicia uma forma própria de narratividade. É um código pelo qual interpretamos as ações e os personagens, que evoluem através de uma história*” (2006: 115).

Como temos observado até aqui, o processo de narração noticiosa é mais complexo do que à partida se poderia pensar. Este processo envolve uma construção de notícias de forma cuidada, onde texto, som e imagem andam a par, num complexo esquema interpretativo e explicativo que importa compreender. Trata-se do texto audio-scripto-visual, que é singular na compreensão do texto televisivo, até porque, ao contrário do que se poderia pressupor, “*a imagem informativa não representa mais do que uma ínfima parte do carrossel de continuidade que desfila diante do espectador*” (Vilches, 1984: 174), mesmo que a “*maior parte dos estímulos sensoriais provenham da retina*” (Puyal, 2006: 42).

No que diz respeito à imagem, Nuno Brandão (2005) explica que nos telejornais da atualidade, é a recolha de imagens que determina a informação, pelo que a forma sobrepõe-se ao conteúdo. Uma opinião semelhante tem Felisbela Lopes (2007: 19-37), para quem a televisão pode não ser o meio que oferece a imagem mais transparente e menos fragmentada do real. Talvez por isso Jean-Jacques Jespers (1998: 134) observe que a imagem televisiva é um veículo mais problemático para o raciocínio, uma vez que apesar de melhorar significativamente a memorização, não produz qualquer efeito, positivo ou negativo, na compreensão da informação.

Por outro lado, a interpretação de Machil *et al.* (2007: 189) é a de que as notícias com suporte de imagem são mais facilmente retidas que em formato *off*, daí que adequar o texto à imagem seja crucial no trabalho jornalístico televisivo. Brandão reflete da mesma maneira, considerando que “*a imagem necessita de enquadramento, tratamento, reflexão, de modo a ser perceptível e não que apenas tenha como objetivo atingir o maior número de telespectadores*” (2005: 134). Porém, esse enquadramento não pode ser exagerado. No entendimento de Felisbela Lopes (1999: 75), é nas imagens que a construção dos factos

acontece, pelo que “*uma imagem, mesmo sem ser manipulada, raramente é transmitida inocentemente*” (Jespers, 1998: 71). Justo Villafañe fala até numa atitude típica em jornalismo, ao apelidar o trabalho sobre a imagem como a “*modelização icónica da realidade*” (2003: 30). Estrela Serrano (2012: 218) diz, contudo, que não se pode olhar para a imagem como portadora de um sentido unívoco, a qual faria do jornalista detentor legítimo da interpretação. A investigadora atenta que, por ser polissémica, é no olhar individual que a imagem toma sentido.

Esse sentido advém, em grande parte, da segmentação e particularização que lhe está inerente, e que os jornalistas trabalham. Referimo-nos, em específico: à “*sequência*”, que corresponde a uma conjunto de cenas ligadas entre si de forma a fazer passar uma ideia; à “*cena*”, unidade específica de ação, delimitada por um tempo e espaço particulares; e, por fim, o “*plano*”, que corresponde à parte da ação filmada num dado instante, e que possui um significado individual (Castillo, 2009: 111). Barbara Philips atenta que as “*mudanças de planos de filmagens, ou sequências, destinam-se a qualificar ou a intensificar um acontecimento para o telespectador, assim como a manter o interesse do público*” (1976/1999: 328). Nas palavras de Afonso Puyal (2006: 50), a perceção da realidade é contínua, sendo a imagem fragmentada.

Para além desta ideia, também os próprios movimentos da câmara são revestidos de um significado particular, de acordo com a ideia que se quer transmitir, correspondendo a uma valoração do espaço e do tempo filmados. Em conjunto, todos estes elementos conferem uma impressão de dinamismo, qua advém da intensidade dramática, da duração dos planos e do efeito da montagem (Castillo, 2009: 27).

Na montagem, e dependentemente dos temas que estão na base das notícias televisivas, podem, ainda, incluir-se a introdução de grafismos, que em televisão têm um significado particular. Todos estes elementos ajudam a explicar a informação dada, tornando-a mais compreensível: “*as imagens simbólicas (desenhos, gráficos, etc.), são de um modo geral mais bem memorizadas que as imagens diretamente representativas*” (Jespers, 1998: 47).

No que ao texto *off* diz respeito, este inclui todo o discurso oral, lido pelo jornalista, durante a peça. De alguma forma, é este texto que ajuda a situar a notícia em si, e que, depois de escrito e lido, é pintado com imagens. Na prática jornalística em televisão, este texto é produzido tendo como base as imagens, ou seja, escreve-se para as imagens. A este nível, as conclusões de Jacinto Godinho (2011) estão de acordo com a experiência

profissional que vivemos no seio da redação de informação da SIC. Diz o autor que “*a prática que se instalou no jornalismo televisivo português (...) foi herdada do jornalismo radiofónico e da imprensa, ou seja, escrevia-se primeiro o texto, gravava-se a voz-off e depois, «por cima», «pintava-se» com imagens*” (2011: 72). Felisbela Lopes (1999: 78) conclui que a expressão oral no audiovisual é tida como um elemento de síntese, globalização e compreensão da informação. É por isso que, com alguma frequência, os jornalistas recorrem ao uso de figuras de estilo nos textos que produzem para conseguirem essa compreensão, e que segundo Correia (2011: 48), fortalecem a aparência de verdade e de plausibilidade.

O texto *off* é, assim, considerado por muitos como o elemento mais importante da mensagem em televisão. O investigador francês Jean-Jacques Jaspers enfatiza que “*tão paradoxal quanto isso possa parecer, o elemento essencial da mensagem real da informação televisiva é o texto*” (1998: 93). É uma conclusão sobre um tema que tem granjeado alguma discussão no meio académico, pois para diversos investigadores, o valor primeiro e essencial da informação em televisão é a imagem. Jaspers (1998: 105) observa também que esse texto deve respeitar a forma de uma narração e de um relato, uma vez que o texto «oral» uma compreensão mais difícil que o texto escrito. Numa aplicação ao caso português, Godinho vem concordar com Jaspers, pois este investigador defende que

“as próprias peças de reportagem são textos que concedem à voz a principal função informativa, e a imagem é reforçadamente remetida para funções ilustrativas. Aliás, a informação televisiva em Portugal é, cada vez mais, um híbrido cruzamento de «rádio com câmara» e «imprensa com imagens animadas»” (2011: 66).

Porém, existem duas vertentes que são afloradas por vários autores que importa enumerar: por um lado, o texto *off* garante verdade ao discurso; por outro, confere veracidade à credibilidade do enunciador / jornalista. E, para que tal se verifique, o enunciado surge na voz-off do jornalista. Apesar de outras vozes presentes nas peças jornalísticas televisivas, nomeadamente dos entrevistados, é a voz do jornalista que, nos telejornais, “*outorga a unidade e a coerência às imagens da peça*” (Puyal, 2006: 262). E isto acontece, nas palavras de Godinho, devido a três funções fundamentais desempenhadas pela voz-off: de “*linearização*”, porque o texto lido sobre as imagens uniformiza-as num tempo único, dando-lhe uma sequência; de “*vectorização*”, orientando as imagens num determinado sentido administrado pela voz; e de “*animação*”, visto que é essa voz que dá alma às imagens (2011: 73). O entendimento de Godinho (2011: 76) é exemplar, ao referir que a

voz, como acontece com a imagem, aciona e movimenta, sendo dois poderes que se engrandecem na reportagem televisiva. Ainda a este respeito, o autor português deixa uma nota sobre aquela que é a sua experiência enquanto jornalista: “*na tradição do jornalismo português, a voz-off tem um peso desmesurado, (...) [porque] as primeiras redações de jornalistas a trabalhar em televisão vieram da rádio ou da imprensa*” (Godinho, 2011: 71). Na SIC aconteceu isso, na altura da sua formação em 1992, com diversos jornalistas a trabalharem, simultaneamente, para a estação e para a TSF.

Ao nível do texto *off*, as características da escrita jornalística no ato de construir e narrar a notícia são, também, sobejamente importantes. Barbara Philips (1976/1999: 327), que observou a prática redatorial de 75 jornalistas de jornais, televisão e rádio, durante treze meses, concluiu que os jornalistas recorrem a uma sintaxe direta e económica, através de frases curtas, evitando-se palavras polissilábicas, e afirmações qualificativas são minimizadas. Philips clarifica ainda que enquanto o artista literário fornece um quadro da realidade, o repórter tem o objetivo de captar o momento presente, interpretando a ação humana através da seleção de detalhes.

Neste contexto, Bird e Dardenne (1988/1999: 271) afirmam que os dispositivos narrativos utilizados pelos jornalistas na redação de notícias são entendidos como formas de organizar a informação de uma forma clara e efetiva. Talvez por isso João Carlos Correia reitere que “*para além de uma vontade de agradar e de interessar, implícita à escrita jornalística que se pretende vibrante, simples, atraente e vigorosa, há uma retórica associada à factualidade*” (2011: 48). Já António Fausto Neto (2003/2004: 42) fala na existência de uma dupla articulação no funcionamento dos discursos jornalísticos, especificando o poder dos jornalistas em construírem enunciações sobre o “*outro*”, o qual está subordinado ao poder da esfera da linguagem, que confere as regras e operações para que o discurso da atualidade se manifeste de acordo com certas condições enunciativas.

Os elementos imagem e texto *off* são assim cruciais em matéria de narração informativa em televisão, uma vez que, se não fosse acompanhada por um comentário, a imagem apareceria desprovida de qualquer sentido, até porque, como acentua Jespers (1998: 72), é o texto que lhe dá um contexto e que lhe permite uma interpretação. Para exemplificar este ponto, Magdalena Wojcieszak refere que existem três atos que provam esta dupla necessidade entre imagem e texto *off*:

“o texto pode suportar a imagem, elucidando sobre o seu significado e guiando o telespectador para determinadas interpretações (ancoragem); a imagem pode suportar o texto (ilustração); a imagem e o texto podem reforçar-se mutuamente (amplificação)” (2009: 460).

Neste caso em específico, Robert Hackett (1984/1999: 123-125) partilha da ideia de que a televisão é o meio de informação mais credível do público, referindo também que o telejornal corresponde a uma forma particularmente potente de realismo, uma vez que combina a narrativa com a visualidade do seu discurso: Para o autor, a narrativa verbal procura restringir o significado, unificando a interpretação e apresentando uma visão da nossa sociedade sem contradições fundamentais.

No caso concreto do texto áudio, ele é composto por som ambiente, musical ou efeito sonoro tendo, também, uma significação particular. Jonathan Bignell (2004) atenta neste ponto ao referir que o som, em vez de servir para o espectador estar atento, serve exatamente para dizer ao espectador que tem de estar atento, para o chamar a atenção. Assim, o recurso ao som mostra-se primordial nessa chamada de atenção do telespectador em relação à narrativa que está a ser contada (Bignell, 2004: 87). Michel Chion (1993: 43) observou também que nos audiovisuais o som remete para um plano meramente funcional. Para o autor, as funções do som na cadeia audiovisual são: *“reunir”*, através do embelezamento das imagens, para que estas se desenrolem num fluxo contínuo; *“pontuar”*, através das pausas e dos silêncios, da música, da entoação ou da repetição de uma palavra ou ruído característico, e que modulam o sentido do texto; e, *“antecipar e separar”* o encadeamento dos planos visuais. (1993: 51-61).

No caso específico da música e dos efeitos sonoros em informação, estes correspondem a *“signos que direcionam o telespectador para responder de forma emocional à significância do programa ou a uma dada ação”* (Bignell, 2004: 88). Essa significância faz-se, como aflora Nick Lacey (1998: 54), através da criação de significados precisos, pois a música é usada para evocar drama ou conflito, não gerando apenas significados fabricados pela imagem, mas também os cria.

A junção entre imagem e som é, contudo, importante na construção narrativa das notícias, tendo mesmo levado Chion a criar o conceito de *“audiovisão”*, o qual define como a influência do ato de ouvir na visão, e vice-versa: *“na combinação audiovisual, uma percepção influi na outra e transforma-a: não se vê o mesmo quando se ouve; não se ouve o mesmo quando se vê”* (1993: 11).

Porém, nem todos os elementos de som e imagem apresentam, obrigatoriamente, um propósito funcional. Alguns deles poderão mesmo ser redundantes. Mas, mais uma vez, a ideia do seu recurso é, quase sempre, a de enfatizar certos aspetos das narrativas, possibilitando-lhe adquirir uma textura particular e simbiótica. A investigadora Felisbela Lopes (1999: 69), a respeito da conexão entre imagem, texto *off* e texto áudio, denota que são simultâneos e sucessivos.

Noutro contexto, e como prova desta simbiose inequívoca, a investigadora Magdalena Wojcieszak (2009: 459-481) analisou o processo de interação entre mensagens visuais, sonoras e textuais nas notícias transmitidas pelas estações de televisão americanas CNN, MSNBC e FOX News, durante os períodos que se sucederam ao ataque ao *World Trade Center* (Setembro de 2001) e ao furacão *Katrina* (verão de 2005). Nesse contexto, a autora concluiu que a interação existente se manifesta de formas diferentes, propondo seis categorias de análise dessa relação entre os três elementos, as quais foram adaptadas por Estrela Serrano (2012). Serrano, que considera “*imagens visuais*” os cenários, fotografias, logotipos, mensagens linguísticas no ecrã, e nos “*sons áudio*” inclui a voz-*off*, música, discurso e ruído, categoriza a relação entre as duas áreas em: “*referencialização*”, “*fraca*” se as imagens visuais acrescentarem um fraco valor informativo ao áudio, ou “*nula*”, se esse valor informativo estiver ausente; “*predomínio do áudio*”, quando, apesar da proliferação de imagens, é o discurso que as torna compreensíveis; “*reforço*”, nos casos em que a imagem, as mensagens linguísticas no ecrã ou o áudio reforçam ou amplificam a informação da notícia; “*contextualização*”, sempre que são as mensagens linguísticas presentes nos oráculos a dar o contexto e sentido à informação veiculada; “*contradição*”, quando a informação constante nos oráculos está em desacordo com o discurso do jornalista ou vice-versa; e, por último, “*simbolismo*”, quando as mensagens linguísticas inscritas no ecrã ganham primazia sobre o discurso áudio, enquadrando a imagem (Serrano, 2012: 216-230).

2.3.4 A narração da notícia televisiva

Apesar da relevância do texto audio-scripto-visual, e porque falamos de construção narrativa das notícias em televisão, urge não esquecer que o processo de construção destas notícias desenvolve-se de acordo com um modelo mais rígido, não obrigatório, mas muitas vezes verificável nas notícias televisivas: “*a ideia de história é central aos média. Os*

jornalistas não escrevem artigos, eles escrevem histórias – com estrutura, ordem, ponto de vista e valores” (Bell, 1998: 64). Uma leitura semelhante acaba por ter Chris Barker (1997: 97) ao referir que as notícias não são exatamente uma janela não mediada sobre o mundo, mas uma verdadeira representação selecionada e construída da realidade transmitida.

A este nível, Dunn refere que se passou de uma “*tradição informacional*” para uma “*tradição comunicacional*”, onde o jornalista surge como “*contador de histórias*” (2005: 144). Histórias que seguirão sempre uma ordem de apresentação nas notícias televisivas, e que, no entendimento de Machill *et al.*, “*influencia a lembrança e reconhecimento da informação*” (2007: 188).

A um nível de processos de construção narrativa das notícias propriamente dito, Justin Lewis (1994: 29) observa que a estrutura das notícias televisivas corresponde a uma pirâmide invertida, onde a notícia começa com a informação mais relevante, seguindo um decrescendo de importância. Van Dijk vai mais longe na sua teoria, atentando que a reconstrução e a reprodução dos acontecimentos informativos no modo de escrita jornalística inclui “*formas altamente complexas do processamento do texto como estratégias e representações cognitivas subjacentes a estes processos*” (1990: 256).

Neste contexto, um dos mais relevantes processos de estrutura narrativa corresponde à teoria da “*transformação causal*” de Todorov (1982). Aplicado à informação televisiva, este esquema refere que a narração da notícia começa por apresentar uma situação de “*equilíbrio*”, para, logo depois, “*romper esse equilíbrio*” por uma ação que lhe é antitética. Após esse rompimento do equilíbrio dá-se o seu “*reconhecimento*”, seguido de uma “*tentativa de reparar esse rompimento*”, regressando-se, por fim, a uma “*situação de equilíbrio semelhante à inicial*” (Todorov, 1982 apud. Lacey, 2000: 48, Dunn, 2005: 145, e Jost, 2005: 96). O autor Vladimir Propp (1987), num estudo sobre a morfologia do conto, divide a estrutura de construção narrativa nas mesmas cinco partes: “*equilíbrio*” da situação, à qual se segue uma “*disrupção no equilíbrio*” por algum acontecimento ou ação, “*reconhecimento da disrupção*”, “*tentativa de reparação da disrupção*” e “*reposição do equilíbrio*” inicial.

Um outro processo de construção narrativa segue a ideia de Roland Barthes (1974), que defendeu a existência de um código hermenêutico inerente à narração, constituído por: um “*enigma*”, composto pela apresentação indireta dos factos e do lançamento de questões ou dúvidas relacionadas com o tema da notícia; um “*atraso*”, sequência narrativa que aumenta

ou mantém o interesse pela estória, atrasando a sua “*resolução*”, tida como a terceira etapa deste esquema, em que se apresenta a solução para as questões que o enigma colocou (Barthes, 1974 apud. Casey, 2002: 139 e 140, e Lewis, 1994: 27 e 28).

Na mesma senda, Jean-Jacques Jaspers (1998) apresenta um esquema mais complexo, mas igualmente oportuno neste contexto. Para o autor, as notícias televisivas seguem um esquema de construção narrativa específico, composto por cinco etapas principais: primeiro define-se a “*premissa*”, que corresponde ao assunto que vai ser tratado na notícia, ou seja, “*o predicado que vamos tentar exprimir pelo texto da mensagem real*” (Jaspers, 1998: 95), e, depois, desenvolve-se essa “*premissa*” de maneira eficaz e significativa no “*exórdio*”, que pode ser “*disruptivo*”, se a notícia colocar em evidência o elemento sensacional, oportuno e excepcional do acontecimento, “*aproximativo*”, se o jornalista conseguir atrair a atenção do telespectador evocando o aspeto que lhe interessa mais diretamente, ou seguir uma “*abordagem aproximativa*”, quando a notícia se inicia pelo aspeto mais recente da informação que traz à luz conhecimentos sobre um assunto já abordado. Definido o lançamento da notícia, faz-se o “*enunciado*” completo e pormenorizado da premissa, que será alvo de um “*desenvolvimento*”, que consiste numa explicação dos antecedentes, daquilo que está em causa e as consequências (possíveis ou reais) do acontecimento relatado, muitas vezes de forma repetida durante a notícia. Por fim, diz o autor, procede-se à “*conclusão*”, ao sintetizar-se todas as informações que vão ser necessárias reter, podendo repetir-se, uma última vez, a premissa de forma sintética (Jaspers, 1998: 94-99).

Mas a estrutura do discurso narrativo também assume importância no momento de criação de diferentes sensações no leitor de notícias e romances. Os autores Silvia Knobloch *et al.* (2004) distinguiram “*história*” e “*discurso*”, fazendo corresponder a cada um deles diferentes processos de estruturação e ordem narrativa. No primeiro caso – “*história*” – falam de um modelo que segue uma “*ordem cronológica*”, que está na origem da história em si, e que dizem iniciar-se com o “*acontecimento*”, seguido da sua “*exposição*”, “*complicação*”, “*clímax*” e “*resultado*”. Quando transformado em “*discurso*”, ficcional ou informativo, esta história dá origem a diferentes “*tipos de discurso*”, nomeadamente: o de “*tipo linear*”, que corresponde à ordem cronológica; o de “*tipo oposição*” em que se começa por relatar o “*resultado*”, seguindo-se a “*exposição*”, a “*complicação*”, o “*clímax*” e, no final, a exposição do “*acontecimento inicial*” que esteve na origem daquele história; e

o de “*tipo invertido*”, em que se começa por expor o “*acontecimento inicial*”, para se passar para o “*resultado*” (que, dizem os autores, corresponde ao típico lead informativo), para passarem depois à “*exposição*”, “*complicação*” e, por fim, ao “*clímax*”. Importa referir que estas diferentes estruturas aqui enunciadas têm efeitos diferentes nos telespectadores. Se uma estrutura discursiva de “*tipo linear*” aguça o suspense na audiência, a de “*tipo oposição*” cria curiosidade nos telespectadores / leitores. Já a de “*tipo invertido*”, como coloca os dados mais importantes no início da história, bem como o seu desenlace, não criando qualquer efeito no público (Knoblock *et al.*, 2004: 259-287). A este propósito, Jacinto Godinho sintetiza que

“o tempo do acontecimento, tal como era tratado pela narrativa tradicional, começando pelo desenvolvimento, pelo clímax e pelo desenlace, parece ter cedido o lugar a um tempo serializado de peripécias em clímax, de agora em sucessão” (2011: 50).

Fançois Jost opta por definir dois modelos de construção das notícias em televisão: um “*modelo explicativo*”, que passa do porquê ao porque, da causa aos efeitos, e um “*modelo emocional*”, que parte dos efeitos para chegar às causas. O autor francês observa que, na atualidade, é o “*modelo emocional*” que está a ganhar terreno na informação televisiva, fruto da personalização existente nas notícias emitidas (Jost, 2007: 96 e 97).

Por outro lado, do ponto de vista jornalístico, existem ainda “*frames*”, isto é, certos “*esquemas e estruturas de conhecimento (...) empregues pelos jornalistas no decurso da construção de uma história, [que] estão relacionados com scripts que guiam a seleção dos temas e a construção dos relatos noticiosos*” (Correia, 2011: 52). Num trabalho de aplicação empírica deste conceito, Mugdah Rai e Simon Cottle (2006/2009) definiram doze “*frames comunicacionais*”, que são rotineiramente usados na modelagem das notícias, e que lhe preexistem. Para os autores, o conceito de *frame* comunicacional ajuda a compreender a forma como a informação constante no texto jornalístico é mediada para que prevaleça uma certa leitura sobre o mesmo. Os autores categorizaram-nos em: “*relato*”, relacionado com uma construção do texto noticioso de forma factual e objetiva; “*dominante*”, em que a notícia é dominada apenas por uma fonte; “*concorrencial*”, em que determinadas oposições binárias, baseadas em pontos de vista opostos, têm um peso e representação igual; “*contenção*”, no qual há uma pluralidade de vozes e perspetivas ouvidas; “*investigação*”, onde o trabalho jornalístico sobre algo desconhecido ou escondido dá origem a uma construção baseada na revelação; “*campanha*”, em que a

estrutura noticiosa toma um lugar particular na defesa de ideais e causas gerais; “*serviço comunitário*”, onde os jornalistas constroem a notícia com base num discurso sobre os impactos que determinado acontecimento pode ter no normal desenrolar da vida em comunidade; “*interesse coletivo*”, em que a notícia denota uma construção com base na defesa de elementos de interesse comum; “*reconhecimento cultural*”, na medida em que a notícia espelha a unidade e matriz culturais inerentes à comunidade; “*mitos*”, relacionados com uma construção narrativa onde transparecem os valores extraordinários e excepcionais de um dado grupo de indivíduos, lugar ou objeto; “*reportagem*”, em que se particularizam determinados acontecimentos com base na personalização de pessoas, grupos ou objetos; e, por fim, “*reconciliação*”, na qual os meios de comunicação tomam parte no relatar de histórias passadas, muitas vezes sobre um dado passado histórico-cultural comum, trazendo-as de novo à discussão pública, mas conferindo-lhe uma interpretação e construção noticiosas à luz da atualidade (Cottle e Rai, 2006/2009: 163-190). A existência destes “*frames comunicacionais*” fazem todo o sentido para van Dijk, para quem “*um dos muitos modos de influenciar a estrutura de um modelo (...) é manipular a informação importante, colocando-a mais ou menos de forma proeminente no relato noticioso*” (2005: 79).

O modelo de construção narrativa da notícia de televisão pode, ainda, ser processado com base na interpretação da mensagem aí veiculada. Michael Gurevitch e Anandam Kavoori (1994: 20 e 21) falam, por isso, de um “*modelo aberto*” de construção narrativa das notícias, onde o papel da interpretação é deixado aos telespectadores, por oposição ao “*modelo fechado*”, que confere uma só interpretação do que é dito, feita pelo jornalista de forma objetiva, condicionando os telespectadores na interpretação da mensagem.

Seguir um determinado esquema de construção narrativa é respeitar um conjunto de objetivos principais que se querem atingir com aquela utilização. Jonathan Bignell (2004) observa que esses objetivos estão expressos em quatro funções principais da narrativa: “*apresentar a notícia*”, através da construção do assunto sobre o qual a notícia se reporta, geralmente feito logo na parte inicial no texto lido pelo pivot ou pelo jornalista; “*explicar a notícia*”, através do desenvolvimento e detalhe do assunto da notícia; “*facilitar a compreensão da notícia*”, explicando o assunto através de entrevistas, testemunhos dos intervenientes na notícia ou outros elementos, conferindo-lhe maior autenticidade para

além do mero relato jornalístico; e “*fechar a notícia*”, resumindo a notícia ou comentando-a, trabalho feito por vezes em estúdio com convidados (Bignell, 2004: 96).

Para diversos investigadores, a opção feita pelo jornalista no seguimento de um modelo de construção narrativa depende da forma como esse modelo consegue espelhar o tempo narrativo inerente à estória que quer contar. José Rebelo (2002: 121) refere que o discurso jornalístico situa o acontecimento narrado num momento anterior ao da sua realização, transportando o leitor para o momento de ocorrência do acontecimento. Já Afonso Puyal (2006: 172) atenta que o tempo do enunciado se refere à diegese e ao conteúdo narrativo, e o tempo da enunciação refere-se ao discurso e à forma como o texto é construído.

Mas este trabalho de narrar a estória, não se faz, contudo, sem a intervenção do jornalista enquanto narrador. É ele que observa os acontecimentos e os dá a conhecer. Procura as informações necessárias para que o facto se torne coeso e perceptível. O caso do narrador televisivo é, todavia, particular, uma vez que o jornalista de televisão surge representado como uma personagem omnipresente que fala com a autoridade de quem sabe tudo:

O exercício de conceptualização do narrador efetuado por Nick Lacey é, igualmente, bastante elucidativo, ao criar o conceito de “*narrador dramático*”, uma personagem pela qual a narração passa. Esta ideia vai ao encontro do pensamento de Cristina Ponte sobre a perspetiva de focalização do narrador em informação:

“há na dimensão axiológica do jornalismo um ideal de focalização externa – objetiva, sem interferência – em particular na separação entre relatos e comentários (...) Por outro lado, na dimensão instrumental da seleção dos factos, e sobretudo na sua construção como relato de reportagem, diríamos que a focalização se torna mais próxima da omnisciente, na qual se faz uso de um conhecimento superior ao fornecido, em que o narrador de certa forma controla os eventos reportados, as personagens que os interpretam, o tempo em que se movem, os cenários em que se situam (2004: 178 e 179).

A investigadora afirma que estes processos de controlo se manifestam, entre outros, na escolha de quem é chamado para o *lead* e, dependendo do contexto da peça, na opção por determinados momentos, ambientes e vozes (2004: 179). Este último ponto é particularmente importante. Falar de “vozes” ou “personagens” é perceber quem participa na estória noticiosa, e qual o seu papel na mesma. São as personagens que conferem vida à narrativa e que disponibilizam ao jornalista um leque de testemunhos cruciais para o seu trabalho. Sem elas, o ato de narrar seria praticamente impossível de se efetivar: “*a personagem é o eixo em torno do qual gira a ação e em função do qual se organiza a*

economia da narrativa” (Reis e Lopes, 1998: 314). Uma mais importantes que outras, mas todas com o seu papel, as personagens conferem a autoridade necessária para tornar real a notícia. Trigo de Negreiros, num texto sobre os modos de autorrepresentação dos jornalistas, reflete que ao jornalista, enquanto “*intérprete do sentir social a cada momento, [cabe-lhe] a tarefa de atribuir credenciais de legitimidade*” aos diferentes intervenientes na notícia, dando voz a uma construção de cariz simbólico da realidade (2004: 37).

As semelhanças entre as personagens da ficção e as da informação podem mesmo verificar-se na maioria dos casos. Mário Mesquita (2003: 126 e 127) refere que as personagens jornalísticas partilham certos traços fundamentais das personagens paraliterárias, nomeadamente quando a complexidade das mesmas dá lugar à eficácia narrativa. É por isso que Mesquita (2003) refere que a personagem jornalística se constitui não só através do texto escrito, mas, também, por via do sentido particular que o telespectador lhe atribui até porque, de uma determinada pessoa, apenas se conhece a personagem que os média dão a ver ao público, num ato de “*fulanização do jornalismo*”. A ideia base do autor é que na ficção o escritor é dono da personagem criada, enquanto o jornalista se refere a alguém que existe na realidade.

Porém, de forma a justificar e a sustentar este processo de construção narrativa das notícias em televisão com base em diferentes personagens, o narrar dos factos acontece sob a forma de uma oposição binária entre diferentes realidades e atores da notícia: “*as oposições binárias podem ser vistas no uso rotineiro do conflito para construir histórias e como parte da tendência para personalizar assuntos, grupos e acontecimentos*” (Dunn, 2005: 145).

O investigador Nick Lacey (1998: 69) refere, também, que as oposições binárias criam significado contrastando os signos uns com os outros, e originando interpretações. Alguns exemplos de oposições binárias visíveis na narrativa noticiosa televisiva são o contraste entre masculino e feminino, ocidente e oriente, esquerda e direita, lei e crime, nacional e internacional, entre outras.

Importa igualmente verificar que este modelo de oposições binárias parece ir ao encontro do modelo de papéis e funções que os diferentes atores / personagens têm na narrativa, o qual foi defendido por Greimas (1971), e aplicado por Machill *et al.* (2007: 193). Este modelo refere que a narrativa noticiosa segue a ideia da existência de um “*sujeito*”, que

tem um objetivo específico mencionado na notícia, mas ao qual se opõe um “*outro sujeito*” que o quer impossibilitar de atingir a sua meta inicial.

Ao longo deste capítulo, observámos como é que os jornalistas transformam os factos em notícias televisivas. Neste sentido, a escrita jornalística e o saber de narração são essenciais para contar a estória, através de um discurso que informa o público. Contar é, por isso, recontar, pegando em certos aspetos do acontecimento e dando-lhe um enquadramento especial, um fio condutor que permita uma dada abordagem jornalística. Entender a notícia como narrativa é por isso fulcral, nomeadamente, na compreensão de que o jogo escrito, visual e áudio são interdependentes na informação televisiva, e com elevado valor referencial. Porém, só uma construção narrativa clara permite que estes três elementos assumam a significância que se pretende com a produção da informação. Uma construção onde entram as personagens sob a batuta de um maestro: o jornalista narrador. Ele investigou, procurou, descobriu, e no final dá a conhecer.

A ideia que fica, por isso, depois de ver uma notícia, é que embora ela “*não seja ficção, é uma «estória» sobre a realidade, não a realidade em si*” (Bird e Dardenne, 1988/1999: 276), até porque “*dizer que uma notícia é uma «estória» não é de modo nenhum rebaixar a notícia, nem acusá-la de ser fictícia. Alerta-nos para o facto de a notícia, (...) ser uma realidade construída possuidora da sua própria validade interna*” (Tuchman, 1976/1999: 262).

3. Análise Empírica – Estudo de caso sobre o “Jornal da Noite”

3.1 Metodologia

Depois de apresentado o enquadramento teórico que sustenta o nosso trabalho, procederemos a uma análise empírica à forma como as notícias televisivas são construídas a nível narrativo. O objetivo desta investigação, não é, porém, o de chegar a uma verdade una e absoluta sobre essa construção. Afinal, o facto de cada jornalista ser um entre muitos na redação em que trabalha, condiciona também a forma como ele constrói narrativamente a notícia para televisão. Assim, pretendemos atingir um conjunto de conclusões específicas para o nosso objeto de análise, e não generalizá-las para outros meios de comunicação, uma vez que cada um deles terá, também, as suas características.

Neste contexto, o entendimento que Quivy e Campenhoudt fazem sobre o procedimento científico é crucial no trabalho que agora apresentamos, nomeadamente, quando dividem esse procedimento em três atos primordiais: a “*rutura*”, a “*construção*” e a “*verificação*” (Quivy e Campenhoudt, 1998: 26-28).

Os autores referem que, num primeiro momento, a “*rutura*”, o investigador deve eliminar todos os preconceitos sobre o fenómeno que está a estudar. Desta forma, iremos partir para a nossa investigação sem quaisquer pré-ideias e juízos em relação à forma como os jornalistas da redação de informação da SIC constroem as notícias. Apesar da experiência de estágio nos ter permitido e, sobretudo, ensinado a fazer essa construção das peças, nós próprios colocámos o cunho pessoal nas notícias que produzimos. E para fazer essa “*rutura*”, importa, antes de mais, respeitar as etapas que Quivy e Campenhoudt (1998) definem para este primeiro procedimento: construir e definir a pergunta de partida, fazer a exploração e construir a problemática.

No que concerne à pergunta de partida, que deverá espelhar aquilo que o investigador quer perceber e explicar com o seu trabalho (Quivy e Campenhoudt, 1998: 33), colocámos em prática aquilo que os autores definem como boa pergunta, nomeadamente, as qualidades de clareza e objetividade que a mesma deve apresentar, tornando-se, desta forma, no fio condutor da nossa investigação.

Assim, definimos uma pergunta de partida para esta investigação, que delimitou o objeto de estudo que escolhemos, dotando-o da pertinência empírica necessária a um trabalho de investigação deste tipo: “A nível narrativo, como são construídas as notícias do «Jornal da Noite» da SIC?”.

O nosso objetivo será, então, o de perceber de que forma as notícias do “Jornal da Noite” da SIC espelham uma determinada construção de pendor narrativo. No final do trabalho, poderemos concluir que recursos foram utilizados pelo jornalista para contar cada uma das histórias que analisámos.

O balanço crítico do conhecimento que efetuámos no Enquadramento Teórico, naquela que é definida como a construção da etapa “problemática” (Quivy e Campenhoudt, 1998: 96-105), orientou-nos para a elaboração de três respostas à pergunta de partida que modela esta investigação: por um lado, as notícias do “Jornal da Noite” da SIC são construídas de acordo com processos e modelos de construção narrativa específica, por outro, essa construção é realizada de acordo com um texto audio-scripto-visual próprio, mas, também, com um estilo de enunciação particular.

Apresentadas as hipóteses de investigação, importa precisar sobre o nosso objeto de estudo. Assim, quanto ao universo, este corresponde às edições do “Jornal da Noite” da SIC. No que respeita à dimensão da amostra, esta corresponde ao período de uma semana (sete dias), entre 12 e 18 de Março de 2012, e a um total de 140 notícias, categorizadas por área temática na Grelha 3 do Anexo A. Esta dimensão da amostra deve-se, sobretudo, ao facto dos estudos deste tipo sobre informação televisiva utilizarem amostras que correspondem a uma ou duas semanas de análise.¹⁶

Assim, seguindo o modelo de Álvaro Pires (1997: 12), trata-se de uma “*amostra de tipo qualitativo*”, em que optámos por uma “*amostragem por caso único*” que, neste caso, corresponde a uma amostra de meio, uma vez que se trata de um estudo de um só programa de informação e não de vários: o “Jornal da Noite” da SIC. De acordo com as características do nosso trabalho decidimos adotar um “*método qualitativo e quantitativo*”. Desta forma iremos conseguir coligir um significativo número de dados qualitativos e quantitativos, usando, para tal, variados registos.

Ao nível das técnicas de recolha e análise de informação, e tratando-se de análise noticiosa, decidimo-nos pela escolha da técnica de “*análise de conteúdo*”, a qual aplicámos às notícias das edições do “Jornal da Noite” da SIC analisadas. Esta é uma técnica que compreende, ao mesmo tempo, recolha e análise, porque “*se organiza em torno de três polos: a pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação*” (Bardin, 1995: 95), ou seja, compreende a própria constituição do corpus

¹⁶ Cada uma das edições do “Jornal da Noite” analisadas pode ser visionada no DVD 1 do Anexo B.

que escolhemos, a sua exploração de forma a construir as categorias, e posterior codificação e tratamento do material recolhido.

Para concretizar esta técnica, decidimos construir duas grelhas de análise de conteúdo, com o intuito de efetivar, de uma forma o mais completa possível, a análise das notícias que vamos fazer, categorizando-as em seis áreas temáticas principais: Sociedade, Política, Economia, Desporto, Cultura e *Faits-divers*. Os dados foram, seguidamente, coligidos de forma numérica, por indicador e dimensão, de forma a sistematizar conclusões, dando origem às Grelhas 4 a 15, constantes no Anexo A, e sintetizadas nos Quadros 1 e 2 constantes no capítulo seguinte.

Importa salientar que, neste ponto, apenas serão analisadas as notícias, excluindo-se, todos os leads, rodapés, oráculos, uma vez que estes não são uma criação exclusiva dos jornalistas autores das notícias, mas de alterações efetuadas pelo editor executivo que coordena o bloco de informação em causa, ou alvo de modificação por outros coordenadores de editoria. Para além disso, excluímos, também, desta análise todos os *offs* presentes em cada uma das edições do “Jornal da Noite” analisadas, pois estas notícias não espelham a construção narrativa que queremos analisar, antes estão de acordo com uma construção em jeito de “breve” jornalística.

A respeito da análise jornalística em televisão, Estrela Serrano refere que

“as características do meio televisão fazem do jornal televisivo uma sucessão de sequências de imagem, texto e som cuja análise requer quadros teóricos e modelos empíricos diferentes dos que são usados na análise da imprensa da imprensa, incluindo nesta a relação entre o texto e a fotografia” (2012: 216).

Assim, na primeira grelha de análise (Grelha 1, Anexo A), iremos analisar o processo e o modelo de construção narrativa, o narrador e as personagens intervenientes nas peças alvo de investigação. Por isso, definimos diversas variáveis de análise que nos irão permitir verificar de que forma são construídas as peças jornalísticas em televisão.

No que concerne ao Assunto, como o próprio nome indica, este corresponde ao tema e ao objeto da notícia em si. Já a Categoria Temática tem como objetivo ajudar à delimitação da área temática que domina toda a notícia analisada. Nuno Brandão (2006) define como algumas das principais categorias temáticas inerentes às notícias televisivas a “política”, “sociedade”, “economia”, “desporto” ou “cultura”. Introduziremos, ainda, o “*faits-divers*” para todas as notícias que não se enquadrem nas categorias anteriores.

No que respeita ao Tratamento Geográfico pretendemos especificar se a notícia é de âmbito nacional ou internacional, isto é, se faz referência a algo que decorreu em território português ou fora dele. Não introduzimos o “*internacional*” como categoria temática por pensarmos que seria uma categoria extremamente vasta para a inclusão de notícias, não permitindo, por isso, uma análise segmentada e de fundo como a que pretendemos fazer. Como exemplo, introduzir uma notícia sobre a economia americana na categoria temática “*internacional*” é, de alguma forma, limitar a sua observação, uma vez que a análise será mais frutuosa se for incluída em “*economia*”.

No Processo de Construção Narrativa observaremos de que forma cada notícia segue um determinado padrão de construção. Para isso iremos recorrer aos esquemas de Jean-Jacques Jaspers (1998) ou de Barthes (1974), devidamente explicados no Enquadramento Teórico deste trabalho. Esta escolha prende-se, sobretudo, com o facto de estes serem os esquemas que, pensamos, melhor espelham a construção narrativa das notícias, fazendo com que essa construção seja denotada mais rapidamente.

No Modelo de Construção Narrativa seguiremos as abordagens de François Jost (2007: 96 e 97), nomeadamente, percebendo se a notícia segue um “*modelo explicativo*” ou, antes, um “*modelo emocional*”; de Michael Gurevitch e Anandam Kavoori (1994: 20 e 21), que dividem em “*modelo aberto*” ou “*modelo fechado*”, e de Mugdah Rai e Simon Cottle (2006/2009), que criaram doze “*frames comunicacionais*” que fazem corresponder a um modelo de narração específico. Todos eles se encontram explicados no Enquadramento Teórico.

Quanto ao Narrador, seguiremos os elementos teóricos concernentes à investigação de Carlos Reis (2001), nomeadamente, no que diz respeito à focalização e à tipologia do mesmo. Assim, este pode ser, segundo a focalização, “*omnisciente*”, quando conhece a totalidade da história que está a narrar, recorrendo, por isso, mais à descrição do que ao diálogo, praticar uma “*focalização externa*”, quando narra apenas o que observa exteriormente, ou, ainda, uma “*focalização externa interventiva*”, quando, apesar de narrar o que observa exteriormente, interpreta o sentir e o pensar das personagens existentes na notícia. Já sobre a tipologia, o mesmo pode classificar-se como “*autodiegético*”, quando narra aquelas que são as suas experiências enquanto personagem central da história que está a narrar, “*homodiegético*”, quando não é a personagem principal da história narrada,

mas que tem a função de narrar os acontecimentos que a constituem; ou “*heterodiegético*”, quando for exterior à história que está a narrar.

Na enumeração das Personagens que constituem a notícia, e que para Nuno Brandão dizem respeito às “*individualidades de quem são recolhidos depoimentos nas notícias, ao nível das suas funções*” (2006: 158), categorizá-las-emos de acordo com a terminologia usada por Rogério Santos (2006) na categorização de fontes: personagens “*oficiais*”, quando se tratam de elementos que desempenham papéis de realce na sociedade, “*especialistas*”, quando essas pessoas são entrevistadas na notícia enquanto elementos detentores de um saber que vai acrescentar algo ao tema abordado e, ainda, personagens “*anónimas*”.

Na segunda grelha de análise (Grelha 2, Anexo A) iremos proceder a uma análise do texto audio-scripto-visual e do estilo das peças analisadas.

No ponto Texto *Off* colocaremos em relevo, não só, as oposições binárias existentes em cada notícia, uma vez que “*os signos só têm o significado que têm em oposição a outros*” (Hartley, 2004: 193), como também explicaremos as figuras de estilo presentes no texto produzido pelos jornalistas, nomeadamente, seguindo as listagens feitas por Jorge Pedro Sousa (2006), Isabel Casanova (2009) e Carlos Reis (2001).

Na que concerne ao Texto Áudio pretendemos verificar se os jornalistas recorrem, ou não, a efeitos sonoros, quando existe o recurso a quaisquer artifícios de som que surjam na notícia com um significado particular, e banda sonora, quando a notícia tem inserido algum elemento de música específico.

Já no Texto Visual começamos por categorizá-lo em planos e movimentos de câmara, consoante os tipos de planos mais utilizados na peça – inteiro, americano, médio, próximo, grande plano, muito grande plano ou pormenor – (Castillo, 2009), ou *movimentos de câmara*, que incluem *travellings* ou panorâmicas, para depois passar a uma análise das imagens que, segundo François Jost (2005: 86 e 87) podem ser “*imagens-testemunho*”, entendidas enquanto imagens que espelham a realidade do que está a ser dito, “*imagens-arquivo*”, que pintam o texto escrito dando ideia de que o que se está a contar já teve desenvolvimentos anteriores, não sendo, por isso, uma situação que aconteceu apenas agora, ou, “*imagens-símbolo*”, que pretendem apresentar um sentido metafórico do que está a ser dito, de forma a confirmá-lo e, sobretudo, realçá-lo. Observaremos, igualmente, se a peça apresenta a introdução de efeitos visuais, quando se recorre a artifícios de

imagem para construir a história, e grafismos, quando a peça apresenta quadros, gráficos ou tabelas informativas que complementam a notícia.

Seguidamente, para a Relação entre Texto *Off*, Texto Áudio e Texto Visual, iremos recorrer ao estudo de Estrela Serrano (2012), já explicado no Enquadramento Teórico.

No que concerne ao Estilo da peça seguimos a categorização de Rita Figueiras (2008), em que o estilo corresponde à forma como se estrutura a argumentação ao longo da peça, e que pode ser “*analítico-interpretativo / explicativo*”, quando a argumentação é apresentada de forma a explicar o contexto dos factos, “*crítico*”, quando o estilo é preponderantemente questionador, colocando em causa assuntos / intervenientes na notícia, “*apologético*”, quando se defende, na notícia, uma determinada perspetiva, salientando os pontos positivos, “*ironia*”, quando a intenção da notícia é satírica ou sarcástica e “*crítico irónico*”, quando combina ambas as categorias. Pode, ainda, não se aplicar nenhuma das anteriores categorias, sendo, por isso, “*não aplicável*”.

Assim, com a construção destas grelhas de análise de conteúdo pretende-se, sobretudo, chegar a uma melhor observação dos elementos da investigação que vamos fazer, contribuindo para dar uma força metodológica à mesma.

3.2 Análise da construção narrativa das notícias do “Jornal da Noite”

O processo de construção narrativa que escolhemos para analisar as notícias do “Jornal da Noite” da SIC seguiu, como vimos na Metodologia, múltiplas variáveis. Assim, e depois de efetuada a devida análise às notícias emitidas entre 12 e 18 de março de 2012 nesse bloco informativo, obtiveram-se os seguintes resultados, expressos no Quadro 1 e 2, que analisaremos, seguidamente, de acordo com cada uma das seis áreas temáticas:

Quadro 1: Análise estatística do processo e modelo de construção narrativa, do narrador e das personagens das notícias do “Jornal da Noite” da SIC

Dimensão	Indicador	Sociedade	Política	Economia	Desporto	Cultura	Faits-Divers
Tratamento Geográfico	Nacional	33	21	34	17	5	6
	Internacional	7	5	3	2	3	4
Processo de Construção da Narrativa	Enigma -> Atraso -> Resolução	25	14	21	15	3	10
	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	15	12	16	4	5	-
Modelo de Construção da Narrativa	Explicativo	33	26	35	12	8	9
	Emocional	7	-	2	7	-	1
	Aberto	6	4	3	-	1	1
	Fechado	34	22	34	19	7	9
	Relato	33	14	18	16	7	8
	Dominante	3	7	6	2	1	2
	Concorrencial	2	2	3	1	-	-
	Contenção	2	3	4	-	-	-
Reportagem	-	-	6	-	-	-	
Focalização do Narrador	Focalização Externa	34	22	32	9	8	10
	Focalização Externa Interventiva	6	4	5	10	-	-
Tipologia do Narrador	Heterodiegético	40	26	37	19	8	10
Personagens	Oficiais	9	19	19	18	5	1
	Especialistas	11	8	5	1	-	-
	Anónimas	24	5	16	1	3	7
	Não Aplicável	3	2	2	2	2	2
Número total de notícias analisadas		40	26	37	19	8	10

Quadro 2: Análise do texto audio-scripto-visual e do estilo das notícias do “Jornal da Noite” da SIC

Dimensão	Indicador	Sociedade	Política	Economia	Desporto	Cultura	Faits-Divers
Texto Off	Utiliza	29	20	26	16	5	5
	Não Aplicável	11	6	11	3	3	5
Figuras de Estilo	Utiliza	4	15	8	4	-	1
	Não Aplicável	36	11	29	15	8	9
Texto Off Oposições Binárias	Distorção de Voz	1	-	-	-	-	-
	Não Aplicável	39	26	37	19	8	10
Texto Áudio Efeitos Sonoros	Música	2	-	2	1	2	1
	Não Aplicável	38	26	35	18	6	9
Texto Áudio Banda Sonora	Planos Muito Gerais	-	-	-	12	-	-
	Planos Gerais	39	26	36	5	4	10
	Planos Inteiros	3	11	11	2	-	2
	Planos Americanos	4	6	3	2	1	1
	Planos Próximos	32	19	33	17	6	8
	Grandes Planos	17	2	4	-	2	4
	Panorâmica	1	1	-	-	-	-
	<i>Travelling</i>	-	1	1	-	-	-
Texto Visual Planos e Movimentos	Imagens de Arquivo	13	11	9	4	2	2
	Imagens Símbolo	19	6	11	12	5	8
	Vivo do Jornalista	4	3	4	-	-	-
	Não Aplicável	6	6	12	3	1	-
Texto Visual Imagens	Repartição da imagem em partes	1	-	-	-	-	-
	<i>Slow-motion</i>	-	1	-	-	-	-
	Não Aplicável	39	25	37	19	8	10
Texto Visual Efeitos Visuais	Gráficos	1	-	-	-	-	-
	Imagens	-	1	-	1	1	1
	Quadros	-	2	2	-	1	-
	Não Aplicável	39	23	35	18	7	10
Texto Visual Grafismos	Reforço	27	9	11	12	8	10
	Referencialização Fraca	9	11	21	4	-	-
	Referencialização Nula	4	6	5	3	-	-
Relação Texto Off, Texto Áudio e Texto Visual	Apologético	2	-	-	2	-	-
	Crítico	1	1	1	1	-	-
	Crítico-Irónico	1	-	1	2	-	1
	Explicativo	35	18	33	13	8	6
	Irónico	1	7	2	1	-	3
Número total de notícias analisadas		40	26	37	19	8	10

3.2.1 Análise da construção narrativa das notícias de Sociedade

Os assuntos veiculados nas notícias de sociedade do “Jornal da Noite” são extremamente vastos, abrangendo temáticas que incluem uma vaga de gripe no país, uma agressão nas ruas de Viseu ou um acidente de autocarro na Suíça. No que concerne ao tratamento geográfico destas notícias, observamos que a sua esmagadora maioria se inclui no âmbito nacional, onde se contabilizam 33 notícias das 40 analisadas¹⁷.

Iniciando-se a análise do processo e do modelo de construção narrativa destas notícias, no caso do processo de construção narrativa, 25 notícias seguiram o esquema de construção enigma, atraso e resolução. O modelo de Roland Barthes (1974) é, assim, seguido de forma flagrante, porque ao suscitar e espicaçar o interesse pelo assunto logo no início da notícia, consegue manter o telespectador atento até ao desenlace noticioso. A notícia 37¹⁸ espelha, da melhor forma possível, este tipo de construção. O jornalista começa por dizer no seu *off*, em jeito de suspense enigmático, que “o assalto a um minimercado, em frente de uma escola às cinco da tarde parece não fazer sentido”, para, logo depois, atrasar o desfecho do assalto que está a noticiar para atentar que “a zona foi cercada e os pisos passados a pente fino”. Só no final da peça, no entanto, é que o telespectador fica a saber as reais consequências do assalto, “que terá rendido entre 100 e 200 euros”. De igual forma, a notícia 110 segue este processo de construção. O jornalista inicia a notícia a referindo que “Felisberto Moura vive mesmo ao lado da casa onde, alegadamente, uma idosa era vítima da violência do marido”, atrasando o evoluir da notícia ao dizer que “as autoridades encontraram a idosa num estado muito frágil”, para, só no final, explicar que “a idosa foi encaminhada para o hospital de Vila Real, onde está a ser tratada”. Este último exemplo comprova que a criação de um enigma surge logo na parte inicial da notícia: inicia-se a estória com a perceção de um vizinho da alegada vítima de violência, para, depois, se explicar o estado em que a mesma foi encontrada e, só no final, se especifica qual é a sua situação atual, correspondendo esta informação à resolução que o caso de violência teve, revelando-se que a vítima está no hospital.

¹⁷ A contabilização exaustiva dos dados estatísticos relativos a cada dimensão e indicador, por área temática, constam nas Grelhas 4 a 15, do Anexo A.

¹⁸ Os números das notícias aqui apresentados referem-se à análise de cada notícia do “Jornal da Noite” da SIC, entre 12 e 18 de março de 2012, constantes nas Grelhas 1 e 2, do Anexo A.

Um aguçar da curiosidade é o que os jornalistas procuram ao seguirem este tipo de construção narrativa. Em conversa com um jornalista de sociedade que acompanhei durante o estágio, o mesmo referiu-me que esta fórmula de construção – enigma, atraso, resolução –, garante um “*maior interesse por parte do telespectador, porque ele vai querer ficar a ver a peça até ao final; e as peças de sociedade, por abordarem temas e assuntos muito vastos, têm que garantir esse interesse*”.

Mas há 15 notícias que não seguem este processo de construção narrativa, orientando-se pelo processo criado por Jean Jacques Jaspers (1998): premissa, exórdio, enunciado, desenvolvimento, conclusão. Na notícia 21, que versa sobre o aniversário da manifestação de 12 de março de 2011 (premissa), a jornalista inicia a notícia com um exórdio aproximativo, preferindo evocar a dimensão dessa manifestação – “A 12 de março de 2011 (...) duzentas mil pessoas saíram à rua” –, seguindo-se o enunciado, quando referem as razões dessa manifestação – “para dar voz à indignação e à esperança num futuro melhor” – o desenvolvimento, em que se fala da situação atual do país, com “oitocentas mil pessoas sem trabalho”, e a conclusão, quando se diz que “um ano depois (...) voltam à mesma zona de Lisboa para apelar ao debate e à intervenção social”. Na notícia 99, referente aos serviços mínimos decretados para a greve nacional da semana seguinte (premissa), a jornalista começa a estória com um exórdio disruptivo, revelando um facto excecional –, “o metro de Lisboa e os barcos (...) vão estar parados esta quinta-feira” – prosseguindo com o enunciado e o desenvolvimento, em que explica quais os transportes que vão circular em Lisboa e no Porto, e concluindo com as razões apresentadas pela CGTP para a realização dessa greve nacional.

A editora executiva que coordenava o “Jornal da Noite” de fim-de-semana em março de 2012 manifestava uma opinião particular em relação ao processo de construção narrativa das notícias. Para si, o jornalista não tem “*consciência que está a seguir um ou outro modelo na construção da sua peça*”. O jornalista pode até não ter essa perceção. Porém, e a análise empírica prova-o, existe aqui uma sobreposição de um modelo sobre o outro.

No que concerne aos modelos de construção narrativa, 33 das 40 notícias seguem o modelo explicativo, procurando apresentar determinado acontecimento sem recorrer à personalização do mesmo. Porém, e apesar de se tratar de notícias de sociedade, onde seria expectável que a opção pela humanização do contar a estória fosse mais evidente, isso não acontece. A escolha do modelo emocional é muito reduzida, mas, mesmo assim, existem

bons exemplos. A notícia 101 veicula um apelo direto aos dadores de sangue, procurando, pela via sentimental, chegar aos telespectadores. A jornalista utiliza no seu texto frases como “Portugal precisa de sangue novo” ou “portugueses com amor e solidariedade a correr-lhe nas veias”, para explicar a necessidade dos portugueses darem sangue.

A análise das notícias de sociedade deixa, igualmente, perceber que 34 peças seguem um modelo fechado, e apenas 6 respeitam um modelo aberto, seguindo a perspectiva de Gurevich e Kavoori (1994), uma vez que os jornalistas conferem uma só interpretação àquilo que é dito e aos factos que constituem a notícia. Quando isso não acontece, como na notícia 109, sobre uma fraude no multibanco, o jornalista noticia o acontecimento deixando em aberto várias janelas para a sua explicação: “sobre a tendência para a diminuição de ocorrências de *cashtrapping* a explicação pode estar nos hábitos de utilização das caixas de multibanco”. Não raras vezes, este modelo é coadjuvado pela introdução de declarações de entrevistados em vivo, que abrem a explicação do acontecimento noticioso.

Ainda no caso da observação dos modelos de construção presentes nas notícias de sociedade, observa-se que 33 notícias seguiram um *frame* comunicacional com base no relato, 3 seguiram a via do modelo dominante, 2 notícias o modelo concorrencial e 2 notícias o modelo reportagem. O relato foi, de forma inequívoca, o mais visível, uma vez que o modelo de construção narrativa dessas notícias demonstra que os jornalistas procuravam fazer uma leitura factual e objetiva dos acontecimentos. Na notícia 14, verifica-se que há um domínio, quase absoluto, de fontes oficiais, nomeadamente, elementos das PJ portuguesa e espanhola, correspondendo, por isso, a um modelo de construção dominante. Já na notícia 119, sobre a crise económica na Grécia, observa-se que o modelo é concorrencial, porque o jornalista procura dar ampla voz a vários sem-abrigo que explicam a sua situação acusando o Governo mas, também, a elementos do Governo grego que justificam a situação no país. Por outro lado, na notícia 21, a jornalista optou por seguir a via da reportagem sobre a manifestação do 12 de março de 2011, uma vez que com base nesse grande tema, esta procurou focalizá-lo, como me referiu numa conversa, “nas consequências que a mesma teve para diversas pessoas que participaram nessa manifestação”. As palavras da jornalista enquadram-se no entendimento de Jaspers, que afirma que “a preocupação em personalizar a informação conduz a optar por fórmulas concretas a partir de casos vividos” (1998: 115).

Quanto à focalização do narrador, a análise das peças de sociedade mostrou que os jornalistas fizeram o seu relato dos acontecimentos com base numa observação externa, não tomando parte no acontecimento que estavam a noticiar. Todavia, em 6 das 40 notícias, apesar de essa narração ser externa ao acontecimento noticiado, ficou demonstrado que os jornalistas interpretaram o pensar e o sentir das pessoas que estavam a entrevistar, praticando uma focalização externa interventiva. A notícia 57 reflete bem essa situação, pelo facto da jornalista iniciar a sua peça com a frase “É um sinal de esperança para muitos agricultores, cansados de esperar pela chegada da chuva”. A jornalista interpreta o sentir dos agricultores, que diz ser de esperança e, ao mesmo tempo, cansaço em relação ao estado do tempo. Uma situação semelhante acontece notícia 113, sobre a chuva em Trás-os-Montes, onde o jornalista refere que a chuva “trouxe algum ânimo a quem tanto se fartou de esperar pelo Inverno”. Por ocasião de acompanhamento em reportagem de um jornalista de sociedade, foi-me explicado que “*esta forma de contar as notícias permite dar uma maior carga humana ao que se noticia e, por conseguinte, despoletar nos telespectadores um sentimento de identificação com as personagens que aí existem*”.

Ainda quanto à tipologia do narrador, as 40 notícias analisadas são narradas de forma heterodiegética, isto é, o narrador é exterior à notícia, não se constituindo em personagem.

As personagens que intervêm nas notícias de sociedade são, na sua maioria, anónimas. Estando presentes em 24 das 40 notícias, são as pessoas comuns que existem em maioria nestas peças: testemunhas de um incêndio em Alverca (notícia 15), vítimas de assaltos (notícia 33) ou testemunhas de um assalto em Albufeira (notícia 37). Ao nível das personagens especialistas, estão presentes em 11 notícias, entre elementos do Instituto Português do Sangue e Transplantação (notícia 58), de associação de agricultores (notícia 114) ou da Deco (notícia 126). Destacam-se ainda 9 notícias que se recorrem a personagens oficiais, entre elementos da Polícia Judiciária (notícia 30) ou um comandante dos bombeiros (notícia 38). Como resultado desta observação, conseguimos comprovar que as palavras de Justin Lewis (1994) devem ser lidas com cuidado, pois o autor defende que a “*vox populi*” é aquela que é menos poderosa no conjunto das notícias. No caso das notícias de sociedade, provamos o contrário: são as personagens anónimas aquelas que têm maior destaque, sendo lícito entender essa presença enquanto poder. Dois jornalistas

complementaram esta mesma ideia, referindo que as notícias de sociedade “*vivem de pessoas, e essas pessoas são, na sua maioria, anónimas: são estórias com gente dentro*”.

No âmbito do texto *off*, uma análise pormenorizada aos textos das 40 notícias de sociedade que constituíram a amostra, deixa perceber que há quatro figuras de estilo que assumem uma utilização destacada: a enumeração, utilizada em 18 notícias, a personificação, que conta com 6 registos, a imagem com 4 e a elipse, igualmente, com 4. Foram ainda encontradas mais 15 figuras de estilo, e em 11 notícias, não há registo de qualquer utilização das mesmas. No que à enumeração diz respeito, nota-se uma utilização elevada nas notícias analisadas, correspondendo esta realidade, segundo uma jornalista com vários trabalhos realizados nesta editoria, “*à necessidade de dar dimensão aos acontecimentos*”. Notamos que estas palavras fazem sentido se observarmos a notícia 43, onde o jornalista enumera os meios físicos e humanos envolvidos no socorro às vítimas de um acidente de autocarro na Suíça, dando-lhe relevo – “a autoestrada era cortada nos dois sentidos enquanto eram mobilizados 100 socorristas, 60 bombeiros, 15 médicos, 12 ambulâncias e 8 helicópteros” –, ou na notícia 116, sobre médicos estrangeiros a exercer em Portugal, referindo-se que “entre os 42 mil médicos inscritos na ordem dos médicos em 2010, quase 4 mil eram estrangeiros, um ratio que indica que em cada 100 médicos, mais de 9 são estrangeiros”, facto que nos dá a verdadeira dimensão desta realidade. Ao nível da personificação, as notícias de sociedade evidenciam uma adequação textual de características humanas a realidades que, naturalmente, não as têm, como acontece: na notícia 39, ao dizer-se que “a pobreza pede ajuda”, numa clara relação com a imagem da necessidade de quem é pobre; na notícia 101, quando se refere que “Portugal precisa de sangue novo”, de forma a chamar a atenção para os portugueses darem sangue; ou na notícia 119, quando se diz que a “civilização grega está a apodrecer”, procurando-se demonstrar o estado da economia desse país. No caso da imagem, na notícia 10, sobre a vaga de gripe em Portugal, diz-se que “a curva está a crescer, mas é preciso perceber se a tendência se mantém”, ou seja, procura-se criar a ideia de que o número de casos de gripe no país está a aumentar, e na notícia 84, sobre o caso de um processo desaparecido há quatro anos do Tribunal da Relação de Lisboa, refere-se que o mesmo “estava em duas caixas que não têm pernas”. No caso da elipse, na notícia 43, sobre um acidente de autocarro na Suíça, fala-se em “desesperados por informações que escasseavam”, omitindo-se que quem espera esses dados são os pais das crianças que estavam dentro do autocarro acidentado. A utilização da elipse é, para Puyal, um artefacto discursivo que

consiste em mostrar por omissão alguém ou algo que já se falou anteriormente, e cuja “*manipulação temporal corresponde à construção do discurso*” (2006: 176).

Ainda quanto ao texto *off*, apenas foram encontradas quatro oposições binárias nas 40 notícias analisadas. Destacamos a notícia 18, sobre um massacre no Afeganistão, onde há uma oposição entre o militar americano autor do massacre que matou dezenas de afegãos e o Parlamento daquele país, que sanciona o ato, e a notícia 33, sobre um assalto a uma loja, onde há uma oposição binária entre a proprietária da loja alvo do assalto e a administração do centro comercial onde a mesma loja se localiza, que descarta as culpas de uma ineficaz vigilância do estabelecimento. Para além disso, e como foi referido em diversas conversas durante o estágio, as oposições binárias correspondem à necessidade dos jornalistas contarem os diferentes lados da estória, numa tentativa de respeito pela objetividade do assunto que estão a abordar, recorrendo-se a esta “*estratégia textual*” (Hartley, 2004: 192).

Numa análise ao texto áudio percebemos que apenas uma notícia recorre a efeitos sonoros e duas ao uso de banda sonora. Na notícia 83 existe uma clara distorção de voz dos entrevistados, de forma a não ser revelada a sua identidade, visto que o assunto da notícia versa sobre uma burla efetuada por uma funcionária do Serviço de Estrangeiros Fronteiras (SEF). Ao nível da banda sonora, esta mesma notícia apresenta uma música de fundo que sugere *suspense* sobre algo ilícito, e que está diretamente relacionada com o facto de corresponder a um relato de como é que a burla foi feita desde o início. A ideia, segundo o editor de imagem desta peça, foi “*espicaçar, com a música, a curiosidade do telespectador que, dessa forma, seguiria o enredo da estória até ao final da peça*”. Também a notícia 119, sobre a crise financeira da Grécia, recorre a banda sonora. Mas aqui a música, tipicamente grega, é triste, tal como as diversas situações contadas pelos entrevistados. O que se procurou passar nesta última notícia é aquilo que Jacinto Godinho aflora: “*a música é uma autêntica biblioteca de afeções a que recorremos quando queremos interagir com os estados de espírito*” (2011: 77). Neste caso, pelo que se observa nos vivos apresentados, o estado de espírito dos entrevistados era de tristeza e isolamento social.

O texto visual é outro dos que adquire especial interesse na observação das notícias de sociedade. De acordo com a análise feita aos planos de imagem e movimentos de câmara constantes nessas notícias, em 39 delas recorre-se ao uso de planos gerais, em 32 a planos próximos e em 17 a grandes planos. Correspondendo a peças onde o fator e a presença humana têm um especial destaque, estes números não são de estranhar, uma vez que os

jornalistas procuram mostrar certos pormenores dos acontecimentos e emoções das pessoas que aí intervêm, com o intuito de humanizar o seu relato. A notícia 21, sobre as manifestações de 12 de março de 2011, recorre sobretudo a planos próximos dos manifestantes, de forma a demonstrar, através de planos onde se destaca a sua cara, a revolta que sentem e que os leva a estarem ali. Também na notícia 103 há um plano próximo e grandes planos da jovem violada, mostrando ao pormenor o corpo da vítima, que acabou por se suicidar, e planos gerais da manifestação contra este ato em concreto, procurando-se mostrar a dimensão da mesma e a presença feminina que aí tomou parte.

Tratando-se de peças de sociedade, relembro as palavras de um repórter de imagem que me acompanhou em vários trabalhos: *“numa notícia de sociedade, mostrar a pessoa, o seu sentir, quem ela é, é importante. Trata-se de conferir autenticidade ao que se está a relatar, e os planos próximos e grandes planos funcionam como tal”*. Esta ideia vai ao encontro do pensamento de Pantti (2010), que numa série de entrevistas que realizou a jornalistas de televisão finlandeses e holandeses, conclui que são as próprias imagens que geram emoção no telespectador. O autor refere que, se anteriormente, o foco das imagens era nos objetos e nos edifícios, hoje são as pessoas que fazem as notícias, gerando comoção com as suas histórias e a forma de as contar.

No que concerne ao tipo de imagens presentes nesta categoria, verificamos que são as imagens símbolo aquelas que adquirem maior importância, estando presentes em 19 das 40 notícias, seguindo-se as imagens de arquivo em 13 notícias, e os vivos do jornalista em 4 notícias. Na generalidade, nota-se que existe uma preocupação dos jornalistas em metaforizar o conteúdo do que dizem através das imagens, isto é, marcam o que falam recorrendo a uma imagem particular que o demonstra. Na notícia 15, sobre um incêndio num prédio em Alverca, refere-se que *“a inquilina do segundo esquerdo, atualmente a viver sozinha, foi uma das vítimas do incêndio que ficou circunscrito à sala de estar”*. Já na montagem da peça, a jornalista recorre ao plano do exterior desse mesmo segundo andar para não só enfatizar o que diz como também, em jeito metafórico, demonstrar que não foi só a inquilina que sofreu ferimentos físicos mas, igualmente, a sua casa, que foi afetada pelo incêndio. Já na notícia 126, sobre as queixas dos portugueses nos livros de reclamações, o jornalista diz que *“há cada vez mais páginas em branco nos livros de reclamações”*, relacionando esta frase com uma imagem de um livro de reclamações ainda em branco, de forma a valorizar, através da imagem, aquilo que estava a dizer. Por outro

lado, a notícia 36, sobre alergias respiratórias, recorre a imagens de arquivo de jardins para associar as alergias às flores e às árvores, o mesmo acontecendo na notícia 84, sobre um acidente de comboio ocorrido em 1995, em que se mostram imagens de arquivo da estação ferroviária feitas nesse dia. Quanto aos vivos, destacamos a notícia 75, sobre um acidente de autocarro na Suíça, em que há um vivo do jornalista que percorre o túnel onde o mesmo acidente ocorreu a conduzir. Esta notícia vem comprovar as palavras de Jacinto Godinho, que atenta que os vivos correspondem a “*uma espécie de testemunho de que efetivamente o repórter esteve no local do acontecimento*” (2011: 66).

Ainda no texto visual, no que respeita a efeitos visuais e grafismos, apenas encontramos um efeito e um grafismo. Na notícia 116, sobre médicos estrangeiros a exercerem em Portugal, o jornalista repartiu, logo no início, a imagem em quatro partes, de forma a que em cada uma delas o telespectador identifique cada um dos quatro médicos estrangeiros entrevistados na peça. Na notícia 39, sobre o retrato da crise em Portugal, há um gráfico com as despesas das famílias em Portugal, e que ajuda a aclarar os dados ditos na peça.

Numa análise conjunta da relação entre texto *off*, texto áudio e texto visual, observa-se que em 27 das 40 notícias essa relação foi de reforço, isto é, o *off* do jornalista complementou a parte visual e vice-versa, não esquecendo que o texto áudio, nos casos em que existiram efeitos sonoros ou banda sonora foi, igualmente, um elemento que reforçou a mensagem. A notícia 43, sobre o acidente de autocarro na Suíça, é um destes exemplos, uma vez que as imagens do estado em que ficou o autocarro, em conjunto com o texto *off* do jornalista, conferem à notícia uma informação plena. Para além disso, tratando-se de uma notícia que despoletou variadas reações sentimentais, as imagens da peça ajudam a testemunhar os estados de espírito de pais, colegas e familiares das crianças envolvidas no acidente. O reforço do texto *off* com a imagem é ainda mais nítido na notícia 85, sobre o sequestro de uma jovem em Cantanhede, onde, através da imagem, os telespectadores ficam a conhecer o sítio exato onde a vítima foi encontrada: “Foi aqui que a Polícia Judiciária encontrou a jovem na companhia de outra mulher”. Este reforçar da mensagem foi constante ao longo das 27 notícias, servindo a imagem como âncora justificativa do *texto off* da notícia: não só se mostra aquilo que se diz como, principalmente, se complementa.

Porém, observaram-se ainda 9 notícias onde essa relação foi de referencialização fraca, uma vez que as imagens acrescentaram pouca informação ao texto *off*, como aconteceu na notícia 35, sobre a realização de transplantes hepáticos pediátricos, em que as imagens

apresentadas do Hospital de Coimbra e de sala de cirurgia apenas ajudam a situar o tema, mas não lhe acrescentaram qualquer informação. Contabilizaram-se também 4 notícias onde a referencialização foi nula, como na notícia 50, sobre a proibição de utilização do novo Acordo Ortográfico no Tribunal de Viana do Castelo, onde as imagens que pintam a peça são do exterior do referido Tribunal, não acrescentando informação à notícia.

Por último, quanto ao estilo das peças, 35 notícias apresentam um estilo explicativo, procurando apresentar e situar os assuntos de forma objetiva. Todavia, existem 2 peças onde o tom é, nitidamente, apologético, como acontece na notícia 58 onde a jornalista faz um apelo aos dadores de sangue – “São precisos novos rostos nas cadeiras da solidariedade” – e na notícia 101, sobre o mesmo tema, em que se diz que “Portugal precisa de sangue novo”. Existe ainda uma peça com um estilo crítico – notícia 57, sobre o combate aos incêndios, onde se observa que “os bombeiros se debatem com a falta de meios do costume” –, outra com um estilo crítico-irónico – notícia 119, sobre a crise na Grécia, onde o jornalista refere que as os “gritos de alerta (...) já pouca diferença parecem fazer” –. Por fim, há uma notícia com um estilo irónico, a 83, em que a jornalista atenta que as vítimas que uma funcionária do SEF que os burlou “vivem em diferentes pontos cardeais do país, mas partilham os efeitos da amizade com uma mesma mulher”.

3.2.2 Análise da construção narrativa das notícias de Política

Os dados sobre o tratamento geográfico das 26 notícias de Política analisadas revelam que 21 são de âmbito nacional e 5 de internacional.

No caso do processo de construção narrativa observa-se uma divisão muito equilibrada, sendo que 14 notícias seguem a fórmula enigma, atraso, resolução, e 12 o processo premissa, exórdio, enunciado, desenvolvimento e conclusão. No primeiro caso destacamos a notícia 2, sobre o prefácio do Presidente da República ao livro Roteiros VI, em que se inicia a notícia dizendo enigmaticamente que, “desta vez, Cavaco Silva procurou ser rápido a dar explicações”. Depois atrasa-se o relato dizendo que “o Presidente escreveu que, em Março de 2011, José Sócrates não lhe deu qualquer conhecimento sobre o PEC IV” e, no fim, revela-se que “a falta de humildade democrática e diálogo frutuoso (...) acabaram por ditar o destino de um governo”. Já na notícia 23, sobre a tomada de posse no novo secretário de Estado da Energia, começa-se com um enigma que transparece na abertura da peça – “tantos sorrisos, neste dia oficial de primeira baixa do Governo” –, para se passar

para um atraso, quando se fica a conhecer que se trata da posse do novo secretário de Estado, “vindo da entidade reguladora dos serviços energéticos”, procedendo-se, no fim, à resolução, em que se perspectiva que a mudança pode implicar uma “obrigação da Troika”.

A notícia 3, sobre as reações ao prefácio do Presidente da República (premissa), enquadra-se já num segundo processo, seguindo o exórdio uma abordagem aproximativa, revelando-se logo as reações de “vários dirigentes socialistas que fizeram duras e acutilantes críticas ao Presidente”. O enunciado e desenvolvimento fazem-se com base nos vivos dos entrevistados que criticam o Presidente da República e, por fim, na conclusão, refere-se a eventual necessidade de criação de um bloco central para resolver a questão política nacional, à qual “Seguro diz não”.

Sobre estes casos em concreto, o autor da notícia 2 revelou que fazia mais sentido construí-la daquela forma porque as declarações do Presidente da República, sendo “*uma novidade, exigiam que a própria construção da notícia revelasse o tema faseadamente e não de forma cronológica, não se referindo logo o destinatário das críticas feitas*”. Já na notícia 3, o que estava em causa, segundo a jornalista, eram reações, pelo que teria mais significado fazê-lo de “*forma encadeada, através da identificação de quem reagia, dividindo essas reações por partidos*”. A editora de Política da SIC juntou, ainda, que, como de resto os dados da análise empírica revelam, que “*é bastante difícil dizer se as notícias de Política se constroem de uma forma ou de outra, até porque não existe essa consciência. Há algumas em que esse enigma alimenta a curiosidade, outras não*”.

No que concerne aos modelos de construção narrativa, as 26 notícias seguiram um modelo de construção explicativo, 22 um modelo fechado e 4 um modelo aberto. Apesar de na sua grande maioria os jornalistas apostarem numa explicação objetiva dos assuntos, fechando a interpretação do que é dito nos factos apresentados, existem casos em que essa interpretação se deixa para o telespectador, como acontece na notícia 68, sobre o julgamento do caso Freeport, em que se aborda a audiência desse dia, sem se fazer uma avaliação da mesma e dos seus intervenientes, ou, na notícia 89, sobre uma sondagem política, em que se apresentam os dados, mas não se tiram conclusões nem se fecha a interpretação dos mesmos. Ainda nesta área, das 26 notícias, a maioria delas, 14 notícias, apresenta uma construção baseada no relato objetivo dos acontecimentos. Porém, 7 notícias apresentam uma construção dominante, em que a notícia é elaborada com base numa única fonte de informação, como acontece na notícia 77, sobre a acumulação de

cargos de António Borges, em que apenas se entrevista o mesmo sobre a questão, e não se procura ouvir a opinião de outros membros do governo. Outras 3 notícias seguem o modelo de contenção, em que há uma pluralidade de vozes ouvidas na notícia, como acontece na notícia 67, sobre o inquérito ao BPN, em que se ouvem as intervenções de vários elementos de cada bancada da AR. Existem, ainda, 2 notícias que seguem o modelo concorrencial, como se observa na notícia 46, em que há uma nítida oposição entre o entendimento dos deputados do PSD e CDS em relação aos do PS sobre o processo de inquérito ao BPN. A este propósito, a editora de política referiu que sendo notícias onde os partidos têm quase sempre assento “*é normal que, apesar do relato ser feito de forma objetiva em todas, em algumas delas as vozes ouvidas não são em igual número, muitas vezes fruto da indisponibilidade dessas vozes prestarem declarações*”.

No que ao narrador diz respeito, 22 notícias seguem uma focalização externa e em apenas 4 se vislumbra uma focalização externa interventiva, como por exemplo na notícia 23, onde se refere que o ministro da Economia começa a fazer “muita moessa no governo de Passos Coelho”, interpretando-se, desta forma, algumas declarações de elementos do PSD nos dias anteriores, e que apontavam para essa situação. Na notícia 72, em que se refere, sobre o processo de escutas a José Sócrates, observa-se que as decisões do presidente do Supremo Tribunal de Justiça podem vir a ser apreciadas por juizes da primeira instância, “como se de um mero juiz de instrução se tratasse”, interpretando e espelhando-se a estranheza com que muitos telespectadores ficaram ao ver esta notícia.

Analisando as personagens das peças de política perspetiva-se uma clara superioridade de personagens oficiais, presentes em 19 das 26 notícias, nomeadamente membros do Governo e deputados, mas, também, algumas fontes especialistas, em 8 notícias, entre advogados e comentadores políticos. Apenas em 5 notícias entram personagens anónimas envolvidas em escândalos e processos judiciais relacionados com políticos.

Uma análise atenta dos elementos respeitantes ao texto *off* deixa perceber que as figuras de estilo mais usadas nestas notícias são a enumeração, com 8 registos contabilizados, e a imagem com 5, num total de 13 figuras de estilo que encontrámos na nossa amostra. A notícia 31, sobre o julgamento do caso Freeport, apresenta uma enumeração dos crimes envolvidos no processo, entre “corrupção, tráfico de influências, branqueamento de capitais e financiamento ilegal de partidos”. Já a notícia 72, sobre o processo Face Oculta, refere-se, em jeito imagético, que “neste autêntico tabuleiro de xadrez, é agora altura de

jogarem os juízes de Aveiro”. Um jornalista de política que acompanhei durante o período de estágio em que estive inserido nesta editoria, explicou-me que as figuras de estilo “*dão vida ao texto off, ainda mais nesta área, retirando-lhe algum peso informativo*”.

Em relação às oposições binárias, a grande maioria das notícias apresenta uma construção assente em dois polos antagónicos, como acontece em 15 das notícias analisadas, estando em causa a oposição entre partidos políticos e bancadas da Assembleia da República (AR), ou entre associações sindicais e ministérios e/ou ministros. Isto acontece porque, como a própria “*atividade política se faz, quase sempre, com base na oposição, o mais normal é que as notícias a espelhem da melhor forma possível*”, refere a responsável por esta editoria, numa conversa na redação a propósito de uma peça sobre um debate parlamentar.

De acordo com a nossa análise, não se observou qualquer introdução de efeitos sonoros ou banda sonora nas notícias analisadas, o mesmo não acontecendo com o texto visual. Nesta dimensão de análise, no que respeita aos planos e movimentos de câmara, concluímos que em todas as notícias estão presentes planos gerais, sendo os planos próximos, com 19 registos, e os planos inteiros, com 11 registos, aqueles que se destacam seguidamente. Os planos gerais são muito utilizados nas notícias sobre debates na AR ou nas comissões parlamentares de inquérito, bem como os planos próximos, que procuram demonstrar as faces dos deputados aquando das suas intervenções ou as suas reações. Porém, observa-se que os planos inteiros são também comuns, muitas vezes aquando da saída dos deputados do hemiciclo da AR ou a passarem pelos corredores da mesma. Muitos desses planos mostram os deputados ou outros membros do governo em andamento, tentando escapar às perguntas dos jornalistas, como acontece na notícia 77, com o conselheiro do Governo António Borges a fugir aos jornalistas e não explicando o porquê da acumulação de cargos que detém, criando-se um caso à volta deste comportamento. O que aconteceu nesta notícia foi a concretização das palavras de Felisbela Lopes: “*os jornalistas procuram sempre neutralizar o baixo teor informativo da imagem, procurando (...) a personalização do acontecimento ou o conflito à volta dele*” (1999: 77). Uma jornalista da SIC, com grande maioria de trabalhos feitos na área de política, confirma também este ponto: “*tal como em outras áreas, a política faz-se de pessoas que, quase sempre, tomam decisões que se destinam a muitos milhões, pelo que é natural que haja necessidade de ter declarações*”.

Ainda ao nível do texto visual denotámos que as imagens de arquivo tiveram uma utilização em 11 das 26 notícias, havendo registo de imagens símbolo em 6 notícias e 3

vivos. Ao nível das imagens de arquivo, observamos que estas são utilizadas para pintar reportagens que afloram assuntos que tiveram uma ocorrência no passado, como acontece na notícia 2, em que se utilizam imagens de arquivo de uma reunião entre o Presidente da República e o ex-primeiro ministro José Sócrates. Na notícia 5 recorre-se a imagens de arquivo do Freeport para pintar a peça sobre o julgamento desse caso, ajudando a enquadrar espacialmente o tema sobre o qual se está a falar. Também na notícia 25 se colocam imagens da tomada de posse do ex-secretário de Estado da Energia para elucidar os primeiros momentos deste ex-elemento do Governo. Aquilo que acontece aqui, segundo um editor de imagem da SIC, é que se vai “*buscar imagens do passado para contar o presente, situando-o cronologicamente*”.

Noutro nível, as imagens símbolo denotam o sentido metafórico daquilo que é dito, como acontece na notícia 17, sobre a guerra na Síria, em que se diz “mortas a sangue frio, as mais de cinquenta crianças e mulheres foram encontradas no bairro de Karm el Zaitun”, e se mostram esses corpos, alguns deles amontoados. Ou na notícia 41, sobre um massacre no Afeganistão, onde se refere que “os jornalistas que acompanhavam a delegação relatam uma autêntica chuva de balas”, e se veem imagens desse momento, em que as balas vinham de todas as direções. Esta imagem corresponde à ideia de Dayan e Katz: “*quanto mais longe estiver o telespectador do acontecimento – física e psicologicamente –, mais a televisão ajuda a «levar a casa o seu significado», conferindo-lhe relevância*” (1999: 48).

Os vivos estão presentes nas notícias 23, 80 e 89, nos dois primeiros casos em situações de tomada de posse de um membro do Governo e na AR e no último é a jornalista em vivo que faz a apresentação dos dados de uma sondagem política, em vários pontos da cidade, próximos dos locais de atividade ministerial ou parlamentar. Neste caso em concreto, a jornalista optou por recorrer aos vivos para “*gerar associação entre os dados que estava a dar e as personagens políticas às quais esses dados se referiam*”. O investigador francês François Jost, por seu lado, prefere falar em “*confirmação*”: “*o testemunho não acrescenta nada ao que diz o texto-off. Não informa, confirma*” (2007: 90).

Nas notícias de política analisadas encontrámos apenas um efeito visual na notícia 23, que corresponde a um *slow motion*, com os ministros a serem mostrados a andar vagarosamente. No que diz respeito aos grafismos, encontrámos a utilização de dois quadros, um na notícia 19, sobre as medidas políticas de combate aos fogos florestais, onde se inclui um quadro com o número de elementos, viaturas e meios aéreos previstos para o

combate a incêndios no ano de 2012, e outro na notícia 89, com os valores de uma sondagem que, segundo a jornalista, “*ajudam a memorizar a informação veiculada*”. Há ainda registo de um grafismo de uma imagem na notícia 24, com a capa do Jornal de Negócios, onde constava uma entrevista ao ex-secretário de Estado da Energia, cuja utilização se justifica pelo facto de, segundo o jornalista autor da notícia, “*esta entrevista ser uma das causas que pode ter estado na origem da sua demissão, e que importa voltar a mostrar para situar o tema*”.

A relação entre texto *off*, texto áudio e texto visual é, em 11 das 26 notícias analisadas, de referencialização fraca, isto é, as imagens não acrescentam muito valor informativo à peça. Comprovamos aquilo que Felisbela Lopes refere, quando diz que a política é uma área onde “*as imagens se apresentam ao telespectador de forma tautológica, apenas corporizando a natureza visível no ecrã, sem no entanto conseguir grandes performances ao nível da informação*” (Lopes, 1999: 77). Mesmo assim, em 9 dessas 26 notícias, há um reforço entre imagem, texto *off* e som, como acontece na notícia 96, sobre a visita do Presidente da República a Trás-os-Montes e as manifestações que o aguardavam nos diversos sítios que visitou. A referencialização é, por outro lado, nula, em 6 casos, sendo que a imagem não acrescenta nada ao texto *off*, como se verifica na notícia 100, sobre os cortes na área da saúde, em que apenas se recorrem a imagens de arquivo de hospitais, que não acrescentam nada ao relato.

A observação do estilo das peças desta área deixa concluir que, na sua grande maioria, 18 notícias, o tom é explicativo. Porém, em 7 delas a vertente irónica é extremamente observável, como acontece na notícia 23, sobre a tomada de posse do novo secretário de Estado da Energia, quando se diz “*tantos sorrisos, neste dia oficial da primeira baixa do Governo. Na posse em Belém, havia uma preocupação: desdramatizar. E Passos Coelho assume a tarefa*”. Ironiza-se colocando-se o adjetivo oficial, referente à tomada de posse, na classificação da demissão que ocorreu no governo. A notícia 19, sobre o anúncio das medidas de combate aos incêndios para esse ano, demonstra ser crítica, nomeadamente, quando se refere “*a falta de meios do costume*” dos bombeiros. Há ainda registo de outra notícia com um estilo acentuadamente crítico, como acontece com a 24, quando se avalia a atitude do ministro demissionário ao dizer-se que “*Henrique Gomes questionou os lucros excessivos da elétrica e terá traçado o próprio destino*”, uma vez que se coloca em causa o interveniente na notícia e a sua ação com a entrevista que deu. Um jornalista da SIC

afirma, também, que *“pode acontecer que, apesar do estilo mais explicativo das peças, alguns jornalistas coloquem um tom mais irónico nas mesmas, mas isso nunca acontece de forma abusiva”*. A este respeito, Nuno Brandão refere que, sendo os média os *“principais agentes e fontes de construção da realidade social”*, são também eles que ajudam a *“produzir sentido e conhecimento na sociedade”* (Brandão, 2010: 113).

3.2.3 Análise da construção narrativa das notícias de Economia

Das 37 notícias analisadas, no que ao tratamento geográfico diz respeito, 34 são de âmbito nacional e 3 de âmbito internacional. Nesta categoria optámos por colocar acontecimentos como reuniões do Eurogrupo ou outros encontros em Bruxelas na esfera nacional, em virtude do ângulo de reportagem das mesmas notícias se focar nas consequências e decisões dessas reuniões para Portugal.

De acordo com a análise realizada, 21 notícias seguiram um processo de construção narrativa baseado no enigma, atraso e resolução, e em 16 delas denota-se a presença do esquema premissa, exórdio, enunciado, desenvolvimento e conclusão. Na notícia 8, sobre as medidas políticas contra a seca, começa-se com um enigma, referindo-se que *“os agricultores pedem medidas urgentes”*, ou seja, não se percebe logo que medidas se tratam. Depois passa-se para um atraso em que se percebe que a situação está relacionada com a seca na agricultura – *“a situação de seca é dramática dizem os agricultores”* –, e, no final, em jeito de resolução, dá-se a conhecer a posição do governo em relação a esta situação, referindo-se que este *“tem um grupo de trabalho a acompanhar a situação em permanência e garante que está ao lado dos agricultores”*. Também a notícia 122, sobre o aumento do preço dos combustíveis, começa com um enigma referindo que *“já vão longe as semanas em que os portugueses viram os preços a descer”*, só se percebendo no atraso que esses preços se referem aos combustíveis das *“petrolíferas, que avaliam as cotações diárias do petróleo”*. Já na resolução conhecem-se as estratégias encontradas pelos condutores para combaterem a situação, *“aproveitando os descontos de fim-de-semana”*.

Na notícia 20, sobre a crise na restauração no Algarve (premissa), começa-se com um exórdio disruptivo, uma vez que se evidencia o aspeto excecional do acontecimento: *“segunda-feira é dia de descanso para muitos restaurantes mas por esta altura nem sempre é fácil perceber se os estabelecimentos estão de portas fechadas apenas para folga do pessoal”*. No enunciado observa-se que há *“cada vez mais restaurantes a encerrar durante*

os meses de inverno para minimizar as despesas”, e no desenvolvimento prossegue-se o tema com vivos de empresários da restauração. Só na conclusão se revela que “muitos empresários receiam que quando chegar a fatura do primeiro trimestre de IVA deste ano (...) se torne impossível manter as portas abertas”. Uma jornalista referiu que *“não se consegue afirmar que aqui seja mais notório um ou outro processo de construção, dependendo dos temas e da forma como se quer captar a atenção do telespectador”*.

Já no modelo de construção narrativa verifica-se que 35 notícias seguem o modelo explicativo, assente na apresentação objetiva dos factos, e apenas duas notícias o modelo emocional. Este último modelo é notado na notícia 60, sobre o incumprimento bancário, em que a peça se foca em relatos de pessoas que estão a passar por essa situação, e na notícia 140, sobre a crise nas lojas de vestuário e calçado de Viseu, em que a notícia mostra o sentir e as dificuldades de diversos comerciantes desta cidade.

No que respeita à interpretação, 34 peças analisadas demonstram que os jornalistas conferiram aos acontecimentos um modelo fechado de interpretação dos mesmos, e em apenas 3 essa interpretação foi deixada em aberto. Tal acontece na notícia 48, sobre as novas regras do subsídio de desemprego, em que não se fecha a interpretação do assunto, mas se deixa para o telespectador a conclusão sobre as consequências que essas alterações terão em termos práticos.

Ainda ao nível do modelo de construção, das 37 peças analisadas, 18 seguiram a via do relato objetivo dos factos, e 6 optaram pelo modelo dominante, em que se vislumbra um claro domínio de uma fonte de informação, como acontece na notícia 98, sobre a entrevista ao ministro da Economia, em que a peça versa apenas sobre a mesma, não se procurando reações à mesma numa tentativa de complementaridade. Existem ainda 6 notícias em que o modelo seguido foi o da reportagem, isto é, optou-se por particularizar certos acontecimentos com base na personalização, como demonstra a notícia 40, sobre a crise nos talhos portugueses, em que se entrevistam clientes e se verificam as alterações que estes fizeram nas suas compras. Por fim, há 4 notícias que seguem a via da contenção, uma vez que se ouvem várias pessoas com perspectivas diferentes sobre o mesmo assunto, e 3 notícias com um modelo concorrencial, onde se apresentam oposições binárias bastante evidentes, como na notícia 69, com uma oposição binária entre o ministro da Economia e os deputados da oposição.

O narrador das notícias de Economia praticou em 32 notícias uma focalização externa, e apenas em 5 se verificou uma focalização externa interventiva. Tal situação denota-se na notícia 26, sobre a reunião do Eurogrupo, quando se diz que “Vítor Gaspar ouviu, sem surpresa, referências positivas à forma como está a ser aplicado o programa português de ajustamento orçamental”, interpretando-se aquele que pode ter sido o pensamento do ministro das Finanças na altura da reunião. Também na notícia 63, sobre a crise na Grécia, o narrador intervém ao referir que “é nos políticos que os gregos não acreditam”. Perspetivamos, aqui, o entendimento de Gonçalves (2004: 157): “*é o enquadramento da situação que organiza a estrutura de sentidos das mensagens e ações*”. O narrador é ainda heterodiegético em todas as notícias.

Ao nível das personagens, 19 notícias apresentam personagens oficiais, 16 notícias personagens anónimas e 5 especialistas. As personagens oficiais que se encontram nas notícias de economia são membros do Governo, deputados da AR, o Presidente da República ou, ainda, ministros de outros países. Porém, a dimensão de personagens anónimas nas notícias de Economia é, igualmente, elevada. Tal situação deve-se, nas palavras de um jornalista, ao facto “*de, cada vez mais, as notícias de economia terem impactos diretos e consequentes na vida das pessoas, pelo que é essencial dar a conhecer os seus casos, mostrando o que pensam e as condições em que vivem*”. Durante o estágio foi, igualmente, comum, ouvir afirmações como “*dá dimensão humana à peça*” ou “*foca-te nas implicações diretas da medida para os portugueses*”. Para além disso, como defende Mário Mesquita (2003: 132), “*a multiplicação de vozes e de valores na narrativa jornalística também garante a pluralidade de avaliações e de sistemas normativos*”

O texto *off* das notícias de economia é bastante forte em termos de conteúdo. As figuras de estilo que aí constam com maior regularidade são a enumeração, com 11 registos, a antítese e a imagem com 7, e a elipse com 6 registos. Ao nível da enumeração, uma das conclusões que perpassa da análise das notícias é que há uma necessidade constante de enumerar medidas económicas e as suas consequências para a população. O caso da notícia 81, sobre as novas medidas do subsídio de desemprego, é exímio neste ponto, ao dizer-se que: “os mais novos, como menos de 30 anos e 15 meses de trabalho, terão direito a apoio por menos tempo. O prazo mínimo de atribuição do subsídio desceu dos 9 para os 5 meses. Os mais velhos, com mais de 50 anos, podem receber subsídio 18 meses”. Comprovamos a ideia de Felisbela Lopes (1999: 76), quando refere que em economia, os “*acontecimentos*

são centrados em dados numéricos, estes mais vocacionados para extensas explicações”. Já ao nível da antítese, o que se verifica, como acontece na notícia 61, sobre a crise no ramo automóvel, é que se mostra através de opostos aquela que é a realidade económica do país, pois ao dizer-se que “nos stands, carros novos e usados dividem as atenções dos clientes (...) que fazem marcha atrás”, pretende-se mostrar que, seja qual for a oferta, a mesma não corresponde à capacidade económica dos portugueses. Há, ainda, registo de algumas elipses, pois através da omissão de certas palavras ganha-se em tempo e dá-se vivacidade ao texto.

Das 8 oposições binárias encontradas, observa-se que correspondem a oposições entre entidades e empresas, entre elementos do Governo e deputados, ou até entre países, como acontece na notícia 27, em que se opõe a condição financeira de Portugal em relação à da Grécia. Nestas notícias, uma parte importante das oposições binárias advém da necessidade de *“comparação entre países ou da oposição de entendimentos quanto à realidade económica do país, o que engrandece as peças e as torna mais informativas”*, referiu uma jornalista quando a acompanhei ao ministério da Economia para uma série de diretos sobre a visita do comissário europeu dos assuntos económicos e financeiros a Portugal.

Os efeitos sonoros, em conjunto com a banda sonora, não adquirem uma utilização constante ao nível do texto áudio. Nenhuma das 37 notícias analisadas recorreu a efeitos áudio, e só duas notícias recorreram a banda sonora. Tal situação ocorre na notícia 115, em que se introduziu a música da guitarra portuguesa numa peça sobre a crise no turismo em Portugal. Nesta notícia em concreto, o editor de imagem que a montou referiu-me que a introdução da música se deveu a uma razão principal: *“como o assunto da peça era a crise no turismo, e uma vez que a guitarra portuguesa é uma das características associativas ao país pelos turistas, essa utilização era importante e deu-lhe um maior ritmo”*. Também a notícia 140, sobre a crise nas lojas de vestuário e calçado de Viseu, há uma oposição de músicas, entre uma que sugere tristeza e outra alegria. Quando se aborda a questão da situação da quebra acentuada do consumo nessa cidade, a música é de tristeza, ouvindo-se o som de um piano e de um violino. Mas, os vivos de alguns entrevistados demonstram alguma esperança numa inversão da situação do comércio da cidade, e aí a música torna-se mais viva e com uma cadência mais ritmada.

A observação dos planos de imagem e movimentos de câmara das peças de economia permite perceber que são os planos gerais e os planos a próximos aqueles que adquirem

maior relevo. Os planos gerais estão presentes em 36 das 37 notícias analisadas e os planos próximos em 33. Tal facto acontece pela necessidade de enquadramento dos assuntos abordados nas peças, refletindo-se na utilização de planos gerais, e na necessidade de obtenção de vivos através de entrevistas que ilustrem esses assuntos, e que dão origem a planos próximos. Há ainda uma notícia que apresenta um movimento *travelling*, na notícia 1, sobre o pagamento de portagens à Lusoponte, em que se vê um *travelling* da Ponte 25 de Abril. Neste caso específico, o jornalista autor da peça e que também a editou, procurou “*dar uma maior dimensão da ponte com este movimento, dando-lhe ritmo e tornando-a mais apelativa em termos de imagem*”. A este nível, o investigador francês Jean-Jacques Jaspers refere que, “*para além (...) da hierarquização da informação, o enquadramento da câmara, a montagem, assim como o comentário são outras tantas intervenções sobre o real*” (1998: 70).

As imagens símbolo, utilizadas em 11 notícias, são aquelas que adquirem mais importância nesta área temática. Na notícia 63, sobre a crise na Grécia, o jornalista inicia a peça com uma imagem da guarda de honra do Parlamento grego ao dizer: “Fosse este país tão coordenado quanto a guarda de honra do Parlamento, e a Grécia não estaria a atravessar um dos piores momentos da sua história”. A imagem da guarda de honra é um exemplo perfeito dessa carga metafórica que as palavras podem dar à imagem, quando as duas se unem numa sinestesia de significados que pretendem o mesmo objetivo: gerar entendimento e interesse. Também a notícia 69 corresponde a este objetivo quando, a propósito de um debate na AR sobre os fundos do QREN, se diz que “Santos Pereira ouviu e o PS de Seguro também”, e se mostra uma imagem dos dois a ouvir as intervenções no hemiciclo. Como me referiu a jornalista da SIC destacada para acompanhar os trabalhos políticos na AR, “*é importante que as imagens das peças de economia e política sejam simbólicas, porque complementam a informação que é dita em texto e vice-versa*”. Há ainda registo de 9 peças que recorrem a imagens de arquivo, como acontece na notícia 45, sobre a terceira avaliação da Troika, em que se observam imagens de arquivo de várias empresas para falar da ideia que resultou desta avaliação e que defende uma diminuição da carga fiscal para o setor empresarial. Ao nível dos vivos dos jornalistas observaram-se 4 registos, como se verifica na notícia 125, sobre protestos durante a abertura de uma pousada de luxo em Cascais, em que a jornalista termina a notícia com o seu vivo. A observação destas imagens permite comprovar as palavras de Jaspers, que defende que “o

vivo constitui a conclusão. O seu papel é provar que o jornalista tem credibilidade uma vez que é considerado como a testemunha direta dos factos que narra” (1998: 143).

Nas peças de economia que constituíram a amostra não houve introdução de qualquer efeito visual e, ao nível de grafismos, existem duas peças que os utilizam. Na notícia 1, através da apresentação de um quadro esquemático animado, explica-se de que forma são feitos os pagamentos à Lusoponte. Jaspers defende que *“os gráficos e quadros podem ser extremamente eficazes para mediatizar de forma sinóptica informações quantitativas, proporcionais ou para sintetizar certas matérias”* (1998: 139). Foi o que aconteceu nesta notícia: através de um esquema conseguiu-se que uma perceção completa dos pagamentos à Lusoponte. Já na notícia 79 há um quadro que opõe os salários de António Mexia na EDP em 2011 e em 2012. Mostrando as assimetrias de um ano para o outro, a jornalista pretendeu *“causar dimensão e favorecer a perceção dos valores em causa”*.

Ao nível da relação entre texto *off*, texto áudio e texto visual, concluiu-se que a maioria das peças apresenta ter uma referencialização fraca, sendo que as imagens geram pouco significado informativo para a notícia em causa. Mas em 11 delas denota-se que existe um reforço entre os três textos, nomeadamente nas notícias onde é introduzida uma banda sonora: há um texto *off* que relata, uma série de imagens que demonstra o que se diz e uma música que gera relação entre os dois primeiros textos. A referencialização é nula em 5 notícias, tendo sido colocadas imagens que pintam a peça, mas cuja força informativa está ausente. A notícia 124, sobre o aumento dos juros nos cartões de crédito, é pintada com imagens de arquivo de lojas comerciais e pessoas na rua, sendo que se desligássemos o som e ficássemos só a ver as imagens, não compreenderíamos o assunto da notícia.

No que concerne ao estilo, 33 das 37 peças de economia têm um tom explicativo, apresentando os factos de forma objetiva. Mas as notícias 66 e 69 são irónicas: a primeira, sobre a seca, porque se termina a notícia com a frase *“foi o dia em que a fé de Assunção Cristas se transformou em chuva”*, e a segunda, sobre os fundos do QREN, em que se diz *“assim foi discutido QREN... a fundo”*, num trocadilho irónico com a expressão normal *“fundos do QREN”*. Há ainda uma notícia crítica, a 63, em que se refere que *“os gregos devem voltar às urnas para eleger um novo governo, isto se os partidos se entenderem até à data”*, porque se questiona se esse entendimento partidário vai ser possível. E, ainda, uma notícia crítica-irónica, a 79, sobre os salários e prémios na EDP, dizendo-se que *“Sim, Portugal está em crise! Sim, todos os portugueses têm menos dinheiro disponível! Ou*

quase todos... Depois de ter sido privatizada, a EDP quer manter os salários e prémios da administração”, questionando-se, ironicamente, a oposição entre a realidade económica de Portugal e os salários praticados na empresa.

3.2.4 Análise da construção narrativa das notícias de Desporto

Para a área temática de desporto, em sete dias de emissão do “Jornal da Noite” contabilizaram-se um total de 19 notícias, das quais 17 são de âmbito nacional e 2 de âmbito internacional.

O processo de construção narrativa seguiu em 15 casos o esquema enigma, atraso, resolução, e em apenas 4 a via premissa, exórdio, enunciado, desenvolvimento e conclusão. A notícia 11, referente a um jogo de futebol entre as equipas do Sporting e do Vitória de Guimarães, inicia-se com um enigma, referindo-se que “há mais de 4 meses que Wolfswinkel não marcava para o campeonato”, suscitando-se a dúvida sobre o resultado final do jogo. Logo de seguida, em atraso, mostram-se as jogadas em campo, como “o remate de Matias Fernandez”, e só no final se ficar a saber que “com o 5-0, o Sporting conseguiu a segunda maior goleada da época”, ou seja, apresenta-se a resolução para o enigma criado inicialmente com a chamada de atenção para o desempenho de Wolfswinkel. Também a notícia 107, sobre o jogo de futebol entre o F. C. Porto e o Nacional da Madeira, se inicia com um enigma, revelando-se que “o primeiro golo do Porto aconteceu aos 21 minutos”, deixando-se em aberto o resultado final com o atraso que advém da explicação das tentativas de empate do Nacional, e só no final se revela a resolução deste jogo, onde e “já depois dos 90, o golo de Alex Sandro fez o 2-0 final”. Casey (2002: 141) aborda em teoria aquilo que concluímos empiricamente, dizendo que o enigma se coloca em saber quem vai ganhar e o atraso corresponde à narrativa desportiva.

Porém, na notícia 52, sobre a antevisão do jogo F. C. Porto e o Nacional da Madeira (premissa), a notícia inicia-se com um exórdio aproximativo, na medida em que se começa por mencionar como é que decorreu a preparação para o jogo, estando “a equipa técnica e o plantel do Porto reunidos no balneário durante 40 minutos”. Segue-se o enunciado, em que se explica o lugar que cada uma das equipas ocupa na tabela classificativa. Depois desenvolve-se a notícia, referindo-se quais os jogadores com que o F. C. Porto vai contar para esse jogo e, em jeito de conclusão, contabiliza-se os jogos que o clube ainda vai ter até ao fim do campeonato, “cinco deslocações e 3 jogos em casa”. Numa conversa com o

editor de desporto da SIC foi feita referência ao facto das notícias sobre jogos de futebol, se construírem *“quase sempre da mesma forma, começando por um aspeto do jogo, seja uma jogada ou a performance de um dado jogador, e só no final se revelar o resultado final, o que não acontece em treinos, noticiando-se de forma cronológica”*.

Quanto aos modelos de construção narrativa, 12 notícias são construídas com base num modelo explicativo, mas há 7 delas que demonstram seguir um modelo emocional. Referimo-nos, por exemplo, às notícias 11 e 12, nas quais se percebe que o jornalista opta por personalizar o jogo focando a notícia em alguns jogadores: “Bruno Telles que cometeu este erro”, “Matias Fernandes, um dos melhores em campo”, “a culpa de um tal Jeffren”, ou, na notícia 12, “Artur Moraes, com grandes defesas”, “Cardoso que falha quase em toda a linha” ou “Mlegarejo que desperdiça o 2-0”. Nestes dois casos, o que se nota é que a notícia foi feita na base do emocional, pelo que o próprio tom de voz acaba por demonstrá-lo. Um jornalista da SIC que trabalha nesta editoria referiu o *“relato das notícias de futebol como algo que tem que ter uma vida extrema, gerando sentimentos em quem está a ver. Se apelidarmos as jogadas e classificarmos os jogadores, fazemos o pleno”*. Talvez por isso não seja de estranhar que as 19 notícias analisadas sigam um modelo fechado, onde a interpretação do jornalista sobre o acontecimento noticioso, quase sempre jogos de futebol, seja a que impera. O modelo de construção relato está, também, presente em 16 das 19 notícias, mas nas notícias 90 e 91 o modelo é dominante, uma vez que há uma opção flagrante pela defesa da equipa do Sporting em relação à do Manchester City, nomeadamente, visível na utilização de expressões como: “foi o último grande momento de um jogo que vai ficar na história” ou “o City subestimou o Sporting e saiu da Liga Europa de forma justa”. O modelo da notícia 54 é concorrencial, uma vez as referências ao antigo e ao novo treinador do União de Leiria têm um peso igual. A análise ao narrador das notícias de desporto revelou-se num ponto muito interessante, uma vez que se concluiu que, apesar de ele ser heterodiegético nas 19 notícias, em 10 notícias o narrador segue uma focalização externa interventiva. Isto acontece porque, como temos vindo a observar, o jornalista narrador não se coíbe de analisar o jogo, nomeadamente, as jogadas e as performances dos jogadores. Dois jornalistas da SIC falam nesse narrar *“como sendo algo de especial, até porque é permitido aos jornalistas de desporto, em diversas situações, fazer essa análise. Em desporto contar é analisar”*, disseram. Jacinto Godinho junta que, *“em Portugal, foi a cobertura dos espetáculos desportivos em estádio (sobretudo futebol) que fez desenvolver um discurso (...) extremamente descritivo, capaz de colar os ouvidos*

dos ouvintes às extraordinárias imagens sonoras” (2011: 89). Weaver é ainda mais assertivo quando refere que o narrador em televisão “*difícilmente é do tipo de se limitar e disciplinar à maneira do narrador do jornal; não diz menos do que sabe,(...) fala com autoridade e autoconfiança sobre tudo*” (Weaver, 1999: 302).

Ao nível das personagens conclui-se que em 18 das 19 notícias estão presentes personagens oficiais, nomeadamente, jogadores e os treinadores de determinados clubes de futebol, os presidentes dos mesmos, entre outros. Apenas na notícia 34, sobre uma queixa de um fiscal de linha contra o treinador do Benfica, notámos a presença de personagens especialistas, nomeadamente, membros da Associação Portuguesa de Árbitros de Futebol que avaliam o caso. Estão ainda presentes personagens anónimas na notícia 53, sobre a visita a um Hospital Dona Estefânia de Emerson, jogador do Benfica, em que se vêm crianças em contacto direto com o mesmo.

Analisando agora as figuras de estilo constantes nas 19 peças analisadas, observa-se que foram encontradas 9 figuras, sendo que as que têm maior número de registos são a imagem com 9, a hipérbole com 5 e a elipse com 3. A imagem é, sem sombra de dúvida, uma figura de estilo com uma utilização muito regular nas notícias de desporto, recorrendo-se a aspetos da observação para provocar uma associação imaginativa, como acontece na notícia 105, quando se diz “combinação entre Aimar e Witsel, e Cardoso desmarcado só teve de empurrar para a baliza”, ou na notícia 130, ao descrever-se um passe da seguinte forma: “pouco depois foi a vez de Mossoró marcar... Bem se esticou Paulo Lopes mas sem sucesso”. O que se subentende é que as notícias sobre jogos de futebol em televisão correspondem, quase de igual forma, à mesma construção que é feita em rádio, com a diferença de que a imagem comprova aquilo que se está a dizer.

A hipérbole é outra das figuras de estilo com maior peso. Nota-se um exagero narrativo em várias notícias, nomeadamente, na classificação que se faz das jogadas, dos jogadores e dos resultados dos jogos relatados. Na notícia 11, diz-se que o resultado do jogo foi “o mais expressivo da era Sá Pinto”, na notícia 82 atenta-se que o “Tribunal de Westminster arrasa Vale e Azevedo”, na notícia 90 refere-se que “foram minutos dramáticos para o Sporting”, ou ainda que este foi um “jogo que vai ficar para a história”, e na notícia 94 diz-se que o guarda-redes “Joe Hart estava em desespero”. Confrontámos estes factos com um dos jornalistas da editoria de desporto que concordou que “*possa haver algum exagero nos relatos, mas nada de extraordinário*”. A análise empírica revelou, mesmo assim, que a

dimensão dessa sobrevalorização constatare nos relatos pode ter maior relevância do que à partida os jornalistas tendem a achar. Jaspers, a propósito dos comentários feitos pelos jornalistas de televisão, reitera que estes estão “*autorizados a fazer comentários na antena, isto é, a dar um esclarecimento mais pessoal sobre a informação, mas apenas se esses comentários responderem a imperativos de rigor e imparcialidade*” (1998: 59). Neste caso em concreto, essa imparcialidade pode ser posta em causa pela adjetivação exagerada em certos momentos da notícia, deixando transparecer que o jornalista possa ser de determinado clube de futebol.

As oposições binárias têm uma concentração diminuta nas notícias de desporto, estando apenas presentes em 4 notícias. Na notícia 12 há uma oposição entre os jogadores do Benfica e a equipa de arbitragem, na notícia 34 a oposição é entre o Benfica e a Associação Portuguesa de Árbitros de Futebol, na notícia 54, denota-se uma oposição entre o novo e o antigo treinador de futebol do União de Leiria, e na notícia 76 o antagonismo é entre o treinador do Benfica e um árbitro auxiliar. Nesta área temática entendeu-se que não se devia considerar um jogo de futebol, por si só, numa oposição, uma vez que essa realidade é inerente ao desporto em si, através da oposição de equipas. Desta forma, a construção do relato jornalístico não lhe pode escapar.

Ao nível do texto visual, os planos mais comuns são os planos muito gerais, de forma a dar ao telespectador a verdadeira e mais abrangente dimensão das jogadas em campo. Este tipo de planos está presente em 12 das 19 peças e, quando não se verifica, são os planos gerais que compõem essas notícias. Os planos próximos, quase sempre captados em momentos de entrevista aos jogadores e treinadores, estão presentes em 17 das 19 notícias. Um editor de imagem comentou este facto, considerando que “*um telespectador quer ter uma visão geral da atividade em campo, pelo que quanto mais esta se abre, mais ele se sente informado, porque viu pelos próprios olhos toda o seguimento que uma jogada teve*”.

Talvez por essa razão sejam as imagens símbolo aquelas que adquirem maior presença nas notícias de desporto, estando presentes em 12 das 19 notícias. Na sua grande maioria, essas imagens símbolo estão relacionadas com jogadas, e dão à relação entre texto e imagem um sentido metafórico bastante elucidativo, e que pode beneficiar a peça. O exemplo da notícia 13 é bastante forte nesta ideia, quando o jornalista diz que “o Bétis não ficou muito tempo em desvantagem, na sequência de um pontapé de canto de onde surgiu o empate”. Também a notícia 130 é bastante esclarecedora, na medida em que se refere que “o

avançado do Braga estava no sítio certo, depois de uma atrapalhão da defesa do Feirense”, com as imagens a mostrarem essa mesma atrapalhão que acaba por resultar num golo a favor da equipa bracarense.

Já as imagens de arquivo, quando surgem, estão associadas a notícias que se referem a acontecimentos que, temporalmente, já decorreram, pelo que há necessidade se utilizarem imagens dessa altura para se pintar a peça. O exemplo da notícia 34, sobre a queixa de um fiscal de linha contra o treinador do Benfica, é exemplar, uma vez que se recorre a imagens do jogo em causa que despoletou as acusações do treinador.

Nesta área temática, não há registo de qualquer utilização de efeitos visuais na nossa amostra, apesar de considerarmos, como o diz Jonahntan Bignell que “*o uso de slow-motion (...) encoraja críticas avaliativas e racionais*” (2004: 103). Já no que diz respeito ao uso de grafismos, apenas na notícia 34 se utiliza um grafismo para a imagem de Jorge Proença, apresentado numa fotografia.

Pelo que temos vindo a realçar, é lícito confirmar que a relação entre texto *off*, texto áudio e texto visual se faz com base no reforço. Efetivamente, em desporto a imagem não surge como um apêndice do texto, antes o confirma e realça, dando-lhe verosimilhança. Os toques na bola e as diferentes jogadas, bem como o captar das reações dos jogadores, constituem-se em testemunhos ímpares de credibilidade narrativa. Na redação da SIC existe mesmo a noção de que as boas imagens em desporto podem, muitas vezes, falar por si, como referiram vários jornalistas. Porém, há 4 notícias onde se nota uma referencialização fraca e 3 em que essa referencialização é mesmo nula, como acontece na notícia 131, sobre a antevisão do jogo entre o F. C. Porto e o Benfica, em que a mesma é feita pelas palavras, uma vez que as imagens não mostram os treinos dessas equipas, mas o decorrer de alguns jogos de ambas as equipas.

Sobre o estilo presente nas notícias de desporto, comprovou-se que na sua grande maioria, este estilo é explicativo, em 13 das 19 notícias. Há porém duas em que o estilo é apologético, como se verifica nas notícias 90 e 91, em que se faz uma defesa da superioridade do Sporting em relação ao Manchester City, e que transparece na frase “o City subestimou o Sporting e saiu da Liga Europa de forma justa”. Já as notícias 82 e 108, sobre Vale e Azevedo, têm um tom crítico irónico quando se questiona, sarcasticamente, se a entrega de Vale e Azevedo a Portugal não irá ser adiada. A notícia 12 é crítica, na medida em que o jornalista aprecia o desperdício de golos do Paços de Ferreira frente ao Benfica.

Por último, a notícia 54 é irónica, uma vez que se diz que “a União de Leiria ocupa a última posição do campeonato, mas é campeã em chicotadas psicológicas”.

3.2.5 Análise da construção narrativa das notícias de Cultura

A cultura é uma área temática com uma expressão reduzida no conjunto das notícias apresentadas no “Jornal da Noite”, sendo que 5 das 8 notícias analisadas são de âmbito nacional, e apenas 3 de âmbito internacional.

No que diz respeito ao processo de construção narrativa, apenas 3 peças seguem o esquema enigma, atraso, resolução. A notícia 95, sobre o lançamento do filme John Carter, inicia-se com a frase “Diz Taylor Kitsch que a cena de luta com os gorilas gigantes foi uma das mais complicadas de filmar”, deixando no ar o enigma sobre a identificação concreta do filme e a personagem que este ator tem no mesmo, para se prosseguir com um atraso e se falar de outras personagens e da história contada no filme. Só no final se revela que o filme “custou à Disney pelo menos 190 milhões de euros, mas que, para já, está longe dos grandes sucessos de bilheteira”. Também a notícia 112, sobre o lançamento do CD do ator Ângelo Rodrigues, segue uma construção assente num enigma, referindo-se que “o Estevão da telenovela ‘Rosa Fogo’ tem um novo projeto”, ficando no ar dúvida sobre que projeto se trata. Posteriormente revela-se onde é que o ator adquiriu inspiração para esse projeto na área da música e, só no final, de forma resolutiva, se aborda a questão dos custos, local e forma de produção do álbum, bem como do dia de lançamento, a “2 de Abril”.

No caso do processo de construção narrativa baseado na premissa, exórdio, enunciado, desenvolvimento e conclusão, contabilizaram-se 5 notícias que seguem esta fórmula. A notícia 56, sobre plágio da música ‘Ai se eu te pego’ (premissa), inicia-se com um exórdio disruptivo, colocando-se em evidência o facto do “refrão do momento pode ser plágio”. Passa-se ao enunciado, onde se diz que “a música que Michel Teló pôs nos ouvidos do mundo, afinal está registada em nome da cantora brasileira Sharon Acioly” e, logo a seguir, desenvolve-se o assunto ao dizer-se que essa música “terá sido criada por um grupo de estudantes da Paraíba”. Apenas no final se mencionam as consequências para o cantor se o plágio se comprovar, nomeadamente, a sua intimação e da produtora para “apresentarem um balanço dos lucros obtidos”. A notícia 104, sobre o facto do autor de Kony 2012, Jason Russell, ter sido encontrado nos EUA (premissa), ganha forma com

um exórdio disruptivo, chamando-se a atenção para “o seu comportamento estranho”, prosseguindo-se com um enunciado e um desenvolvimento em que se percebe que comportamento se trata e as consequências que este teve para o autor. No final conclui-se que “a polícia acabou por não formar qualquer acusação contra Jason Russell”. A editora de cultura da SIC não concorda “*com a existência de processos de construção narrativa balizados. Existem, sim, formas mais apelativas e outras menos de chamar a atenção na notícia. Em cultura, depende do tema e do cariz da peça*”. Porém, a análise empírica deixou perceber que, apesar desta ideia, os processos de construção narrativa estão presentes nas notícias de cultura, e correspondem a formas diferentes de noticiar.

Os modelos de construção narrativa que se denotam nas notícias de cultura são o modelo explicativo, sendo a totalidade de notícias construídas de forma objetiva, procurando-se a apresentação dos factos. Porém, apesar de 7 das 8 notícias apresentar uma tendência de construção para a interpretação dos factos, há uma, a notícia 65, sobre o concurso BESPhoto 2012, que tem um modelo aberto, em virtude de apenas se identificar alguns dos projetos a concurso, sem se particularizar nenhum deles, deixando a interpretação de cada uma das obras apresentada ao cuidado da subjetividade dos telespectadores. Ainda ao nível da construção, 7 notícias seguem o modelo de relato, e apenas uma apresenta uma construção dominante, em que é dada primazia a uma só pessoa interveniente na notícia. Isso acontece na notícia 112, sobre o lançamento do CD de Ângelo Rodrigues, em que apenas se entrevista o ator e não se ouve qualquer elemento da produção do mesmo ou fãs sobre as suas expectativas quanto a esta nova faceta que o ator vem agora revelar. Sobre a notícia em concreto, a jornalista revelou que “*a peça poderia ter ganho em ir mais longe nas fontes e personagens mas, como queríamos dar destaque à produção do CD, nomeadamente, bastidores de gravação do mesmo, não o fizemos*”.

Ao nível do narrador das peças de cultura, observou-se que a totalidade das peças apresentam uma focalização externa, uma vez que os jornalistas narram apenas o que observam exteriormente. Já quanto à tipologia, o narrador é heterodiegético porque é exterior ao assunto que estão a contar, não desempenhando nela qualquer papel que não seja o do relatar da estória. Apesar dos resultados a que chegámos, a editora de cultura focou-se num ponto importante: “*em cultura, existem alguns acontecimentos em que os jornalistas são chamados a ter um papel mais interventivo ao nível de personagem, nomeadamente quando acompanham as tournées dos artistas ao longo de vários dias*”.

Nestes casos em específico, os jornalistas têm um contacto mais direto com os artistas, *“sendo-lhe permitido uma maior intervenção no contar da estória: avaliam-se pormenores, contam-se experiências vividas entre os jornalistas presentes na viagem, e pormenores da viagem que não se saberiam se estes não os tivessem presenciado”*.

Sobre as personagens, 5 peças apresentaram a inclusão de personagens oficiais, nas quais incluímos os artistas – atores, cantores, encenadores, bailarinos, pintores,... –, e 3 peças com a introdução de personagens anónimas, como acontece na notícia 92, sobre as consequências da crise económica na ida aos teatros, cinemas e museus, em que se entrevistam diversas pessoas, tentando perceber quais as suas práticas culturais e de que forma as mesmas foram afetadas. Existem ainda duas peças onde a dimensão personagens não é aplicável por se apresentarem os assuntos sem se entrevistarem os intervenientes, fazendo-se apenas o relato, como acontece na notícia 22, em que se anunciam os artistas que iam participar no Festival do Sudoeste. Sobre este aspeto, Mário Mesquita aflora que a *“personagem jornalística reflete, além da elaboração criativa, o trabalho de observação, documentação, inquérito e interpretação desenvolvidos pelo jornalista, a fim de reunir os elementos relativos ao referente objetivo”* (Mesquita, 2003: 132).

Ao nível do texto *off*, uma análise às figuras de estilo deixou perceber que apenas 3 obtiveram registo nas peças analisadas. Assim, encontraram-se duas notícias onde existe enumeração, duas notícias com elipse, e uma notícia onde consta uma antítese. No caso da enumeração, a notícia 22 consubstancia-se num bom exemplo desta situação, uma vez que se enumeram os artistas que estavam previstos atuarem no Festival do Sudoeste. Mas, também, na notícia 92 se comprova o recurso à enumeração, na medida em que se refere que as saídas culturais estão dependentes do “tipo de filmes, da chuva ou do bom tempo, dos jogos de futebol, dos feriados, do fim-de-semana, ou seja, de fatores aleatórios”.

No caso da elipse denota-se que a omissão de certas palavras, que se subentendem, ocorreu no sentido de uma maior economia e ritmo narrativos, como acontece na notícia 56, sobre o plágio da música ‘Ai se eu te pego’, em que diz que as “sete amigas da Paraíba reclamam a autoria da música (...) entraram com uma ação que exige uma correção na autoria da música”. Neste caso em concreto, percebe-se que essa ação deu entrada em tribunal, não sendo necessário essa referência. Já ao nível da antítese, presente na notícia 65, sobre o concurso BESPhoto 2012, encontra-se uma antítese na frase “os brasileiros do coletivo

Companhia de Foto, interessam-se pelo lado escuro de uma fotografia e o diálogo com a luz”, numa nítida oposição entre o “escuro” e a “luz”.

Não foram encontradas quaisquer oposições binárias nas peças de cultura. Porém, durante o estágio, numa conversa com a editora de cultura, a mesma já referia que os notícias de cultura *“correspondem a temas diversos, mas, quase sempre, com base num assunto uno, em que os entrevistados não surgem para dar conhecimento dos diversos lados da estória, mas antes remam todos para o mesmo lado”*.

Sobre o texto áudio, não foram encontrados quaisquer vestígios de efeitos sonoros nas oito peças analisadas, sendo que apenas duas apresentaram a inclusão de banda sonora no seu decurso. Na notícia 22, sobre o cartaz das bandas que iam atuar no Festival do Sudoeste 2012, apresentaram-se os videoclips das mesmas enquanto a jornalista dizia o texto *off*. Para a jornalista autora da peça, esta fórmula é recorrente em notícias deste tipo, uma vez que *“passar as músicas gera associação, por vezes até muito mais que os nomes das bandas”*. Também a notícia 112 apresenta a introdução de excertos de músicas do cd de Ângelo Rodrigues, com o objetivo, segundo a jornalista, de *“mostrar e comprovar o assunto da notícia: incluíram-se, logo, excertos das músicas, e conseguiu-se tornar a peça mais forte e informativa. Estávamos a falar de algo musical e a ouvi-lo”*.

Os planos e movimentos de câmara das peças de cultura têm uma utilização que se divide, na grande maioria dos casos, entre planos gerais e planos próximos, 6 registos no segundo caso e 4 no primeiro, sendo que os grandes planos adquirem alguma utilização, ainda que mais reduzida, com 2 registos. A editoria de cultura da SIC tem um conjunto de repórteres de imagem que trabalham, quase em exclusivo, para esta secção. Um deles revelou que os planos de imagem das peças de cultura têm a preocupação de dar *“uma ideia geral dos eventos, espetáculos teatrais, concertos... Porém, os planos próximos e grandes planos são necessários para mostrar as emoções e certos pormenores”*. A cultura joga com esta duplicidade da generalização e do pormenor, numa necessidade entre mostrar o todo e individualizar personagens e aspetos.

Ainda ao nível visual, as imagens símbolo são as que adquirem uma utilização mais recorrente, nomeadamente, em 5 das 8 notícias analisadas. Na notícia 65 compara-se a existência de imagens símbolo quando estas pintam a parte do *off* em que se falam das imagens do fotógrafo moçambicano Mauro Pinto, as quais *“transmitem a felicidade de quem habita estes espaços”*, mostrando a parte visual da peça fotografias diferentes em

exposição. As imagens tornam o texto *off* simbólico porque o metaforizam. Na notícia 138 comprovamos, porém, a introdução de imagens de arquivo, presentes em duas notícias, ao se mostrarem imagens de 1994 dos bastidores do filme ‘A Casa dos Espíritos’, servindo estas para elucidar o telespectador sobre a primeira vinda do ator Jeremy Irons a Portugal, e que agora regressa, dezanove anos depois, ao país para as gravações de um novo filme. Há ainda registo de um vivo na notícia 92, sobre as consequências da crise nas saídas culturais, em que a jornalista se apresenta em alguns locais, como cinemas e museus, para falar com espectadores e visitantes. Neste caso em concreto, a jornalista referiu-me que esta era uma peça de desenvolvimento, pelo que “*colocar alguns vivos ia dar mais ritmo e vivacidade ao assunto, reservando-lhe mais picos de interesse e com encadeamento narrativo*”. Interessante verificar que estas palavras parecem ir ao encontro do entendimento Jacinto Godinho, quando o investigador atenta que “*as reportagens tratam de acontecimentos, e mesmo quando analisam fenómenos devem entendê-los como uma série de acontecimentos encadeados*” (2011: 42).

Apesar de não se ter observado qualquer utilização de efeitos visuais, foi notada a introdução de dois grafismos na notícia 92: uma imagem com a digitalização do Decreto-lei que especifica o sistema de gestão e controlo de bilheteira, assim como um quadro com a evolução do número de espectadores de cinemas e teatros. Segundo a jornalista, a introdução destes elementos deveu-se ao facto de se pretender “*dar dimensão aos dados que estávamos a falar, possibilitando uma memorização mais substancial destes números*”.

A relação entre os textos *off*, áudio e visual faz-se com base no reforço na totalidade das notícias analisadas, uma vez que “*as imagens servem para autenticar o texto ou o texto serve para autenticar as imagens, dependendo dos casos*”, como atentou a editora de cultura. De facto, comprovámos que apresentar o cartaz de um festival faz mais sentido se forem mostradas imagens dessa banda num videoclip ou noutra atuação, em vez de se colocarem imagens de arquivo de outras edições desse festival. Da mesma forma, noticiar a antevisão dos vencedores de um concurso de artes, mostrando algumas das obras que estão listadas como concorrentes ao prémio, torna a notícia mais informativa do que falar apenas com os artistas ou colocar imagens gerais da exposição que antecede o concurso.

Por fim, ao nível do estilo concluiu-se que as oito peças analisadas têm um tom explicativo, procurando-se, sempre, a contextualização dos factos.

3.2.6 Análise da construção narrativa das notícias de *Faits-divers*

Ao longo dos sete dias de análise das emissões do “Jornal da Noite”, apenas 10 das 140 notícias analisadas correspondem a notícias possíveis de se enquadrar em *faits-divers*, sendo que 6 são de âmbito nacional e 4 de âmbito internacional.

O processo de construção narrativa das mesmas segue, em todas as 10 notícias, o esquema enigma, atraso e resolução. Na notícia 59, sobre uma couve gigante que nasceu em Leiria, começa-se com um enigma quando se refere que “couves que atingem os dois metros já não são novidade por aqui”, permanecendo a dúvida sobre o que é que se refere o “aqui”, e qual a dimensão real que terá este legume. Seguidamente procede-se ao atraso, revelando-se que a couve em questão foi “plantada há seis anos e que continua a produzir”. Só depois se resolve o mistério referindo que “a última vez que foi medida, a couve estava já com quase quatro metros e oitenta”. Neste caso em específico, o jornalista referiu que “o objetivo foi manter em suspense qual a verdadeira dimensão da couve até ao meio ou final da peça, porque era esse número que ia demonstrar a excecionalidade da mesma”. Na notícia 88, sobre a detenção de George Clooney, começa-se por referir, em jeito enigmático, que o ator “foi mais depressa preso que Omar al Bashir”, atrasando-se o relato referindo que o ator “foi detido com o pai e outros ativistas”, para só no final se revelarem as razões que estiveram na origem da sua detenção. Em causa esteve o facto do ator ter desobedecido “três vezes às ordens policiais para respeitar as barreiras de segurança na embaixada do Sudão em Washington” onde se realizava uma manifestação a propósito de uma crise humanitária no sul do Sudão, e que levariam Clooney a ser julgado e ao “pagamento de uma multa”.

O modelo de construção narrativa é explicativo em 9 das 10 peças, mas existem duas em que o modelo é nitidamente emocional, como acontece na notícia 32, sobre a morte da mulher de Paco Bandeira, na qual se procura uma personalização do caso através de uma reportagem em que os irmãos da mulher do cantor são entrevistados, começando-se logo por dizer que estes foram “vencidos pelo tempo (...) restando a certeza que na justiça já nada poderá ser feito”. Esta frase dá a ideia do cansaço demonstrado por estes familiares com o arrastamento do processo, procurando-se a vertente do estado emocional dos mesmos para se contar a estória.

Existem ainda 8 notícias que seguem o modelo fechado, em que se faz uma interpretação dos factos para o telespectador. A notícia 133, sobre um concurso de sócias do Presidente

dos EUA, Barack Obama, constitui-se no melhor exemplo do seguimento desse modelo, quando o jornalista refere que o vencedor ganhou “o concurso com toda a justiça”, não permitindo que seja o telespectador, pela imagem que observa, a concluir se esse foi ou não o justo vencedor. Porém, a notícia 134, sobre o reforço da polícia brasileira com o agente Batman, apresenta um modelo aberto, em virtude de se dar a conhecer a estória do novo agente que vai reforçar a polícia brasileira, tratando-se de um polícia reformado que se vai vestir com a capa do super-herói para explicar às crianças algumas medidas de combate ao crime, e em que é que este consiste. O jornalista da peça em causa não deixa transparecer a sua interpretação dos factos, contando a notícia de forma objetiva, ainda que o tom irónico com que a termina possa querer dizer algo mais.

Ao nível dos *frames* comunicacionais escolhidos para narrar a notícia, 8 notícias seguem o modelo de construção respeitante ao relato objetivo dos factos, ainda que o façam com a devida interpretação que os mesmos exigem, mas sem perder a imparcialidade. Todavia, na notícia 51, sobre um email de boas festas polémico enviado por um polícia de Coimbra, nota-se um domínio claro da estória do polícia, explicando todos os pormenores, mas sem se ter falado com outra fontes de informação ou personagens que pudessem enriquecê-la. A juntar a este facto, não há na peça qualquer dado que permita perceber se essa tentativa de recolha de informação foi feita. Também na notícia 59, sobre a couve gigante em Leiria, há um domínio total de uma fonte de informação na construção da narrativa, e que corresponde ao dono que a plantou.

O narrador das peças de *faits-divers* segue, na sua totalidade uma focalização externa, sendo o narrador exterior aos acontecimentos narra, e heterodiegético, porque não apresenta qualquer participação como personagem na estória relatada.

Ao nível das personagens, com a análise às 10 notícias concluiu-se que são as personagens anónimas as que têm maior destaque nas mesmas. Segundo um jornalista, esta situação não é de estranhar, em virtude das “*notícias de faits-divers versarem, quase sempre, sobre assuntos inesperados, alguns até, disparatados, que envolvem pessoas anónimas*”. Nas peças em causa constatamos a presença do dono da couve gigante em Leiria (notícia 59), a portuguesa que detém algumas peças do faqueiro do Titanic (notícia 111), os pintores que criam desenhos nos pilares da ponte 25 de Abril (notícia 120), os concorrentes de um concurso de sócias de Barack Obama (notícia 133), o polícia reformado que se mascara de Batman no Brasil (notícia 134) ou os clientes de uma lavagem de automóveis que recebe

pagamentos em escudos (notícia 136). A este nível, Nuno Brandão refere, que “*uma informação como meio de conhecimento tem que ser equivalente a uma mais alargada contextualização dos acontecimentos que se transformam em notícias, com o enriquecimento dos diferentes testemunhos em causa*” (2010: 159).

Ao nível do texto *off*, as figuras de estilo apresentam uma utilização reduzida nas notícias analisadas. Apenas notámos a existência de duas enumerações, uma na notícia 120, sobre os desenhos pintados nos pilares da Ponte 25 de Abril em que se enumeram os diferentes animais que podemos ver pintados – “no rio estão os golfinhos, os cachalotes e as orcas; em terra, os flamingos, os alfaiates e os maçaricos” –, e a outra, na notícia 134, em que se revela que o polícia reformado que vai ajudar a combater o crime no Brasil, se aborda as armas do Batman, personagem em que o mesmo reformado se mascarou, e que são “a inteligência, a tecnologia e uma boa preparação física com recurso a artes marciais e técnicas de combate”. Há ainda uma anástrofe na notícia 32, em que se faz uma inversão da ordem de palavras no começo da notícia “vencidos pelo tempo... aos irmãos da primeira mulher de Paco Bandeira resta a certeza de que na Justiça já nada poderá ser feito”, enunciando-se, primeiro, o estado de espírito e só depois a quem é que o mesmo pertence. A ironia está ainda presente na notícia 51, quando se diz que “na mensagem de boas festas seguia um anexo com mensagens pouco natalícias”, em virtude dessas imagens terem um cariz acentuadamente sexual, e na notícia 133, em que se diz um dos concorrentes, travesti, do concurso de sócias de Obama “no playback ainda se safa, mas o facto de estarmos em Tóquio e Mako ser japonês torna tudo muito mais complicado”. Também a notícia 134 apresenta uma ironia quando se revela que “por enquanto, não há notícia de super-heróis ao serviço das autoridades portuguesas”, como que ironizando sobre a situação peculiar que a notícia revela.

Ainda ao nível do texto *off*, apenas foi observada uma oposição binária entre Paco Bandeira e os familiares da ex-mulher do cantor, que continuam a exigir justiça e que se apure a verdade quanto às circunstâncias da morte desta mulher.

No texto áudio, não se observaram a utilização de qualquer efeito sonoro, e a banda sonora apenas foi introduzida na notícia 111, sobre o caso de uma mulher portuguesa deter em sua posse alguns talheres que pertencem ao faqueiro utilizado a bordo do Titanic, sendo a música colocada a do filme “Titanic”. Segundo o jornalista que fez a notícia, esta introdução teve um único objetivo: “*gerar associação do tema da notícia à música do*

filme”. Para Jacinto Godinho, “*tal como a voz-off, também a música exige que o repórter domine os sentidos que manipula de forma a harmonizá-la com as imagens, em vez de, com ela, criar conflitos de interpretação*” (2011: 78).

Os planos de imagem mais utilizados são os planos gerais, presentes em todas as notícias e, logo a seguir, os planos próximos com 8 registos e os grandes planos com 4 ocorrências. A notícia 32 é o melhor exemplo, por concentrar em si todos estes planos, uma vez que na montagem se optaram por planos gerais dos familiares da ex-mulher de Paco Bandeira, que situam o local e o ambiente onde os mesmos se encontram para a entrevista, bem como planos próximos das suas caras em momentos de entrevista, e grandes planos de um SMS da filha de Paco Bandeira, e que demonstra que esta pode ainda não ter dito tudo o que sabia sobre o caso. Com a utilização deste plano de imagem comprova-se a revelação que os familiares fazem.

Observou-se que 8 das 10 notícias são compostas por imagens símbolo, uma vez que há uma adequação metafórica entre o que é dito e o que se mostra, nomeadamente, na notícia 120, sobre os desenhos efetuados nos pilares da Ponte 25 de Abril, onde a jornalista refere que “quem passa por cima da ponte, não imagina que os novos habitantes do Tejo moram literalmente debaixo dela”, mostrando que os “habitantes” correspondem aos desenhos de animais marinhos aí pintados. Na notícia 136, sobre um centro de lavagem de automóveis que está a receber pagamentos em escudos, as imagens símbolo estão presentes quando se diz que “Jorge Baptista trouxe um saco cheio de notas que estavam guardadas em casa”, e se vê esse mesmo saco na mão do cliente. Há ainda recurso a imagens de arquivo nas notícias 88 e 111, com imagens da crise humanitária do Sudão e do Titanic, respetivamente.

Ainda ao nível da vertente visual das peças de *faits-divers*, apesar de não existirem *efeitos visuais*, encontra-se um grafismo na notícia 51 com o conteúdo de um email de boas festas polémico que um polícia terá enviado para vários destinatários. Neste caso em concreto, a jornalista referiu que essa inclusão “*tornou a notícia totalmente perceptível porque se mostrou a prova que se constituiu na razão da peça existir*”.

A relação entre texto *off*, áudio e visual é de reforço em todas as 10 peças. Um jornalista com prática na realização de peças sobre temas variados de *faits-divers*, sublinhou que “*as imagens neste tipo de peças são uma maneira de autenticar e justificar o porquê de as abordarmos nos noticiários, comprovando a espetacularidade ou, simplesmente, a*

diferença presente no assunto abordado”. Machill *et al.* afluam, também, que “*imagens produzidas e planeadas que correspondem ao texto melhoram a performance de retenção por oposição às imagens de stock (...) que levam a uma retenção mais baixa*” (2007: 185).

Quanto ao estilo das peças de *faist-divers*, este é explicativo em 6 peças. Porém, é irónico na notícia 51, quando se refere que as imagens de um email de boas festas polémico enviado, erradamente, por um polícia de Coimbra eram “pouco natalícias”; na notícia 133, uma vez que a jornalista observa, sobre um dos concorrentes num concurso de sócias de Obama, que “no playback ainda se safa, mas o facto de estarmos em Tóquio e Mako ser japonês torna tudo mais complicado do que ser um Obama colombiano”, e na notícia 134, quando se atenta, a propósito de um ex-polícia que se mascarou de Batman para combater o crime no Brasil, que “por enquanto não há notícia de super-heróis ao serviço das autoridades portuguesas”. Já a notícia 88 é crítica-irónica porque, sobre a detenção de George Clooney, se reitera que o ator foi “mais depressa preso que Omar al Bashir irá alguma vez para uma cela do Tribunal Penal Internacional” (TPI), ironizando e criticando o facto do Presidente do Sudão ainda não ter sido declarado culpado pelos crimes de guerra e contra a humanidade pelo TPI, os quais praticou naquele país.

3.3 As notícias do “Jornal da Noite” enquanto narrativas

Efetuada a devida análise das 140 notícias que serviram de base à nossa amostra, ficaram demonstradas algumas particularidades no que concerne à construção narrativa das notícias do “Jornal da Noite”.

Ao nível dos processos de construção narrativa, questão polémica e que suscitou dúvidas a muitos jornalistas sobre a sua efetivação nas notícias, podemos concluir que essa construção segue, em seis das cinco áreas temáticas, o esquema enigma, atraso e resolução. Com este formato, ficou provado que os jornalistas procuram suscitar interesse dos telespectadores com as histórias que contam, orientando a sua narrativa para a surpresa, que termina num desenlace sobre o acontecimento que noticiam. Muitas vezes, esse momento final é mesmo o clímax da própria peça. Porém, as peças de cultura analisadas mostraram que o esquema de construção narrativa que aí impera é o modelo premissa, exórdio, enunciado, desenvolvimento e conclusão. Aqui, as peças seguiram um esquema de construção muito gradativo, quase em jeito de pirâmide invertida, não se denotando uma construção com picos de interesse narrativo como acontece no outro processo.

A um nível de modelo de construção narrativa, os modelos explicativo, fechado e de relato são os mais utilizados nas notícias analisadas. Os jornalistas procuraram explicar os factos de forma objetiva, ainda que fechando a interpretação dos mesmos. Como abordámos na parte teórica deste trabalho, contar uma estória é também interpretá-la, e é essa interpretação que dá significação e compreensão à notícia. Não se pretende interpretar o facto de forma objetiva, mas orientar o telespectador para a sua compreensão, percebendo as suas causas e os seus efeitos. Existiram situações onde se procurou a personalização dos intervenientes nos acontecimentos, realidade mais evidente nas notícias de sociedade. Mas, rapidamente, se concluiu que esse modelo emocional estava relacionado com os assuntos sobre os quais as notícias versavam, e que faziam com que a escolha de uma vertente virada para a personalização do narrar dos factos fosse necessária, não havendo qualquer relação com uma necessidade sensacionalista de contar a estória.

Por outro lado, o narrador das notícias televisivas observadas não intervém como personagem, relatando apenas os factos que observa exteriormente. Porém, as notícias de desporto analisadas não deixam margem para dúvidas quanto à pendente interventiva do

narrador, que interpreta reações de jogadores, analisa jogadas e avalia as performances das equipas. Existe, como fica demonstrado, uma intervenção marcada do jornalista narrador neste campo, apesar de ser justificado, tanto ao nível teórico como prático por alguns jornalistas da estação, que essa intervenção é permitida, dando vivacidade à história. Porém, a investigação empírica levanta a dúvida sobre se a objetividade inerente ao tom e à textualidade como se noticiaram certos aspetos nestas notícias foi respeitada ou não.

Mas porque cada notícia é feita de pessoas e para pessoas, as personagens que intervêm na histórias analisadas dividiram-se em dois grandes grupos: as personagens oficiais e as personagens anónimas. O primeiro grupo de personagens esteve mais patente nas notícias de política, economia, desporto e cultura. Comprovou-se que as personagens que intervêm nas notícias destas áreas são pessoas que ocupam cargos relevantes e posições de destaque: membros do Governo, deputados da AR, jogadores e treinadores de futebol, artistas, entre outros. Sendo a fonte da notícia, fazem também parte dela, e importa por isso dar-lhe voz. Todavia, as notícias de sociedade e *faits-divers* são, na sua maioria, construídas por personagens anónimas. Pessoas que, por estarem envolvidas em acontecimentos que as atingem direta ou indiretamente, se veem colocadas no panorama informativo, ainda que por breves instantes: o homem assaltado, a vítima ou testemunha de um acidente, o manifestante, entre outros. Com se conseguiu observar com esta análise, estas são personagens que dão vida aos assuntos noticiados, e que garantem que os mesmos adquiram realce, e até despertem sentimentos de identificação com o telespectador.

O texto *off* demonstrou não ser aquele que apenas é dito, como também aquele que pretende demonstrar uma conotação muito forte com a mensagem que veicula, daí que o uso de certas figuras de estilo e de oposições binárias seja de realçar. No primeiro caso, apesar de existirem dezenas de registos de figuras de estilo nas notícias analisadas, percebemos que as duas que adquiriam um maior destaque foram a enumeração e a personificação. A enumeração foi utilizada, sobretudo, para dar dimensão ao acontecimento noticiado, contabilizando-se números, pessoas, consequências ou dados estatísticos. No caso da personalização, verificou-se que ao fazer corresponder características humanas a entidades que, na realidade, não as têm, se tornou o texto mais enriquecido e ritmado. Há ainda a destacar o uso da hipérbole, em virtude dos acontecimentos da área de desporto serem noticiados com o recurso ao exagero, manifestado, sobretudo, na qualificação adjetiva que se faz dos factos, nomeadamente,

jogos de futebol. Já as oposições binárias são utilizadas, de forma mais eficaz e contundente nas notícias de política. É nesta área que se faz sentir uma construção narrativa assente entre dois polos antagônicos, que se justifica pela necessidade de dar voz aos diferentes partidos ou vozes do Governo e oposição.

O texto áudio, nomeadamente, no que concerne aos efeitos sonoros e banda sonora, apresenta uma utilização residual nas notícias analisadas. Apenas uma notícia de sociedade recorreu à distorção de voz, e só 8 das 140 notícias observadas incluem a banda sonora, quase sempre como elemento que ajuda a tornar a estória que aí é relatada mais apelativa e, até, conotativa, como acontece nas notícias de sociedade, economia, desporto e *faits-divers*, ou como elemento informativo, como se verifica nas notícias de cultura.

Todavia as notícias televisivas também vivem da imagem, sendo o texto visual crucial na construção dessas narrativas jornalísticas. Assim, ao nível de planos e movimentos, os resultados da investigação deixam perceber que são os planos gerais e os planos próximos aqueles que assumem uma utilização mais frequente, porque se os primeiros enquadram o acontecimento, os segundos particularizam os intervenientes ou certos aspetos que aí se manifestam. De realçar que ficou, igualmente, provado que os grandes planos assumem uma utilização bastante relevante nas notícias de sociedade e *faits-divers*, notícias onde a dimensão humana tem uma forte presença, e onde esta tipologia de planos ajuda a demonstrar estados de espírito através das reações e semblantes dos intervenientes nessas notícias, bem como pormenores relativos aos acontecimentos aos quais as notícias se referem. Os planos muito gerais têm, ainda, uma forte utilização nas notícias de desporto, enquadrando, quase sempre, os passes de bola mais importantes dos jogos de futebol.

A análise empírica permite, igualmente, verificar que as imagens símbolo são aquelas que se utilizam mais vezes, de forma a dar ao texto *off* o sentido metafórico que necessita. Já as imagens de arquivo são utilizadas com maior frequência nas notícias de política, servindo, na grande maioria dos casos, para espelhar acontecimentos passados referentes a essa área temática.

Já quanto aos efeitos visuais e aos grafismos, a sua utilização é muito ténue. Porém, em 10 das 140 notícias que serviram de base à nossa análise, os grafismos revelaram ser elementos que ajudaram a explicar os assuntos das notícias, servindo para organizar dados – gráficos e quadros –, e provocar reminiscências, como acontece com a digitalização de certas imagens fotográficas.

Assim, e depois destas conclusões, não é de estranhar o facto da relação entre texto *off*, áudio e visual se faça com base no reforço nas áreas de sociedade, desporto, cultura e *faits-divers*, uma vez que estes três elementos, juntos, dão maior inteligibilidade às notícias. Como referimos, se o *off* conta, as imagens mostram e o texto áudio acrescenta. Nota-se, contudo, uma referencialização fraca nas notícias de economia e política, em virtude de, nestas áreas, as imagens que pintam as peças apresentarem pouca informação adicional ao texto, situação que se relaciona, sobretudo, com o facto de serem imagens de arquivo.

Por fim, o estilo das peças é, sobretudo, explicativo em todas as seis áreas temáticas analisadas. Mas o tom irónico de algumas peças de política e *faits-divers* é de realçar, pois o estilo mais sarcástico origina interpretações de atos públicos e oficiais de uma forma muito particular.

Conclusão

Uma vez analisadas as 140 notícias que compuseram a nossa amostra, torna-se evidente que na construção narrativa das notícias do “Jornal da Noite” da SIC, transmitido entre 12 e 18 de março de 2012, intervieram múltiplos fatores, todos eles relevantes para que cada notícia se torne numa peça única de informação jornalística.

Com esta observação compreendemos que o ato de informar em televisão é bastante singular, uma vez que, para além do que se escreve e diz, é necessário ter em atenção a imagem que pinta o que se está a dizer, e os elementos sonoros que servem de base a esse mesmo contar da estória. É por isso que a forma como estes três elementos se juntam na mesma notícia, e o estilo que cada jornalista adota para a mesma, são muito particulares e significativos.

O estágio de seis meses na redação de informação da SIC, entre 21 de novembro de 2011 e 20 de maio de 2012, em conjunto com as inúmeras conversas que o investigador foi tendo ao longo desse período com jornalistas, editores e repórteres de imagem, foram cruciais para uma primeira tomada de consciência da forma como os jornalistas transformam factos em histórias. Seguidamente, a observação empírica de sete blocos noticiosos, dos quais se analisaram 140 notícias categorizadas em seis áreas temáticas – sociedade, política, economia, desporto, cultura e *faits-divers* –, conduziu a uma maior e melhor percepção da forma efetiva como se constroem histórias jornalísticas em televisão.

Com base nas conversas tidas no seio da redação da estação, a percepção que fica é a de que não existe uma real consciência, por parte dos jornalistas, de que estes constroem histórias que seguem determinados fórmulas de construção narrativa, padronizadas por diversos autores. Porém, os editores e repórteres de imagem com quem falámos demonstraram uma maior consciencialização sobre a forma como as narrações jornalísticas são elaboradas, partilhando a ideia de que as notícias são, efetivamente, histórias construídas sobre factos.

No caso específico da SIC, mais concretamente das notícias que compuseram as sete edições analisadas do “Jornal da Noite”, concluiu-se que as notícias de cada área temática são construídas de forma semelhante, sendo que, contudo, a relevância e primazia de alguns aspetos sobre outros fica evidente.

Os resultados desta análise demonstram, também, que as hipóteses de resposta à nossa pergunta de partida fizeram todo o sentido, uma vez que se demonstrou que a construção narrativa das notícias em televisão se faz recorrendo a processos e modelos muito específicos, bem como a um texto áudio-scripto-singular próprio, que conferem um estilo singular a cada uma delas.

Terminamos este trabalho com a ideia de que, apesar de cada notícia ser uma notícia, e a sua construção não ser algo de científico e matemático, há elementos que permitem generalizar a forma como essa construção é feita. E se da análise das notícias do “Jornal da Noite” da SIC retirámos estas conclusões, ficámos com a curiosidade por saber como é que essa construção é efetuada no caso das notícias da RTP e da TVI. Acreditamos que as conclusões deste tema de análise empírica poderão ser ainda mais frutuosas se for feita a devida relação entre as notícias transmitidas nos três canais generalistas, obtendo-se um conjunto de resultados que permitam uma perceção plena de como é que as notícias de televisão portuguesas são construídas ao nível narrativo.

Bibliografia

Albaladejo, Tomás (1986), *Teoría de los mundos posibles y macroestructura narrativa*, Alicante: Universidade de Alicante.

Allan, Stuart (1998), «News from NowHere: Televisual News Discourse and the Construction of Hegemony». In Bell, Alan, e Garrett, Peter (org.) (1998), *Approaches to Media Discourses*, Oxford: Blackwell Publishers, pp. 105-141.

Allen, Robert C., e A. Hill, (2004), *The Television Studies Reader*, Londres: Routledge.

Alsina, Miquel Rodrigo (1993), *La construcción de la noticia*, Barcelona: Paidós Comunicación.

Álvares, Cláudia (2004), «O 11 de Setembro como mega-acontecimento: um desafio à globalização». In Mesquita, Mário (org.) (2004), *Caleidoscópio Revista de Comunicação e Cultura*, 5/6, Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, pp. 55-63.

Babin, Pierre (1993), *Linguagem e Cultura dos Media*, Lisboa: Bertrand Editora.

Bal, Mieke (1985), *Teoría de la Narrativa: una Introducción a la Narratología*, Madrid: Cátedra.

Bardin, Laurence (1995), *Análise de Conteúdo*, Lisboa: Edições 70.

Barker, Chris (1997), *Global Television: An Introduction*, Oxford: Blackwell Publishers.

Barthes, Roland, (1984), *A Morte do Autor*, Lisboa: Edições 70.

Baudrillard, Jean (1981), *A Sociedade de Consumo*, Lisboa: Edições 70.

Bell, Allen (1998), «The Discourse Structure of News Stories». In Bell, Alan, e Garrett, Peter (org.) (1998), *Approaches to Media Discourses*, Oxford: Blackwel Publishers, pp. 64-104.

Belo, António, e Sendin, André (2010), «O Jornal da Noite da SIC». In Silveira, Joel Frederico da, e Shoemaker, Pamela (org.) (2010), *Telejornais em Exame*, Lisboa: Edições Colibri, pp. 97-131.

Bignell, Jonathan (2004), *An Introduction to Television Studies*, Londres e Nova York: Routledge.

Bignell, Jonathan, e Orlebar, Jeremy (2005), *The Television Handbook*, Londres e Nova York: Routledge.

Bird, S. Elizabeth, e Dardenne, Robert W (1988), «Mito, registo e ‘estórias’: explorando as qualidades narrativas das notícias». In Traquina, Nelson (org.) (1999), *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*, Lisboa: Vega, pp. 263-277.

Bourdieu, Pierre (1997), *Sobre a Televisão*, Oeiras: Celta.

Brandão, Nuno Goulart (2002), *O Espectáculo das Notícias: a Televisão Generalista e a Abertura dos Telejornais*, Lisboa: Editorial Notícias.

Brandão, Nuno Goulart (2005), *Prime Time. Do que Falam as Notícias dos Telejornais*, Lisboa: Casa das Letras.

Brandão, Nuno Goulart (2010), *As Notícias nos Telejornais – Que serviço público para o século XXI?*, Lisboa: Guerra e Paz.

Breed, Warren (1955), «Controlo social na redação. Uma análise funcional». In Traquina, Nelson (org.) (1999), *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*, Lisboa: Vega, pp. 152-166.

Bres, Jaques (1994), *La Narrativité*, Paris: Duculot.

Cádima, Francisco Rui (1996), *O Fenómeno Televisivo*, Lisboa: Círculo de Leitores.

Casanova, Isabel (2009), *Dicionário Terminológico – Compreender a TLEBS*, Lisboa: Plátano Editora.

Casey, Bernardette, Casey, Neil, Calvert, Ben, French, Liam e Lewis, Justin (2002), *Television Studies. The Key Concepts*, Londres: Routledge.

Castillo, Jose Maria (2009), *Television, Realizacion y Lenguage Audiovisual*, Madrid: Instituto RTVE.

Chion, Michel (1993), *La Audiovisión. Introducción a un análisis conjunto de la imagen y el sonido*, Barcelona: Paidós.

Furio, Colombo (1998), *Conhecer o Jornalismo Hoje – Como se faz a Informação*, Lisboa: Editorial Presença.

Cornu, Daniel (1999), *Jornalismo e Verdade. Para uma Ética da Informação*, Lisboa: Instituto Piaget.

Correia, Fernando (1997), *Os Jornalistas e as Notícias – A Autonomia Jornalística em Questão*, Lisboa: Caminho.

Correia, João Carlos (2011), *O Admirável Mundo das Notícias*, Covilhã: Livros LabCom. Disponível em versão eletrónica em

<http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110524-correia_manual_noticial.pdf>

Consultado a 24 de Setembro de 2012.

Cottle, Simon, e Rai, Mugdha (2006), «Between display and deliberation: analyzing TV news as communicative architecture». In Martins, Moisés de Lemos (org.) (2009)

Revista Comunicação e Sociedade, Volume XV, Braga: Edições Húmus e Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, pp. 43-63.

Creeber, Glen (2001), *The Television Genre Book*, Londres: BFI.

Cruz, Carla (2008), *A Telerealidade – uma abordagem hermenêutica da construção social da realidade pela informação televisiva da atualidade*, Lisboa: Edições Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP), Universidade Técnica de Lisboa.

Darnton, Robert (1975), «Writing news and telling stories», *Daedalus*, Volume CIV, 2, Primavera, Cambridge: MIT Press Journals, pp. 175-194.

Dayan, Daniel, e Katz, Elihu (1999), *A História em Directo: os Acontecimentos Mediáticos na Televisão*, Coimbra: Minerva.

Dijk, Teun A. van (1990), *La noticia como discurso. Comprensión, estrutura y producción de la información*, Barcelona: Ediciones Paidós.

Dijk, Teun A. van (2005), *Discurso, Notícia e Ideologia – Estudos na Análise Crítica do Discurso*, Porto: Campo das Letras.

Dunn, Ann (2005), «Television News as Narrative». In Fulton, Helen, (org.) (2005), *Narrative and Media*, Cambridge: CUP, pp. 140-152.

Eco, Umberto (1991), *Viagem na Irrealidade Quotidiana*, Lisboa: Difel.

Ekecrantz, Jan (1997), «Journalism's 'discursive events' and socio-political change in Sweden 1925-87». In Corner, John (org.) (1997), *Media Culture & Society*, Volume XIX, 3, Julho de 1997, Londres: Sage, pp. 393-412.

Entman, Robert (1993), «Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm». In *Journal of Communication*, Volume XL(IV), Dezembro de 1993, Washington: Malcolm Parks, pp. 51-58.

Ericson, Richard V., Baranek, Patricia M., e Chan, Janet B. L (1987), *Visualizing Deviance: a Study of News Organization*, Toronto: University of Toronto Press.

Ericson, Richard V., Baranek, Patricia M., e Chan, Janet B. L (1989), *Negotiating Control: a Study of News Sources*, Toronto: University of Toronto Press.

Farré, Marcela (2008), «Como avaliar a qualidade da informação televisiva? Parâmetros, experiências e resultados». In Borges, Gabriela, e Reia-Baptista, Vítor (org.) (2008), *Discursos e Práticas que Qualidade na Televisão*, Lisboa: Livros Horizonte, pp. 341-356.

Featherstone, Mike (1997), *O Desmanche da Cultura – globalização, pós-modernismo e identidade*, São Paulo: Livros Studio Nobel.

Férin, Isabel (2007), *Jornalismo e Democracia*, Lisboa: Paulus.

Fernandes, José Manuel (2011), *Liberdade e Informação*, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Figueira, João (2009), *Jornalismo em Liberdade*, Coimbra: Edições Almedina.

Figueiras, Rita (2008), *O Comentário Político e a Política do Comentário*, Lisboa: Paulus.

Fishman, Mark (1980), *Manufacturing the News*, Austin: University of Texas Press.

Fiske, John (1994), *Television Culture*, Londres: Routledge.

Fiske, John, e Hartley, John (1996), *Reading Television*, Londres: Routledge.

Fontcuberta, Mar de (2002), *A Notícia: pistas para compreender o mundo*, Lisboa: Editorial Notícias.

Fowler, Roger (1991), *Language in the News: discourse and ideology in the press*, Londres: Routledge.

Fulton, Helen, (2005), com R. Huisman, J. Murphet, A. Dunn, *Narrative and Media*, Cambridge: CUP.

Galtung, Johan, e Ruge, Mari Holmboe (1965), «A estrutura do noticiário estrangeiro. A apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros». In Traquina, Nelson (org.) (1999), *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*, Lisboa: Vega, pp. 61-73.

Gans, Herbert J. (1979), *Deciding What's News: a Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time*, Nova Iorque: Northwestern University Press.

Godinho, Jacinto (2011), *As Origens da Reportagem – Televisão*, Lisboa: Livros Horizonte.

Goffman, Erving (1986), *Frame Analysis*, Boston: Northeastern University Press.

Golding, P., e P., Elliott (1979), *Making the News*, Londres: Longman.

Gonçalves, Telmo (2004), «A abordagem do enquadramento nos estudos do jornalismo». In Mesquita, Mário (org.) (2004), *Caleidoscópio Revista de Comunicação e Cultura*, 5/6, Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, pp. 157-167.

Gurevitch, Michael, e Blumler, Jay G. (1982), «A construção do noticiário eleitoral: um estudo de caso na BBC». In Traquina, Nelson (org.) (1999), *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*, Lisboa: Vega, pp. 191-213.

Gurevitch, Michael, e Blumler, Jay G. (1995), *The Crisis of Public Communication*, Londres: Routledge.

Gurevich, Michael, e Kavoori, Anandam P.(1994), «Global Texts, Narrativity and the Construction of Local and Global Meanings in Television News». In McCabe, Allyssa (org.) (1994), *Journal of Narrative and Life History*, Volume IV, 1/2, Worcester: Lawrence Erlbaum Associates, pp. 9-24.

Hackett, Robert A. (1984), «Declínio de um paradigma? A parcialidade e a objetividade nos estudos dos media noticioso». In Traquina, Nelson (org.) (1999), *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*, Lisboa: Vega, pp. 101-130.

Hall, Stuart (1983), «The Narrative Construction of Reality», *Australian Broadcasting Corporation's*, 1983. Disponível em versão eletrónica em <http://www.dalkeyarchive.com/book/?fa=customcontent&GCOI=15647100186030&extrasfile=A12619B9-B0D0-B086-B67FBF2EEB609D89%2Ehtml>

Consultado a 10 de Novembro de 2012.

Hartley, John (1982), *Understanding News*, Nova Iorque: Routledge.

Hartley, John (1999), *Uses of Television*, Londres: Routledge.

Hartley, John (2004), *Comunicação, Estudos Culturais e Media – conceitos-chave*, Lisboa: Quimera.

Hazel, Paul (2007), *Narrative: An Introduction*, Swansea: Swansea Institute of Higher Education. Disponível em versão eletrónica em

http://www.paulhazel.com/blog/Introduction_To_Narrative.pdf

Consultado a 19 de Setembro de 2012.

Jacobs, Ronald N. (1996), «Producing the news, producing the crisis: narrativity, television and news work». In Corner, John (org) (1996) *Media Culture & Society*, Volume XVIII, 3, Julho de 1996, Londres: Sage, pp. 373-398.

Jespers, Jean-Jacques (1998), *Jornalismo Televisivo*, Coimbra: Minerva Coimbra.

Jost, François (2005), *Comprendre la Télévision*, Paris: Armand Colin.

Jost, François (2007), *Introduction à l'analyse de la Télévision*, Paris : Armand Colin.

Katz, Elihu (1979), «Os acontecimentos mediáticos: o sentido de ocasião». In Traquina, Nelson (org.) (1999), *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"*, Lisboa: Vega, pp. 52-60.

Knoblock, Silvia, Patzig, Grit e Mende, Anna-Maria (2004), «Affective News: Effects of Discourse in Narratives on Suspense, Curiosity and Enjoyment while reading News and Novels». In Toloff Michael, e Shoemaker, Pamela (org.) (2004), *Communication Research*, Volume XXXI, 3, Junho de 2004, Londres: Sage, pp. 259-287.

Lacey, Nick (1998), *Image and Representation – Key Concepts in Media Studies*, Hampshire: Palgrave.

Lacey, Nick (2000), *Narrative and Genre. Key Concepts of Media Studies*, Hampshire: Palgrave.

Lewis, John (1994), «The Absence of Narrative: Boredom and the Residual Power of Television News». In McCabe, Allyssa (org.) (1994), *Journal of Narrative and Life History*, Volume IV, 1/2, Worcester: Lawrence Erlbaum Associates, pp. 25-40.

Liebes, Tamar (1994), «Narrativization of the News: An Introduction». In McCabe, Allyssa (org.) (1994), *Journal of Narrative and Life History*, Volume IV, 1/2, Worcester: Lawrence Erlbaum Associates, pp. 1-8.

Lopes, Felisbela (1999), *O Telejornal e o Serviço Público*, Coimbra: Minerva Coimbra.

Lopes, Felisbela (2007), *A TV das Elites*, Porto: Campo das Letras.

Lopes, Felisbela (2008), *A TV do Real: A Televisão e o Espaço Público*, Coimbra: Minerva Coimbra.

Lopes, Felisbela, e Loureiro, Luís Miguel (2011), «Quando as elites da capital dominam o que se diz sobre o país e o mundo». In Lopes, Felisbela (org.) (2011), *A TV dos Jornalistas*, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, pp. 43-57. Disponível em versão eletrónica em http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/tv_jornalistas/article/view/558/521 Consultado a 9 de Novembro de 2012.

Lopes, Felisbela, e Santos, Hália Costa (2011), «Os comentadores residentes da televisão portuguesa». ». In Lopes, Felisbela (org.) (2011), *A TV dos Jornalistas*, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, pp. 58-78. Disponível em versão eletrónica em http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/tv_jornalistas/article/view/558/521 Consultado a 9 de Novembro de 2012.

Lopes, Felisbela (2012), *Vinte Anos de Televisão Privada em Portugal*, Lisboa: Guerra e Paz.

Loureiro, Luís Miguel (2008), «A notícia de televisão na Internet: o fim do alinhamento, o principio de quê?». In Martins, Moisés de Lemos, e Pinto, Manuel (org.) (2008), *Comunicação e Cidadania – Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, pp. 2481-2496. Disponível em versão eletrónica em <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/5sopcom/article/viewFile/218/237> Consultado a 5 de Novembro de 2012.

Machill, Marcel, Köhler, Sebastian e Walhauser, Markus (2007), «The Use of Narrative Structures in Television News: An Experiment in Innovative Forms of Journalistic Presentation». In Golding, Peter (org.) (2007) *European Journal of Communication*, Volume XXII, 2, Junho de 2007, Londres: Sage, pp. 185-205.

Matheson, Donald (2005), *Media Discourses: Analysing Media Texts*, Berkshire: McGraw Hill Education.

McCombs, Maxwell E., e Shaw, Donald L. (1993), «A Evolução da pesquisa sobre o Agendamento: vinte e cinco anos no mercado das ideias». In Traquina, Nelson (org.) (2000), *O Poder do Jornalismo*, Coimbra: Minerva, pp. 125-135.

McQuail, Denis (2003), *Teoria da Comunicação de Massas*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Medicsch, Eduardo (1997), *O jornalismo é uma forma de conhecimento?*, Covilhã: BOCC – Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. Disponível em versão eletrónica em

<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>>

Consultado a 29 de Outubro de 2012.

Mesquita, Mário (1999), «O Negócio da Informação e a Deontologia Jornalística». In (1999), *Comunicação, Ética e Mercado*, Lisboa: Universidade Católica Editora.

Mesquita, Mário (2003), *O Quarto Equívoco – o Poder dos Media na Sociedade*, Coimbra: Minerva.

Mihelj Sabina, Bajt Veronika e Pankov Miloš (2009), «Television news, narrative conventions and national imagination». In Dijk, Teun A. van (org.) (2009) *Discourse & Communication*, Volume III, 1, Fevereiro de 2009, Londres: Sage, pp. 57-78.

Molotch, Harvey, e Lester, Marilyn (1974), «As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos». In Traquina, Nelson (org.) (1999), *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*, Lisboa: Vega, pp. 34-51.

Morley, David (1976), «Industrial Conflict and the Mass Media». In Munro, Roland (org.) (1976), *Sociological Review*, Volume XXIV(II), Maio de 1976, Londres: Keele University, pp. 245-268.

Negreiros, Joaquim Trigo de (2004), *Fantasma ao Espelho – modos de autorrepresentação dos jornalistas*, Coimbra: Minerva.

Negreiros, Joaquim Trigo de, e Souto, Jorge (2010), «Os telejornais de horário nobre da SIC». In Silveira, Joel Frederico de, Cardoso, Gustavo, e Belo, António (org.) (2010), *Telejornais no início do Século XXI*, Lisboa: Edições Colibri, pp. 71-102.

Neto, Antonio Fausto (2003), «O jornalismo e os limites da representação». In Mesquita, Mário (org.) (2004), *Caleidoscópio Revista de Comunicação e Cultura*, 5/6, Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, pp. 41-53.

Neveu, Érik (2005), *Sociologia do Jornalismo*, Porto: Porto Editora.

Oliveira, José Manuel Paquete de (1988), «Formas de “censura oculta” na Imprensa Escrita em Portugal no pós 25 de Abril (1974-1987)». In *Tese de Doutoramento em Sociologia*, na especialidade de Sociologia da Comunicação, Lisboa: ISCTE.

Ortells, Sara, (2009), «La mercantilización de la información: la nueva era informativa en televisión», *Revista Latina de Comunicación Social*, n.º 64, La Laguna (Tenerife): Universidad de La Laguna, pp. 341 a 353. Disponível em versão eletrónica em http://www.revistalatinacs.org/09/art/28_827_46_ULEPICC_07/Sara_Ortells.html> Consultado a 10 de Novembro de 2012.

Orza, Gustavo F. (2002), *Programación Televisiva. Un modelo de análisis instrumental*, Buenos Aires: La Crujía.

Pantti, Mervi (2010), «The value of emotion: An examination of television journalists' notions on emotionality». In Golding, Peter (org.) (2010), *European Journal of Communication*, Volume XXV, 2, Junho de 2010, Londres: Sage, pp. 168-181.

Patterson, Thomas (1997), «Serão os media noticiosos actores políticos eficazes?». In Traquina, Nelson (org.) (2000), *Revista de Comunicação e Linguagens*, 27, Fevereiro de 2000, Lisboa: Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens, pp. 79-96.

Penedo, Cristina Carmona (2003), *O Crime nos Média*, Lisboa: Livros Horizonte.

Philips, Barbara (1976), «Novidade sem mudança». In Traquina, Nelson (org.) (1999), *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*, Lisboa: Vega, pp. 326-331.

Pina, Sara (2004), «Da realidade à ficção: a cobertura noticiosa da guerra do Iraque». In Mesquita, Mário (org.) (2004), *Caleidoscópio Revista de Comunicação e Cultura*, 5/6, Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, pp. 169-176.

Pires, Álvaro (1997), «Échantillonnage et recherche qualitative. Essai théorique et méthodologique». In Poupart, Jean *et al.*, *La Recherche Qualitative. Enjeux épistémologiques et méthodologiques*, Montréal: Gaëtan Morin Éditeur. Disponível em versão eletrónica em

<http://classiques.uqac.ca/contemporains/pires_alvaro/echantillonnage_recherche_qualitative/echantillon_recherche_qual.pdf>

Consultado a 30 de Outubro de 2012.

Ponte, Cristina (2004), «Contributos do realismo para o discurso jornalístico». In Mesquita, Mário (org.) (2004), *Caleidoscópio Revista de Comunicação e Cultura*, 5/6, Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, pp. 177-185.

Propp, Vladimir (1987), *A Morfologia do Conto*, Lisboa: Veja.

Puyal, Alfonso (2006), *Teoria de la Comunicación Audiovisual*, Madrid: Fragua.

Quivy, Raymond, e Campenhoudt, Luc (1998), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva.

Ramonet, Ignacio (2003), *A Tirania da Comunicação*, Porto: Campo das Letras.

Rayfield, J. R. (1972), «What is a story», *American Anthropologist*, 74, Junho de 1972, Nova Iorque: Willey Blackell, pp. 1085-1106.

Rebello, José (2002), *O Discurso do Jornal: o Como e o Porquê*, Lisboa: Editorial Notícias.

Reis, Carlos, e Lopes, Ana Cristina M. (1998), *Dicionário de Narratologia*, Coimbra: Edições Almedina.

Reis, Carlos, (2001), *O Conhecimento da Literatura – Introdução aos Estudos Literários*, Lisboa: Almedina.

Rodrigues, Adriano Duarte (1988a), «O acontecimento». In Traquina, Nelson (org.) (1988), *Revista de Comunicação e Linguagens*, 8, Dezembro de 1988, Lisboa: Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens, pp. 9-15.

Rodrigues, Adriano Duarte (1988b), *O Campo dos Media*, Lisboa: Vega.

Rodrigues, Adriano Duarte (1999), *Comunicação e Cultura – a experiência cultural na era da informação*, Lisboa: Editorial Presença.

Santos, João de Almeida (2000), *Homo Zapiens: o feitiço da televisão*, Lisboa: Editorial Notícias.

Santos, Rogério (2006), *A Fonte não quis revelar*, Porto: Campo das Letras

Santos, Rogério (2010), *Do Jornalismo aos Media: Estudos sobre a realidade portuguesa*, Lisboa: Universidade Católica Editora.

Saperas, Enric (1993), *Os Efeitos Cognitivos da Comunicação de Massas*, Porto: Edições Asa.

Schlesinger, Philip (1977), «Os jornalistas e a sua máquina do tempo». In Traquina, Nelson (org.) (1999), *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*, Lisboa: Vega, pp. 177-190.

Schudson, Michael (1982), «A política da forma narrativa: a emergência das convenções noticiosas». In Traquina, Nelson (org.) (1999), *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*, Lisboa: Vega, pp. 278-293.

Schudson, Michael (1988), «Porque é que as Notícias são como são». In Traquina, Nelson (org.) (1988), *Revista de Comunicação e Linguagens*, 8, Dezembro de 1988, Lisboa: Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens, pp. 17-27.

Schudson, Michael (1989), «The Sociology of News Production». In Berkowitz, Dan (org.) (1997), *Social Meanings of News: a text-reader*, London: Sage, pp. 7-22.

Serrano, Estrela (2012), «Alguns pressupostos teóricos para uma análise do jornal televisivo». In Cunha, Isabel Férin, Cabrera, Ana e Sousa, Jorge Pedro (org.) (2012), *Pesquisa em Media e Jornalismo – Homenagem a Nelson Traquina*, Covilhã: Livros Labcom, pp. 216-230.

Sian, Michel D. Suárez (2007), *Dramaturgia audiovisual. Guión y estrucutras de informativos en rádio y televisión*, 22, Sevilha: Periodística.

Silva, Augusto Santos, e Pinto, José Madureira (1998), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto: Edições Afrontamento.

Silveirinha, Maria João (2004), *Identidades, Media e Política – O Espaço Comunicacional nas Democracias Liberais*, Lisboa: Livros Horizonte.

Smith, Robert Rutherford Smith (1979), «Mythic Elements in Television News». In Berkowitz, Dan (org.) (1997), *Social Meanings of News: a text-reader*, London: Sage, pp. 325-332.

Soares, Tânia de Morais, e Calado, Vanda, «A Ordem Interna nos Noticiários Televisivos». In Martins, Moisés de Lemos, e Pinto, Manuel (org.) (2008), *Comunicação e Cidadania – Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, pp. 2545-2558. Disponível em versão eletrónica em <<http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/5sopcom/article/viewFile/223/242>> Consultado a 5 de Novembro de 2012.

Soloski, John (1989), «O Jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico». In Traquina, Nelson (org.) (1999), *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*, Lisboa: Vega, pp. 91-100.

Sousa, Jorge Pedro (2000), *As Notícias e os Seus Efeitos*, Coimbra: Edições Minerva.

Sousa, Jorge Pedro (2006), *Elementos de Teoria e Pesquisa de Comunicação de Massa*, Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.

Stanzel, F. (1984), *A Theory of Narrative*, Cambridge: Cambridge Univ. Press.

Thussu, Daya Kishan (2007), *News as Entertainment: The Rise of Global Infotainment*, Londres: Sage.

Torres, Eduardo Cintra (2011), *A Televisão e o Serviço Público*, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Traquina, Nelson (1988), «As Notícias». In Traquina, Nelson (org.) (1999), *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*, Lisboa: Vega, pp. 167-176.

Traquina, Nelson (1997), *Big Show Media – Viagem pelo Mundo Audiovisual Português*, Lisboa: Editorial Notícias.

Traquina, Nelson (2002), *Jornalismo*, Lisboa: Quimera.

Traquina, Nelson (2004), *A Tribo Jornalística: uma comunidade transnacional*, Lisboa: Editorial Notícias.

Tuchman, Gaye (1972), «A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas». In Traquina, Nelson (org.) (1999), *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*, Lisboa: Vega, pp. 74-90.

Tuchman, Gaye (1976), «Contando estórias». In Traquina, Nelson (org.) (1999), *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*, Lisboa: Vega, pp. 258-262.

Tuchman, Gaye (1978), «As Notícias como uma realidade construída». In Esteves, João Pissara (org.) (2002), *Comunicação e Sociedade*, Lisboa: Livros Horizonte, pp. 91-103.

Tuchman, Gaye (1978), *Making News*, Londres: The Free Press,

Tulloch, John (2000), *Watching Television Audiences*, Londres: Arnold.

Vilches, Lorenzo (1984), *La Lectura de la Imagen. Prensa, Cine, Televisión*, Barcelona, Paidós.

Villafañe, Justo, e Norberto, Mínguez (2000), *Principios de la Teoría General de la Imagen*, Madrid: Pirámide.

Villafañe, Justo (2003), *Introducción a la Teoría de la Imagen*, Madrid, Pirámide.

Weaver, Paul H. (1999), «As notícias de jornal e as notícias de televisão». In Traquina, Nelson (org.) (1999), *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*, Lisboa: Vega, pp. 294-305.

White, David Manning (1950), «O gatekeeper: uma análise de caso na seleção de notícias». In Traquina, Nelson (org.) (1999), *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*, Lisboa: Vega, pp. 142-151.

Wojcieszak, D. (2009), «Three Dimensionality Taxonomy of Iconic, Linguistic, and Audio Messages in Television News». In Mayer, Vicky (org.) (2009), *Television & New Media*, Volume X (VI), Novembro de 2009, Londres: Sage, pp. 459-481.

Wolf, Mauro (2003), *Teorias da Comunicação*, Lisboa: Editorial Presença.

Wolton, Dominique (1994), *Elogio do Grande Público – Uma Teoria Crítica da Televisão*, Porto: Edições Asa.

Wolton, Dominique (1999), *Pensar a Comunicação*, Lisboa: Difel.

Zelizer, Barbie (1993), «Os Jornalistas enquanto Comunidade Interpretativa». In Traquina, Nelson (org.) (2000), *Revista de Comunicação e Linguagens*, 27, Fevereiro de 2000, Lisboa: Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens, pp. 33-61.

Sites da Internet:

Apresentação do Grupo Impresa. Disponível em versão eletrónica em

<<http://www.impresa.pt/folder3/Impresa/Institucional/QuemSomos.html>>. Consultado a 24 de Setembro de 2012.

Hino SIC. Disponível em versão eletrónica em

<<http://sic.sapo.pt/online/sites+sic/sic+institucional/identidade/>>. Consultado a 24 de Setembro de 2012.

Hino SIC 20 Anos. Disponível em versão eletrónica em

<http://sic.sapo.pt/Programas/sic20anos/sic20anos_hinosic/2012/03/23/a-sic-celebra-20-anos-ao-seu-lado>. Consultado a 24 de Setembro de 2012.

História da SIC. Disponível em versão eletrónica em

<<http://sic.sapo.pt/NR/rdonlyres/C57BFE6D-F073-469B-939F-891B8D87D1E6/1039648/HistorialSIC20112.pdf>>. Consultado a 24 de Setembro de 2012.

Laços de Sangue ganha Emmy. Disponível em versão eletrónica em

<http://sic.sapo.pt/online/sites+sic/lacos-de-sangue/bastidores/lacos_emmy.htm>.

Consultado a 24 de Setembro de 2012.

Obercom (2002-2011), Anuários de Comunicação, Lisboa: Obercom. Disponível em versão eletrónica em

<<http://obercom.pt/client/?newsId=28&fileName=anuario1011.pdf>>.

Consultado a 24 de Setembro de 2012.

Os 15 Anos da TVI. Disponível em versão eletrónica em

<<http://www.meiosepublicidade.pt/2008/02/15/os-15-anos-da-tvi-2/>>. Consultado a 24 de Setembro de 2012.

Relatório de Contas do Grupo Impresa: 2002-2012. Disponível em versão eletrónica em

<<http://www.impresa.pt/folder3/Impresa/RelatorioContasTrimestral/default.html>>.

Consultado a 24 de Setembro de 2012.

Relatórios de Audiências da SIC: 2002-2011. Disponível em versão eletrónica em

<<http://www.impresa.pt/folder3/Impresa/PressReleases/default.html>>.

Consultado a 24 de Setembro de 2012.

Anexos

Anexo A – Grelhas de análise empírica

Grelha 1: Análise do processo e do modelo de construção narrativa, do narrador e das personagens das notícias do “Jornal da Noite” da SIC

Notícia	Assunto	Categoria Temática	Tratamento Geográfico	Processo de Construção Narrativa	Modelo de Construção Narrativa	Narrador		Personagens
						Focalização	Tipologia	
JORNAL DA NOITE DE 12 DE MARÇO DE 2012								
1	Pagamento de portagens à Lusoponte	Economia	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Aberto .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais
2	Prefácio do Presidente da República	Política	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Dominante	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais
3	Reações ao Prefácio do Presidente da República	Política	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Contenção	Focalização Externa	Heterodiegético	.Especialistas .Oficiais
4	Queixa de juízes contra Ministérios do governo de José Sócrates	Política	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Aberto .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Especialistas
5	Julgamento do caso	Política	Nacional	Enigma ->	.Explicativo	Focalização Externa	Heterodiegético	.Anónimas

	Freeport			Atraso -> Resolução	.Fechado .Relato			.Especialistas
6	Semana da saúde de António José Seguro	Política	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	.Oficiais .Especialistas
7	Financiamento às empresas	Economia	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Relato	.Focalização Externa	Heterodiegético	.Especialistas .Oficiais
8	Medidas contra a seca	Economia	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Dominante	.Focalização Externa Interventiva	Heterodiegético	Oficiais
9	Seca na zona oeste	Economia	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Reportagem	.Focalização Externa Interventiva	Heterodiegético	Anónimas
10	Vaga de gripe	Sociedade	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	.Focalização Externa	Heterodiegético	Especialistas
11	Jogo Sporting / Guimarães	Desporto	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Emocional .Fechado .Relato	.Focalização Externa Interventiva	Heterodiegético	Oficiais
12	Jogo Benfica / Paços de Ferreira	Desporto	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Emocional .Fechado .Relato	.Focalização Externa Interventiva	Heterodiegético	Oficiais
13	27ª jornada da Liga Espanhola	Desporto	Internacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvi-	.Emocional .Fechado .Relato	.Focalização Externa Interventiva	Heterodiegético	Oficiais

				mento -> Conclusão				
14	Aprensão de droga em Lisboa	Sociedade	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Dominante	Focalização Externa	Heterodiegético	.Anónimas .Oficiais
15	Incêndio em Alverca	Sociedade	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	.Anónimas .Especialistas
16	Reunião do Eurogrupo	Economia	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Contenção	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais
17	Guerra na Síria	Política	Internacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	n.a.
18	Massacre no Afeganistão	Sociedade	Internacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais
19	Combate aos incêndios florestais	Política	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Concorrencial	Focalização Externa	Heterodiegético	.Oficiais
20	Crise na restauração no Algarve	Economia	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado ->	.Explicativo .Fechado .Reportagem	Focalização Externa	Heterodiegético	.Anónimas .Especialistas

				Desenvolvimento -> Conclusão				
21	Manifestações do 12 de março: 1 ano depois	Sociedade	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Reportagem	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas
22	Anúncio do cartaz para o Festival Sudoeste	Cultura	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	n.a.
JORNAL DA NOITE DE 13 DE MARÇO DE 2012								
23	Tomada de posse do novo Secretário de Estado da Energia	Política	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa Interventiva	Heterodiegético	Oficiais
24	Demissão do Secretário da Energia	Política	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais
25	Reações à demissão do Secretário da Energia	Política	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Contenção	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais
26	Reunião do Eurogrupo	Economia	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa Interventiva	Heterodiegético	Oficiais
27	Crise na Grécia	Economia	Internacional	Enigma -> Atraso ->	.Explicativo .Fechado	Focalização Externa	Heterodiegético	.Anónimas .Oficiais

				Resolução	.Reportagem			
28	Jornadas do Bloco de Esquerda	Política	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Dominante	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais
29	Burla tributária na CGD	Economia	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais
30	Burla informática	Sociedade	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais
31	Julgamento do caso Freeport	Política	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	.Anónimas .Especialistas
32	Morte da mulher de Paco Bandeira	Faits-Divers	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Emocional .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas.
33	Assalto a ourivesaria em Oeiras	Sociedade	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas
34	Queixa de fiscal de linha contra treinador do Benfica	Desporto	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento ->	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa Interventiva	Heterodiegético	.Especialistas .Oficiais

				Conclusão				
35	Transplantes hepáticos em Portugal	Sociedade	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Especialistas
36	Seca agrava problemas respiratórios	Sociedade	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Especialistas
37	Assalto a minimercado em Albufeira	Sociedade	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas
38	Acidente com camião na A8	Sociedade	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais
39	Retrato da crise em Portugal	Sociedade	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Reportagem	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas
40	Crise nos talhos portugueses	Economia	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Reportagem	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas
41	Massacre no Afeganistão	Política	Internacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	.Oficiais .Anónimas
42	Guerra na Síria	Política	Internacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais
JORNAL DA NOITE DE 14 DE MARÇO DE 2012								
43	Acidente de	Sociedade	Internacional	Enigma ->	.Explicativo	Focalização Externa	Heterodiegético	.Oficiais

	autocarro na Suíça			Atraso -> Resolução	.Fechado .Relato			.Anónimas
44	Acidente de autocarro na Suíça	Sociedade	Internacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Emocional .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas
45	Terceira Avaliação da Troika	Economia	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Dominante	Focalização Externa	Heterodiegético	.Oficiais
46	Inquérito ao BPN	Política	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Concorrencial	Focalização Externa	Heterodiegético	.Oficiais
47	Pagamento de portagens à Lusoponte	Economia	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Contenção	Focalização Externa	Heterodiegético	.Oficiais
48	Novas regras no subsídio de desemprego	Economia	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Aberto .Reportagem	Focalização Externa	Heterodiegético	.Oficiais
49	Empresas assaltadas em Rio Maior	Sociedade	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	.Anónimas .Oficiais
50	Proibição de utilização de Acordo Ortográfico em Tribunal	Sociedade	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvi-	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	n.a.

				mento -> Conclusão				
51	Email polémico de Boas Festas	Faits-Divers	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Dominante	Focalização Externa	Heterodiegético	n.a.
52	Antevisão do jogo F.C.Porto – Nacional da Madeira	Desporto	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Emocional .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais
53	Visita a hospital de jogador do Benfica	Desporto	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Emocional .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	.Oficiais .Anónimas
54	Novo treinador do União de Leiria	Desporto	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Emocional .Fechado .Concorren- cial	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais
55	Antevisão do jogo Sporting / Manchester City	Desporto	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Emocional .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais
56	Plágio de música	Cultura	Internacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	n.a.
57	Seca em Portugal	Sociedade	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa Interventiva	Heterodiegético	Especialistas

58	Apelo a dadores de sangue	Sociedade	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Emocional .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	.Especialistas
59	Couve gigante em Leiria	Faits-Divers	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Dominante	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas
60	Incumprimento bancário	Economia	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Emocional .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	.Especialistas .Anónimas
61	Crise no ramo automóvel	Economia	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas
62	Crise na construção no Algarve	Economia	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas
63	Crise na Grécia	Economia	Internacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Concorrencial	Focalização Externa Interventiva	Heterodiegético	Oficiais
64	Nascimento de crias de urso polar em Moscovo	Faits-Divers	Internacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	n.a.
65	Concurso BESPhoto 2012	Cultura	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Aberto .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas
JORNAL DA NOITE DE 15 DE MARÇO DE 2012								
66	Seca em Portugal	Economia	Nacional	Premissa ->	.Explicativo	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais

				Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Fechado .Contenção			
67	Inquérito ao BPN	Política	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Contenção	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais
68	Julgamento do caso Freeport	Política	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Aberto .Dominante	Focalização Externa	Heterodiegético	.Anónimas .Especialistas
69	Debate na AR sobre o QREN	Economia	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Concorrencial	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais
70	Visita de Olli Rehn a Portugal	Economia	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais
71	Visita de Olli Rehn a Portugal	Economia	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Contenção	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais
72	Escutas do Processo Face Oculta	Política	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Aberto .Relato	Focalização Externa Interventiva	Heterodiegético	.Oficiais .Especialistas
73	Agressões divulgadas na Internet	Sociedade	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Aberto .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas
74	Massacre no Afeganistão	Política	Internacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado ->	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa Interventiva	Heterodiegético	Oficiais

				Desenvolvimento -> Conclusão				
75	Acidente de autocarro na Suíça	Sociedade	Internacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Emocional .Aberto .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	.Anónimas
76	Antevisão do jogo do Benfica / Beira Mar	Desporto	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa Interventiva	Heterodiegético	.Oficiais
JORNAL DA NOITE DE 16 DE MARÇO DE 2012								
77	Acumulação de cargos de António Borges	Política	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Aberto .Dominante	Focalização Externa	Heterodiegético	.Oficiais
78	Aumento do preço da eletricidade	Economia	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	.Oficiais
79	Salários e prémios na EDP	Economia	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	.Oficiais
80	Inquérito ao BPN	Política	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Dominante	Focalização Externa Interventiva	Heterodiegético	.Oficiais
81	Novas regras do subsídio de	Economia	Nacional	Premissa -> Exórdio ->	.Explicativo .Fechado	Focalização Externa	Heterodiegético	n.a.

	desemprego			Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Relato			
82	Julgamento de Vale e Azevedo	Desporto	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	n.a.
83	Burla no SEF	Sociedade	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Emocional .Aberto .Concorrencial	Focalização Externa	Heterodiegético	.Anónimas
84	Processo desaparecido de tribunal há quatro meses	Sociedade	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	.Especialistas .Anónimas
85	Sequestro em Cantanhede	Sociedade	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas
86	Acidente de autocarro na Suíça	Sociedade	Internacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Emocional .Aberto .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais
87	Massacre no Afeganistão	Política	Internacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais

88	Detenção de George Clooney	Faits-Divers	Internacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais
89	Sondagem política de Março	Política	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Aberto .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	n.a.
90	Jogo Sporting / Manchester City	Desporto	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Dominante	Focalização Externa Interventiva	Heterodiegético	Oficiais
91	Jogo Sporting / Manchester City	Desporto	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Dominante	Focalização Externa Interventiva	Heterodiegético	Oficiais
92	Crise nos teatros, cinemas e museus	Cultura	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	.Oficiais .Anónimas
93	Crise nas idas a restaurantes	Sociedade	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas
94	Jogo Sporting / Manchester City	Desporto	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa Interventiva	Heterodiegético	Oficiais
95	Lançamento do filme "John Carter"	Cultura	Internacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais

JORNAL DA NOITE DE 17 DE MARÇO DE 2012

96	Visita do Presidente da República a Trás-os-Montes	Política	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	.Oficiais .Especialistas .Anónimas
97	Aumento do preço dos combustíveis	Economia	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas
98	Entrevista ao ministro da Economia ao jornal Expresso	Economia	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Dominante	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais
99	Serviços mínimos no dia da Greve Geral	Sociedade	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	n.a.
100	Cortes na Saúde	Política	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Dominante	Focalização Externa	Heterodiegético	Especialistas
101	Apelo a dadores de sangue	Sociedade	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Emocional .Fechado .Relato	Focalização Externa Interventiva	Heterodiegético	.Especialistas .Anónimas
102	Consumo de álcool nos jovens	Sociedade	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Aberto .Dominante	Focalização Externa	Heterodiegético	Especialistas
103	Violação de jovem	Sociedade	Internacional	Premissa ->	.Explicativo	Focalização Externa	Heterodiegético	.Anónimas

	em Marrocos			Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Fechado .Relato			.Oficiais
104	Autor de Kony 2012 encontrado nu	Cultura	Internacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	.Anónimas .Oficiais
105	Jogo Benfica / Beira-Mar	Desporto	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais
106	Reação polémica de jogador do Chelsea	Desporto	Internacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais
107	Jogo F.C. Porto / Nacional da Madeira	Desporto	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa Interventiva	Heterodiegético	Oficiais
108	Entrevista de Vale e Azevedo à RTP	Desporto	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais
109	Fraude no Multibanco	Sociedade	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Aberto .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais
110	Detenção de suspeito de sequestro em Vila Real	Sociedade	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas
111	Talheres do faqueiro	Faits-	Nacional	Enigma ->	.Explicativo	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas

	do Titanic em Portugal	Divers		Atraso -> Resolução	.Fechado .Relato			
112	Lançamento do CD do ator Ângelo Rodrigues	Cultura	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Dominante	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais
113	Chuva em Trás-os-Montes	Sociedade	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa Interventiva	Heterodiegético	Anónimas
114	Seca no Alentejo	Sociedade	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	.Especialistas .Anónimas
115	Crise no turismo	Economia	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas
116	Médicos estrangeiros em Portugal	Sociedade	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas
117	Crise nos supermercados	Economia	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Dominante	Focalização Externa	Heterodiegético	Especialistas
118	Sucesso do calçado português	Economia	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Dominante	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas
119	Crise na Grécia	Sociedade	Internacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Emocional .Fechado .Concorrencial	Focalização Externa Interventiva	Heterodiegético	Anónimas
120	Desenhos na Ponte 25 de Abril	Faits-Divers	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas

JORNAL DA NOITE DE 18 DE MARÇO DE 2012

121	Reorganização da PSP	Política	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Dominante	Focalização Externa	Heterodiegético	.Oficiais
122	Aumento do preço dos combustíveis	Economia	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas
123	Fisco aumenta penalizações	Economia	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	n.a.
124	Cartões de crédito com juros mais altos	Economia	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas
125	Manifestação em Cascais durante abertura de Pousada de Luxo	Economia	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Concorrencial	Focalização Externa	Heterodiegético	.Anónimas .Especialistas
126	Número de queixas nos Livros de Reclamações diminui	Sociedade	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	.Explicativo .Fechado .Dominante	Focalização Externa	Heterodiegético	Especialistas
127	Obras de ampliação no Aeroporto de Lisboa	Economia	Nacional	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvi-	.Explicativo .Fechado .Dominante	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas

				mento -> Conclusão				
128	Assaltos em Loures	Sociedade	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	n.a.
129	Homem barricado em julgamento	Sociedade	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa Interventiva	Heterodiegético	Anónimas
130	Jogo Sp. Braga / Feirense	Desporto	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa Interventiva	Heterodiegético	Oficiais
131	Antevisão do jogo Benfica / F.C. Porto	Desporto	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	n.a.
132	Visita de diretora geral do FMI à China	Economia	Internacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais
133	Concurso de sócias de Obama	Faits-Divers	Internacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas
134	Reforço da polícia brasileira com agente Batman	Faits-Divers	Internacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Aberto .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas
135	Protesto no BPN	Economia	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Aberto .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas
136	Centro de lavagem de automóveis recebe pagamentos em escudos	Faits-Divers	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas
137	Combate ao bullying	Sociedade	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Anónimas

138	Jeremy Irons roda filme em Portugal	Cultura	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa	Heterodiegético	Oficiais
139	Mercados biológicos em Lisboa	Sociedade	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Explicativo .Fechado .Relato	Focalização Externa Interventiva	Heterodiegético	Anónimas
140	Crise nas lojas de calçado e vestuário de Viseu	Economia	Nacional	Enigma -> Atraso -> Resolução	.Emocional .Fechado .Reportagem	Focalização Externa Interventiva	Heterodiegético	Anónimas

n.a. – não aplicável

Grelha 2: Análise do texto audio-scripto-visual e do estilo das notícias do “Jornal da Noite” da SIC

Notícia	Texto Off		Texto Áudio		Texto Visual				Relação Texto Off, Texto Áudio e Texto Visual	Estilo
	Figuras de estilo	Oposições Binárias	Efeitos Sonoros	Banda Sonora	Planos e Movimentos	Imagens	Efeitos visuais	Grafismos		
JORNAL DA NOITE DE 12 DE MARÇO DE 2012										
1	Antítese	Lusoponte vs Estradas de Portugal	n.a.	n.a.	.Planos gerais do Presidente da Lusoponte .Planos gerais de pessoas a andar .Planos gerais da Ponte 25 de Abril .Planos americanos e próximos de deputados no Parlamento .Travelling	Imagens de arquivo da Ponte 25 de Abril e do Presidente da Lusoponte	n.a.	Quadros que explicam os pagamentos feitos à Lusoponte	Reforço	Explicativo
2	.Anástrofe .Imagem .Comparação	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais do P.R. a andar numa visita à Marinha Portuguesa .Planos próximos do P.R. a falar .Planos próximos do	Imagens de arquivo de reunião entre o P.R. e José Sócrates	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Explicativo

					P.R. com José Sócrates .Planos gerais de elementos da Marinha					
3	.Anástrofe .Enumeração	António José Seguro vs Marcelo Rebelo de Sousa e Luís Amado	n.a.	n.a.	.Planos Gerais e próximos de António José Seguro, Marcelo Rebelo de Sousa, Luís Amado e do P.R.	Imagens de arquivo do P.R.	n.a.	n.a.	Referencialização nula	Explicativo
4	.Gradação	Associação Sindical dos Juizes vs Ministérios do Governo de José Sócrates	n.a.	n.a.	.Planos gerais, americanos e próximos de antigos ministros do Governo de José Sócrates .Planos americanos de elementos da Associação Sindical dos Juizes	Imagens de arquivo dos ministros do Governo de José Sócrates	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Explicativo
5	.Enumeração .Ironia	Advogados de Defesa vs Ministério Público	n.a.	n.a.	.Planos gerais do campus de justiça de Lisboa .Planos inteiros e próximos de	Imagens de arquivo do Freeport	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Irónico

					advogados e testemunhas .Planos gerais e <i>travelling</i> do Freeport					
6	.Anástrofe	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos inteiros e próximos de António José Seguro e Sobrinho Simões .Planos gerais de investigadores médicos .Planos gerais de hospital	Imagens símbolo dos Doutores Palhaços	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Explicativo
7	.Antítese .Imagem	AIP vs Governo	n.a.	n.a.	.Planos inteiros e próximos do ministro da Economia .Planos próximos do Presidente da AIP .Planos gerais de edifícios em construção .Planos gerais de seminário	Imagens símbolo ministro da Economia e de edifícios em construção	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
8	.Gradação	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de campos agrícolas e gado .Plano próximo	.Imagens símbolo da seca .Imagens	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Explicativo

					do Presidente da CAP	de arquivo de campos agrícolas				
9	.Personificação .Gradação	n.a.	n.a.	n.a.	.Grandes planos, planos próximos e gerais de campos agrícolas .Planos gerais e próximos de agricultor	.Imagens símbolo da seca	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
10	.Aliteração Imagem .Personificação .Anástrofe	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de pessoas na rua .Planos gerais de hospital .Planos próximos de responsáveis do Laboratório de Gripe	.Imagens símbolo do vírus da gripe	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Explicativo
11	.Personificação Imagem .Enumeração .Hipérbole	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos muito gerais e próximos do jogo .Planos próximos dos treinadores	Imagens símbolo do jogo	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
12	.Anástrofe	Equipa de Arbitragem vs	n.a.	n.a.	.Planos muito gerais e próximos do	Imagens símbolo do jogo	n.a.	n.a.	Reforço	Crítico

		Jogadores do Benfica			jogo .Planos próximos dos treinadores					
13	.Metáfora .Enumeração .Hipérbole .Elipse	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos muito gerais do jogo .Planos próximos dos treinadores	Imagens símbolo do jogo	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
14	.Metáfora .Antítese .Enumeração .Elipse	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais e grandes planos da droga apreendida .Planos próximos dos elementos da Polícia portuguesa e espanhola	Imagens símbolo da polícia portuguesa e espanhola	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
15	.Disfemismo	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais e grandes planos do exterior do andar que ardeu .Planos gerais de rua e pessoas .Planos próximos de vizinhos e lojistas	Imagens símbolo do andar que ardeu	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
16	.Metáfora .Imagem .Gradação	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais da chegada dos ministros à reunião	Vivo do jornalista	n.a.	n.a.	Referencialização nula	Explicativo

					.Planos gerais da sala de reunião .Planos próximos dos ministros					
17	.Anástrofe .Disfemismo .Enumeração	Habitantes de cidades sírias Vs Governo sírio e terroristas	n.a.	n.a.	.Planos gerais de corpos mortos .Planos gerais de casas vandalizadas .Planos gerais da reunião da ONU	Imagens símbolo dos mortos	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
18	.Enumeração .Metáfora .Disfemismo .Imagem	Militar americano vs Parlamento afegão	n.a.	n.a.	.Planos gerais e grandes planos de corpos de afegãos mortos .Planos gerais de afegãos na rua	Imagens símbolo dos corpos mortos	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Explicativo
19	.Enumeração .Antítese .Anástrofe	Corporações de bombeiros vs Governo	n.a.	n.a.	.Planos gerais de incêndios florestais .Planos inteiros e próximos de bombeiros a combater os incêndios .Planos gerais de meios de combate a incêndios	Imagens símbolo dos meios de combate a incêndios	n.a.	Quadro com número de elementos, viaturas e meios aéreos previstos para combate a incêndios	Reforço	Crítico
20	.Enumeração .Elipse	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de estabelecimentos de	Imagens símbolo de	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Explicativo

					restauração encerrados .Planos próximos de comerciante .Planos próximos de representante da Associação dos Industriais Hoteleiros e Similares do Algarve	restaurantes fechados				
21	.Metáfora .Personificação .Aliteração	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais da manifestação de 12 de março de 2011 .Planos gerais da Avenida da Liberdade .Planos próximos de manifestantes .Planos próximos do Movimento 12 de março	Imagens de arquivo da manifestação de 12 de março	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
22	Enumeração	n.a.	n.a.	.Músicas dos artistas que vão atuar	n.a.	Imagens de arquivo dos artistas que vão	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo

JORNAL DA NOITE DE 13 DE MARÇO DE 2012										
23	Imagem	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais, inteiros e americanos do Primeiro-ministro e ministros .Grande plano da assinatura do Livro de Honra	Vivo do jornalista	Slow-motion	n.a.	Referencialização Fraca	Irónico
24	.Imagem .Enumeração	Ex-secretário da Energia vs Primeiro-ministro e empresas de energia	n.a.	n.a.	.Planos gerais, inteiros e americanos do ex-secretário da Energia .Planos gerais de central elétrica Planos gerais de sede da EDP .Planos gerais de geradores de energia eólica	Imagens de arquivo de ex-secretário de Estado da Energia, do Primeiro-ministro, de central elétrica e da EDP	n.a.	Imagem da capa do Jornal de Negócios com a entrevista polémica do ex-secretário da Energia	Referencialização Fraca	Crítico
25	Anástrofe	Governo vs Partidos da Oposição	n.a.	n.a.	.Planos gerais e próximos de Luís Filipe Menezes .Planos próximos de Henrique Gomes, de	Imagens de arquivo da tomada de posse do ex-secretário de Estado	n.a.	n.a.	Referencialização Nula	Explicativo

					deputados do PS, BE e PCP .Planos gerais de central elétrica Planos gerais de barragem .Planos gerais de sede da EDP	da Energia de central elétrica, de barragem da sede da EDP				
26	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais e próximos de ministros das finanças europeus .Planos gerais da sala de reuniões do Eurogrupo .Planos próximos de Presidente da Comissão Europeia	Vivo do jornalista	n.a.	n.a.	Referencialização Fraca	Explicativo
27	.Enumeração .Imagem .Elipse .Eufemismo .Antítese .Hipérbole	Portugal vs Grécia	n.a.	n.a.	.Planos gerais e próximos de desempregado .Planos gerais de Centro de emprego .Planos próximos de ex-Primeiro-ministro da Grécia .Planos	Vivo do jornalista	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo

					próximos de Diretor de Assuntos Económicos .Planos gerais das ruas de Atenas					
28	Enumeração	n.a.	n.a	n.a.	.Planos gerais de prédios em construção .Planos próximos do líder parlamentar do BE .Planos gerais e próximos de casas para venda .Planos gerais de manifestação do BE	Imagens de arquivo de casas para lugar e prédios em construção	n.a.	n.a.	Referencialização Fraca	Explicativo
29	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais e próximos de administrador da CGD .Planos gerais da sede da CGD .Planos gerais da fábrica Compal .Planos gerais do Banco de Portugal	Imagens de arquivo de administrador da CGD, da sede da CGD e do Banco de Portugal	n.a.	n.a.	Referencialização Fraca	Explicativo
30	Enumera-	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais e	Imagens	n.a.	n.a.	Referencialização Nula	Explicativo

	ção				panorâmicas de farmácias .Planos próximos de elementos da PJ	de arquivo de farmácias				
31	Enumeração	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais do campus de justiça de Lisboa .Planos próximos de testemunhas e advogados .Planos gerais do campus de justiça	Imagens símbolo das testemunhas	n.a.	n.a.	Reforço	Irónico
32	Anástrofe	Paco Bandeira vs Familiares de ex-mulher	n.a.	n.a.	.Planos gerais e próximos de familiares da ex-mulher de Paco Bandeira .Grande plano de sms de filha de Paco Bandeira .Planos gerais e próximos de Paco Bandeira e advogada	Imagens símbolos de familiares da ex-mulher de Paco Bandeira sentados	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
33	Antítese	Proprietária vs Administração do	n.a.	n.a.	.Planos gerais do centro comercial Planos gerais,	Imagens símbolo da proprie-	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo

		centro comercial			próximos e grandes planos da loja assaltada	tária				
34	n.a.	Benfica vs Associação Portuguesa de Árbitros de Futebol (APAF)	n.a.	n.a.	.Planos gerais e próximos de Jorge Jesus e de Presidente da APAF .Planos muito gerais e próximos de jogo do Benfica	Imagens de arquivo de Jorge Jesus, árbitro e jogo do Benfica	n.a.	Imagem de Jorge Proença	Referencialização Fraca	Explicativo
35	Enumeração	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais do Hospital de Coimbra .Planos próximos de cirurgião .Planos gerais e grandes planos de cirurgia	Imagens de arquivo do hospital de Coimbra e cirurgia	n.a.	n.a.	Referencialização Fraca	Explicativo
36	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de jardins e pessoas .Grandes planos de flores .Planos próximos de médico alergologista	Imagens de arquivo de jardins, flores e pessoas na rua	n.a.	n.a.	Referencialização Fraca	Explicativo
37	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais grandes planos de minimercado .Planos gerais de	Imagens símbolo de revista policial	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo

					prédio .Planos próximos de habitantes do prédio	ao prédio				
38	.Personificação .Enumeração	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais e grandes planos de viaturas acidentadas .Planos gerais de trânsito .Panos próximos de elemento dos bombeiros .Planos gerais dos destroços do acidente	Imagens símbolo do camião acidentado	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
39	.Personificação .Enumeração .Imagem .Hipérbole .Antítese .Polissíndeto .Anáfora .Paralelismo	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de ruas de Lisboa .Planos gerais de centro de emprego .Planos gerais e próximos de empresas .Planos gerais de prédios .Planos gerais e grandes planos de faturas	.Imagens símbolo das ruas de Lisboa .Vivo da jornalista	n.a.	.Quadros com fotografia e números da crise em Portugal .Gráfico com despesas das famílias	Reforço	Explicativo
40	.Antítese	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais e próximos de interior de talho.	Imagens símbolo do talho	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo

					.Planos gerais de proprietário e clientes					
41	.Disfemismo .Imagem .Sinédoque	Soldado norte-americano vs Parlamento afegão	n.a.	n.a.	.Planos gerais de ataque .Planos inteiros de afegãos .Grandes planos de Obama .Planos gerais e próximos de Secretário de Defesa dos EUA .Planos gerais de Seattle	Imagens símbolo do ataque	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
42	n.a.	Governo sírio vs EUA e Conselho Nacional sírio	n.a.	n.a.	.Planos gerais de estradas durante os ataques .Planos inteiros de vítimas .Planos gerais de acampamentos	n.a.	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
JORNAL DA NOITE DE 14 DE MARÇO DE 2012										
43	.Enumeração .Elipse	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais do local do acidente .Planos gerais e grandes planos do autocarro acidentado .Planos gerais de hospital suíço	n.a.	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo

					.Planos gerais de escola .Planos gerais de aeroporto .Planos gerais do Hemiciclo do Parlamento Europeu					
44	Gradação	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de escola belga .Planos próximos de familiares das vítimas .Grandes planos de desenhos, flores e velas	Imagens símbolo das vítimas	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
45	.Metáfora .Perífrase .Interrogação	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais, inteiros e próximos de ministro das Finanças .Planos gerais de empresas .Planos gerais de deputados na A.R.	Imagens de arquivo de empresas	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Explicativo
46	n.a.	Deputados PS vs Deputados CDS e PSD	n.a.	n.a.	.Planos gerais da sede do BPN .Planos próximos de líderes parlamentares	Imagens de arquivo do BPN	n.a.	n.a.	Referencialização nula	Explicativo

					do PSD e do PS .Planos próximos de deputados do PCP e do BE					
47	.Sinédoque	Governo vs Partidos da oposição	n.a.	n.a.	.Planos gerais da Ponte 25 de Abril .Planos inteiros e próximos de deputados na A.R.	Imagens símbolo da Ponte 25 de Abril	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Explicativo
48	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de centro de emprego .Planos inteiros e próximos de desempregados .Planos gerais de ruas portuguesas	Imagens de arquivo de centros de emprego	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Explicativo
49	.Animismo .Anástrofe .Enumeração	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de empresas .Planos próximos de empresários e trabalhadores .Planos próximos do vereador de Rio Maior .Planos gerais de zona industrial	Imagens símbolo das empresas assaltadas	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
50	Enumera-	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais	n.a.	n.a.	n.a.	Referencialização nula	Explicativo

	ção				do Tribunal de Viana do Castelo					
51	Elipse	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais da Câmara Municipal de Coimbra .Planos gerais da Polícia Municipal de Coimbra	Imagens símbolo do email	n.a.	Grafismo com conteúdo do email	Reforço	Irónico
52	Imagem	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de treino do FC Porto .Planos próximos do treinador do FC Porto	n.a.	n.a.	n.a.	Referencialização Fraca	Explicativo
53	Elipse	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais, inteiros e próximos de jogadores no hospital .Planos gerais de treino do Benfica	n.a.	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
54	.Antítese .Imagem	Ex-treinador do União de Leiria vs Novo treinador	n.a.	n.a.	.Planos inteiros e próximos do ex e do novo treinador do União de Leiria .Planos gerais do treino	Imagens símbolo do ex-treinador a sair	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Irónico

		do União de Leiria								
55	Antítese	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos muito gerais de jogo do Sporting .Planos próximos do treinador do Manchester City	Imagens símbolo de jogadas	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
56	Elipse	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de jogadores do Real Madrid	Imagens símbolo de jogadores a dançar	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
57	Enumeração	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de combate a incêndio .Planos gerais de campos .Planos próximos do Instituto de Meteorologia .Planos próximos de meteorologistas	Imagens de arquivo de combate a incêndios	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Crítico
58	Animismo	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais, próximos e grandes planos de dadores de sangue .Planos americanos do	Imagens de arquivo de Carlos Martins e mulher	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Apologético

					Presidente do Instituto Português do Sangue e Transplantação .Planos inteiros e grandes planos do jogador Carlos Martins e mulher					
59	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais, próximos e grandes planos de couve gigante .Planos próximos agricultor	Imagem símbolo da couve gigante	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
60	Enumeração	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais das ruas de Lisboa .Planos gerais de apartamento .Planos próximos de desempregado .Planos próximos de documento de penhora .Planos próximos de jurista da Deco e	Imagens de arquivo das ruas de Lisboa	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo

					do Presidente da Associação de Consumidores					
61	.Personificação .Antítese .Enumeração .Imagem	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de stands de automóveis .Planos próximos de proprietário de stand .Planos gerais de oficina de reparação de automóveis .Planos próximos de proprietários de oficinas	n.a.	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Explicativo
62	Antítese	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de apartamentos .Planos gerais de áreas residenciais .Planos inteiros, americanos e próximos de engenheiro .Planos próximos de empresário de materiais de construção	Imagens símbolo de casas devolutas	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
63	.Personi-	Povo grego	n.a.	n.a.	.Planos	Imagens	n.a.	n.a.	Reforço	Crítico

	.ficação .Imagem	vs Governo			próximos de chefe de missão da Comissão Europeia .Planos gerais de Guarda de Honra do Parlamento grego .Planos gerais de ruas de Atenas .Planos próximos de Ministro da Administração Interna e de líder partidário	símbolo da Guarda de Honra do Parlamen- to grego				
64	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	Planos gerais das crias de urso pular	Imagens símbolo das crias	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
65	Antítese	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais da exposição .Planos próximos das obras em exposição .Planos próximos de artistas	Imagens símbolo das obras em exposição	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
JORNAL DA NOITE DE 15 DE MARÇO DE 2012										
66	.Ironia .Metáfora	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de chuva em Lisboa	Imagens de arquivo	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Irónico

					.Planos gerais e americanos de deputados na A.R. .Planos gerais de campos agrícolas	de campos agrícolas				
67	.Imagem .Interrogação	Governo vs Partidos da oposição	n.a.	n.a.	.Planos gerais e próximos de deputados na A.R. .Planos próximos de Ministra da Agricultura	n.a.	n.a.	n.a.	Referencialização nula	Explicativo
68	Gradação	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais e próximos de sala de audiências .Planos americanos de José Sócrates .Planos americanos do tio de José Sócrates .Planos gerais do Freeport	Imagens de arquivo de José Sócrates e do Freeport	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
69	.Antítese .Interrogação	Ministro da Economia vs Deputados da	n.a.	n.a.	.Planos gerais, próximos e grandes planos de deputados na A.R.	Imagens símbolo da A.R.	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Irónico

		oposição								
70	.Imagem .Elipse	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais, inteiros, próximos e grandes planos de Olli Rehn .Planos gerais do Banco de Portugal	n.a.	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Explicativo
71	Elipse	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais, inteiros, próximos e grandes planos de Olli Rehn na A.R. .Planos gerais e próximos de deputados na A.R.	n.a.	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Explicativo
72	.Antítese .Imagem	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais e inteiros do Presidente do Supremo Tribunal de Justiça .Planos próximos de advogado de defesa .Planos gerais do Supremo Tribunal de Justiça	n.a.	n.a.	n.a.	Referencialização nula	Irónico

73	.Enumeração .Eclipse	n.a.	n.a.	n.a.	.Imagens de vídeo amador .Planos gerais de Viseu	Imagens símbolo de vídeo amador	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
74	n.a.	Presidente afegão vs Secretário de Defesa dos EUA	n.a.	n.a.	.Planos gerais e inteiros do Presidente afegão .Planos gerais de ruas do Afeganistão .Planos inteiros de militares americanos	n.a.	n.a.	n..a	Referencialização fraca	Explicativo
75	Enumeração	n.a.	n..a	n.a.	.Planos gerais de túnel suíço .Planos próximos e grandes planos de pessoas em homenagem às vítimas	Vivo do jornalista	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
76	n.a.	Treinador do Benfica vs Árbitro auxiliar	n.a.	n.a.	.Planos próximos de Jorge Jesus .Planos americanos de árbitro auxiliar	n.a.	n.a.	n.a.	Referencialização nula	Explicativo
JORNAL DA NOITE DE 16 DE MARÇO DE 2012										
77	.Antítese .Enumeração .Eclipse	Deputados da oposição vs	n.a.	n..a	.Planos gerais, inteiros e próximos de António Borges	n.a.	n.a.	n.a.	Reforço	Irónico

		António Borges			.Planos gerais de plenário da A.R.					
78	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais, inteiros e próximos de Passos Coelho .Planos gerais do interior de Loja da EDP .Planos gerais de tomada de posse do novo Secretário de Estado da Energia	n.a.	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Explicativo
79	.Paralelismo .Enumeração	Crise financeira portuguesa vs Salários elevados na EDP	n.a.	n.a.	.Planos gerais e inteiros de António Mexia	n.a.	n.a.	Quadro com descrição do salário de António Mexia em 2011 e 2012	Referencialização fraca	Crítico-irónico
80	.Imagem .Metáfora .Ironia	Deputados do PS vs Deputados do CDS e PSD	n.a.	n.a.	.Planos gerais, inteiros e próximos de deputados na A.R.	Vivo de jornalista	n.a.	n.a.	Reforço	Irónico
81	.Sinédoque .Enumeração	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de centros de emprego .Planos gerais de	n.a.	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Explicativo

	.Elipse				manifestações					
82	Hipérbole	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais, americanos e próximos de Vale e Azevedo	Imagens de arquivo de Vale e Azevedo	n.a.	n.a.	Referencialização nula	Crítico-irónico
83	.Perífrase .Ironia	n.a.	Distorção de vozes	Música que sugere suspense	.Planos gerais que não mostram identidade dos envolvidos .Planos gerais do SEF .Planos gerais de pessoas na rua	Imagens símbolo de documentos	n.a.	Imagem de cheques e documentos usados na burla	Reforço	Irónico
84	.Enumeração .Imagem	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais do Tribunal da Relação de Lisboa .Planos gerais de estação de comboios	Imagens de arquivo de estação de comboios	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Explicativo
85	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de estrada de Coimbra .Planos próximos do Diretor Nacional da PJ .Panos gerais do Tribunal de Cantanhede	Imagens símbolo do local de prostituição	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
86	Enumera-	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de	Imagens	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo

	ção				<p>ruas belgas</p> <p>.Grandes planos de pessoas a chorar</p> <p>.Planos gerais de alunos a lançarem balões</p> <p>.Planos gerais de militares a transportarem caixões</p> <p>.Planos próximos do Procurador de Valais</p> <p>.Planos gerais e grandes planos do túnel</p>	<p>símbolo de pessoas a chorar</p>				
87	n..a	<p>Presidente afegão vs Governo dos EUA</p>	n.a.	n.a.	<p>.Planos gerais de ruas afegãs</p> <p>.Planos gerais e próximos do Presidente afegão</p> <p>.Planos gerais do local do ataque</p> <p>.Planos gerais de militares</p> <p>.Planos próximos de advogado de</p>	n.a.	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Explicativo

					militar americano					
88	Ironia	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos próximos e grandes planos de Clooney algemado .Planos gerais do Sudão	.Imagens símbolo de Clooney algemado .Imagens de arquivo do Sudão	n.a.	n.a.	Reforço	Crítico-irónico
89	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de Lisboa .Planos gerais e inteiros de ministros da Economia, das Finanças e do primeiro-ministro	Vivo do jornalista	n.a.	Quadro com valores da sondagem	Referencialização fraca	Explicativo
90	.Imagem .Hipérbole .Perífrase	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos muito gerais do jogo .Planos próximos dos jogadores e dos treinadores	Imagens símbolo das jogadas	n.a.	n.a.	Reforço	Apologético
91	.Paralelismo .Imagem	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais dos adeptos .Planos gerais do autocarro que transporta os jogadores	Imagens símbolo da chegada dos jogadores a Lisboa	n.a.	n.a.	Reforço	Apologético

92	.Enumeração	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de salas de cinema .Planos próximos de espectadores e visitantes .Planos gerais de teatros .Planos próximos de elemento da DGArtes .Planos gerais de museus .Planos próximos e grandes planos de peças em exposição	Vivo do jornalista	n.a.	.Imagem do Decreto Lei n.º 125/2003 (que especifica o sistema de gestão e controlo de bilheteira) .Quadro com evolução do número de espectadores	Reforço	Explicativo
93	Interrogação	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais e próximos de restaurantes	Vivos de jornalistas	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
94	.Hipérbole .Imagem .Elipse	n.a.	n.a.	Música que sugere esperança	.Planos gerais do jogo .Planos próximos dos jogadores	Imagens símbolo dos jogadores	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
95	Elipse	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos próximos de ator em entrevista	Imagens símbolo do filme	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
JORNAL DA NOITE DE 17 DE MARÇO DE 2012										
96	.Antítese	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais,	Imagens	n.a.	n.a.	Reforço	Irónico

	.Ironia .Metáfora				inteiros, próximos e americanos do Presidente da República	símbolo do Presidente da República				
97	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais e próximos de bombas de gasolina .Planos próximos de automobilistas .Planos gerais de parque de taxistas	n.a.	n.a.	n.a.	Referencialização nula	Explicativo
98	.Enumera- ção .Elipse	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais, inteiros e próximos de ministro da Economia	Imagens de arquivo do ministro da Economia	n.a.	n.a.	Referencialização nula	Explicativo
99	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de transportes públicos .Planos gerais de estações de metro de Lisboa e Porto	Imagens de arquivo de transportes públicos	n.a.	n.a.	Referencialização nula	Explicativo
100	Hipérbole	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais e próximos do seminário .Planos	Imagens de arquivo de	n.a.	n.a.	Referencialização nula	Explicativo

					próximos de António Arnaut .Planos gerais de corredores de hospital	hospitais				
101	.Personificação .Sinédoque	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de salas de recolha de sangue .Planos próximos e americanos de médicos e de dadores de sangue	Imagens símbolo de dadores de sangue	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Apologético
102	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de bares e de ruas de Lisboa à noite .Planos próximos de copos vazios no chão	Imagens de arquivo de ruas de Lisboa e bares	n.a.	n.a.	Referencialização nula	Explicativo
103	n.a.	Mulheres afegãs vs Governo afegão	n.a.	n.a.	.Planos gerais de manifestação em Marrocos .Grandes planos de jovem violada .Planos gerais e próximos de jovem violada	n.a.	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
104	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Imagens do filme sobre	Imagens símbolo	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo

					Kony .Planos próximos de elemento da polícia de San Diego .Grandes planos de ativista	do filme sobre Kony				
105	Imagem	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos muito gerais do jogo .Planos próximos dos treinadores	Imagens símbolo das jogadas	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
106	Ironia	n.a.	n.a.	n.a.	.Imagens da Chelsea TV .Planos próximos de treinador do Benfica .Plano gerais dos jogadores do Benfica	.Imagens símbolo da Chelsea TV .Imagens de arquivo dos jogadores	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
107	Imagem	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos muito gerais do jogo .Planos próximos dos treinadores	Imagens símbolo das jogadas	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
108	Elipse	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais, inteiros e próximos de Vale e Azevedo .Planos	Imagens de arquivo de Vale e Azevedo	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Crítico-irónico

					próximos de elemento da PSP					
109	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais e grandes planos de caixas de Multibanco .Planos próximos de elemento da PSP	.Imagens de arquivo de caixas de Multibanco .Vivo do jornalista	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
110	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais e próximos de vizinho da vítima .Planos gerais da casa da vítima .Planos gerais de café .Planos gerais de Hospital de Vila Real	Imagens de arquivo do Hospital de Vila Real	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
111	n.a.	n.a.	n.a.	Música do Titanic	.Planos gerais de exposição sobre o Titanic .Planos próximos de investigadora .Grandes planos de talheres do Titanic	Imagens de arquivo do Titanic	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
112	n.a.	n.a.	n.a.	Música	.Imagens da	Imagens	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo

				de Ângelo Rodri- gues	novela “Rosa Fogo” .Imagens do videoclip .Planos americanos e próximos de Ângelo Rodrigues .Imagens dos bastidores de gravação de videoclip	símbolo da novela “Rosa Fogo” e da gravação do videoclip				
113	.Antítese .Personifi- cação	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de campos agrícolas .Planos americanos e próximos de agricultores e pastores	Imagens símbolo da seca	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
114	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de campos agrícolas .Planos próximos de agricultores .Planos próximos de representante da Empresa Alqueva	n.a.	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
115	Enumera-	n.a.	n.a.	Música	.Planos gerais de	n.a.	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Explicativo

	ção			de guitarra portuguesa	Lisboa .Planos próximos de tela pintada .Planos próximos de dono de hostel .Planos gerais de hostel .Planos próximos de porta-voz de empresa hoteleira .Planos gerais de hotel					
116	Enumeração	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de consulta médica .Planos gerais de centros de saúde .Planos próximos, americanos e grandes planos de médicos	n..a	Divisão da imagem quatro partes: uma para cada médico alvo de reportagem	n.a	Reforço	Explicativo
117	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	Planos gerais e próximos de supermercado .Planos próximos de	n.a.	n.a.	n..a	Referencialização fraca	Explicativo

					dietista					
118	Enumeração	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais e próximos de desfile .Planos próximos de diretora criativa .Planos gerais e próximos de empresa de fabricação de calçado	n.a.	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Explicativo
119	.Personificação .Elipse .Enumeração .Antítese	n.a	n.a.	Música grega que sugere tristeza	.Planos gerais de ruas da Grécia .Planos próximos e grandes planos de sem-abrigo .Planos gerais de café .Planos próximos de pinturas na parede .Planos inteiros e próximos de membro de ONG .Planos americanos e próximos de Diretor de Assuntos	.Imagens símbolo da crise grega .Vivo do jornalista	n.a.	n.a.	Reforço	Crítico-irónico

					Económicos da Grécia					
120	Enumeração	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos próximos de pessoas na rua .Planos gerais dos pilares da ponte .Planos próximos de artistas .Planos gerais do Rio Tejo	Imagens símbolo da Ponte 25 de Abril	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
JORNAL DA NOITE DE 18 DE MARÇO DE 2012										
121	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Panorâmica de militares em sentido .Planos próximos de Presidente do Sindicato da Polícia .Planos gerais de esquadras da PSP	Imagens de arquivo de militares e de esquadras	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Explicativo
122	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais e próximos de bombas de gasolina .Planos próximos de automobilistas .Planos gerais de	n.a.	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Explicativo

					filas de carros					
123	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais do Ministério das Finanças .Grandes planos de site do Ministério das Finanças, de cheques e de processos judiciais	Imagens de arquivo do Ministério das Finanças	n.a.	n.a.	Referencialização nula	Explicativo
124	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de pessoas na rua e de lojas .Planos próximos de clientes	Imagens de arquivo de pessoas na rua e de lojas	n.a.	n.a.	Referencialização nula	Explicativo
125	Enumeração	Trabalhadores do grupo Pestana Hotéis vs Administração do grupo Pestana Hotéis	n.a.	n.a.	.Planos gerais de trabalhadores em protesto .Planos gerais da Pousada .Planos próximos de elemento da administração das Pousadas de Portugal .Planos próximos de diretor de Pousada	Vivo do jornalista	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo

126	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos próximos de livros de reclamações .Planos gerais de restaurantes .Planos próximos de Secretário Geral da Deco .Planos gerais de pessoas na rua	.Imagens símbolo dos livros de reclamações .Imagens de arquivo de pessoas na rua	n.a	n.a.	Referencialização fraca	Explicativo
127	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de terminal de partidas do aeroporto de Lisboa .Planos próximos de passageiros	Imagens símbolo de painéis de partidas	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Explicativo
128	.Enumeração .Paralelismo	n.a	n.a.	n.a.	.Planos gerais, próximos e grandes planos da loja assaltada	Imagens símbolo da loja assaltada	n.a.	n.a	Reforço	Explicativo
129	Enumeração	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de avenida de Quarteira .Planos inteiros de militares .Planos inteiros de prédio .Planos próximos de	Imagens de arquivo do dia em que o jovem se barricou	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo

					testemunhas e familiar de barricado					
130	Imagem	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais do jogo .Planos próximos do treinador do Sp. Braga	Imagens símbolo das jogadas	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
131	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de treinos do Benfica e do F.C. Porto .Planos gerais de jogos do Benfica e do F.C. Porto	Imagens de arquivo de treinos e jogos do Benfica e do F.C. Porto	n.a.	n.a.	Referencialização nula	Explicativo
132	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais, inteiros e próximos de Diretora Geral do FMI .Planos gerais do Fórum	n.a.	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Explicativo
133	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos inteiros e próximos dos candidatas a concurso .Planos gerais de assistência do concurso	Imagens símbolo dos sócias de Obama	n.a.	n.a.	Reforço	Irónico
134	Enumeração	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos americanos de	Imagens símbolo	n.a.	n.a.	Reforço	Irónico

					Batman .Planos gerais de escola de São Paulo .Planos próximos de elementos da polícia e de crianças	de Batman				
135	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos próximos de moradores .Planos gerais, inteiros e próximos de dependência do BPN	Imagens símbolo da dependência do BPN a ser vandalizada	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
136	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais e próximos de lavagem de carros .Planos próximos de proprietário de lavagem e de clientes	n.a.	n.a.	n.a.	Referencialização fraca	Explicativo
137	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais e próximos de praticantes de artes maciais	Imagem símbolo de exercícios de artes maciais	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
138	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	.Planos gerais de	Imagens	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo

					conferência de imprensa .Planos próximos de realizados e atores	de arquivo das gravações do filme “A Casa dos Espíritos”				
139	Hipérbole	Produtores biológicos vs Produtores de agricultura convencional	n.a.	n.a.	.Planos gerais de mercados biológicos .Planos próximos de legumes e frutas .Planos próximos de clientes e vendedores	n.a.	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo
140	.Imagem .Enumeração	n.a.	n.a.	.Música que sugere tristeza .Música que sugere alegria	.Planos gerais de ruas de Viseu .Planos gerais e próximos de lojas .Planos inteiros e próximos de comerciantes	Imagens símbolo de comerciantes a trabalhar	n.a.	n.a.	Reforço	Explicativo

n.a. – não aplicável

Grelha 3: Divisão das notícias do “Jornal da Noite” da SIC analisadas por categoria temática

Categoria Temática	Número da Notícia	Número Total de Notícias Analisadas
Sociedade	10 – 14 – 15 – 18 – 21 – 30 – 33 – 35 – 36 – 37 – 38 – 39 – 43 – 44 – 49 – 50 – 57 – 58 – 73 – 75 – 83 – 84 – 85 – 86 – 93 – 99 – 101 – 102 – 103 – 109 – 110 – 113 – 114 – 116 – 119 – 126 – 128 – 129 – 137 – 139	40
Política	2 – 3 – 4 – 5 – 6 – 17 – 19 – 23 – 24 – 25 – 28 – 31 – 41 – 42 – 46 – 67 – 68 – 72 – 74 – 77 – 80 – 87 – 89 – 96 – 100 – 121	26
Economia	1 – 7 – 8 – 9 – 16 – 20 – 26 – 27 – 29 – 40 – 45 – 47 – 48 – 60 – 61 – 62 – 63 – 66 – 69 – 70 – 71 – 78 – 79 – 81 – 97 – 98 – 115 – 117 – 118 – 122 – 123 – 124 – 125 – 127 – 132 – 135 – 140	37
Desporto	11 – 12 – 13 – 34 – 52 – 53 – 54 – 55 – 76 – 82 – 90 – 91 – 94 – 105 – 106 – 107 – 108 – 130 – 131	19
Cultura	22 – 56 – 65 – 92 – 95 – 104 – 112 – 138	8
Faits-divers	32 – 51 – 59 – 64 – 88 – 111 – 120 – 133 – 134 – 136	10
TOTAL		140

Grelha 4: Análise do processo e modelo de construção narrativa, do narrador e das personagens das notícias de Sociedade do “Jornal da Noite” da SIC

Dimensão	Indicador	Número de Notícias
Tratamento Geográfico	Nacional	33
	Internacional	7
Processo de Construção Narrativa	Enigma -> Atraso -> Resolução	25
	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	15
Modelo de Construção Narrativa	Explicativo	33
	Emocional	7
	Aberto	6
	Fechado	34
	Relato	33
	Dominante	3
	Concorrencial	2
Reportagem	2	
Focalização do Narrador	Focalização Externa	34
	Focalização Externa Interventiva	6
Tipologia do Narrador	Heterodiegético	40
Personagens	Oficiais	9
	Especialistas	11
	Anónimas	24
	n.a.	3

n.a. – não aplicável

Grelha 5: Análise do texto audio-scripto-visual e do estilo das notícias de Sociedade do “Jornal da Noite” da SIC

Dimensão	Indicador	Número de Notícias
Texto Off Figuras de Estilo	Aliteração	2
	Anáfora	1
	Anástrofe	2
	Animismo	2
	Antítese	4
	Disfemismo	2
	Elipse	4
	Enumeração	18
	Gradação	1
	Hipérbole	2
	Imagem	4
	Interrogação	1
	Ironia	1
	Metáfora	3
	Paralelismo	2
	Perífrase	1
	Personificação	6

	Polissíndeto	1
	Sinédoque	1
	n.a.	11
Texto Off Oposições Binárias	Oposições Binárias	4
	n.a.	36
Texto Áudio Efeitos Sonoros	Distorção de Voz	1
	n.a.	39
Texto Áudio Banda Sonora	Música	2
	n.a.	38
Texto Visual Planos e Movimentos	Planos Gerais	39
	Planos Inteiros	3
	Planos Americanos	4
	Planos Próximos	32
	Grandes Planos	17
	Panorâmica	1
Texto Visual Imagens	Imagens de Arquivo	13
	Imagens Símbolo	19
	Vivo do Jornalista	4
	n.a.	6
Texto Visual Efeitos Visuais	Repartição da imagem em quatro partes iguais	1
	n.a.	39
Texto Visual Grafismos	Gráfico	1
	n.a.	39
Relação Texto Off, Texto Áudio e Texto Visual	Reforço	27
	Referencialização Fraca	9
	Referencialização Nula	4
Estilo	Apologético	2
	Crítico	1
	Crítico-Irónico	1
	Explicativo	35
	Irónico	1

n.a. – não aplicável

Grelha 6: Análise do processo e modelo de construção narrativa, do narrador e das personagens das notícias de Política do “Jornal da Noite” da SIC

Dimensão	Indicador	Número de Notícias
Tratamento Geográfico	Nacional	21
	Internacional	5
Processo de Construção Narrativa	Enigma -> Atraso -> Resolução	14
	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	12
Modelo de Construção Narrativa	Explicativo	26
	Aberto	4
	Fechado	22
	Relato	14

	Dominante	7
	Concorrencial	2
	Contenção	3
Focalização do Narrador	Focalização Externa	22
	Focalização Externa Interventiva	4
Tipologia do Narrador	Heterodiegético	26
Personagens	Oficiais	19
	Especialistas	8
	Anónimas	5
	n.a.	2

n.a. – não aplicável

Grelha7: Análise do texto audio-scripto-visual e do estilo das notícias de Política do “Jornal da Noite” da SIC

Dimensão	Indicador	Número de Notícias
Texto Off Figuras de estilo	Anástrofe	6
	Antítese	4
	Comparação	1
	Disfemismo	2
	Elipse	1
	Enumeração	8
	Gradação	2
	Hipérbole	1
	Imagem	7
	Interrogação	1
	Ironia	3
	Metáfora	2
	Sinédoque	1
	n.a.	6
Texto Off Oposições Binárias	Oposições Binárias	15
	n.a.	11
Texto Áudio Efeitos Sonoros	n.a.	26
Texto Áudio Banda Sonora	n.a.	26
Texto Visual Planos e Movimentos	Planos Gerais	26
	Planos Inteiros	11
	Planos Americanos	6
	Planos Próximos	19
	Grandes Planos	2
	Panorâmica	1
	Travelling	1
Texto Visual Imagens	Imagens de Arquivo	11
	Imagens Símbolo	6
	Vivo do Jornalista	3

	n.a.	6
Teto Visual Efeitos Visuais	Slow-motion	1
	n.a.	25
Texto Visual Grafismos	Quadros	2
	Imagens	1
	n.a.	23
Relação Texto Off, Texto Áudio e Texto Visual	Reforço	9
	Referencialização Fraca	11
	Referencialização Nula	6
Estilo	Crítico	1
	Explicativo	18
	Irónico	7

n.a. – não aplicável

Grelha 8: Análise do processo e modelo de construção narrativa, do narrador e das personagens das notícias de Economia do “Jornal da Noite” da SIC

Dimensão	Indicador	Número de Notícias
Tratamento Geográfico	Nacional	34
	Internacional	3
Processo de Construção Narrativa	Enigma -> Atraso -> Resolução	21
	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	16
Modelo de Construção Narrativa	Explicativo	35
	Emocional	2
	Aberto	3
	Fechado	34
	Relato	18
	Dominante	6
	Concorrencial	3
	Contenção	4
Reportagem	6	
Focalização do Narrador	Focalização Externa	32
	Focalização Externa Interventiva	5
Tipologia do Narrador	Heterodiegético	37
Personagens	Oficiais	19
	Especialistas	5
	Anónimas	16
	n.a.	2

n.a. – não aplicável

Grelha 9: Análise do texto audio-scripto-visual e do estilo das notícias de Economia do “Jornal da Noite” da SIC

Dimensão	Indicador	Número de Notícias
Texto Off Figuras de Estilo	Antítese	7
	Elipse	6
	Enumeração	11
	Eufemismo	2
	Gradação	3
	Hipérbole	1
	Imagem	7
	Interrogação	2
	Ironia	1
	Metáfora	3
	Paralelismo	1
	Perífrase	1
	Personificação	3
	Sinédoque	2
	n.a.	11
Texto Off Oposições Binárias	Oposições Binárias	8
	n.a.	29
Texto Áudio Efeitos Sonoros	n.a.	37
Texto Áudio Banda Sonora	Música	2
	n.a.	35
Texto Visual Planos e Movimentos	Planos Gerais	36
	Planos Inteiros	11
	Planos Americanos	3
	Planos Próximos	33
	Grandes Planos	4
	Travelling	1
Texto Visual Imagens	Imagens de Arquivo	9
	Imagens Símbolo	11
	Vivo do Jornalista	4
	n.a.	12
Texto Visual Efeitos Visuais	n.a.	37
Texto Visual Grafismos	Quadros	2
	n.a.	35
Relação Texto Off, Texto Áudio e Texto Visual	Reforço	11
	Referencialização Fraca	21
	Referencialização Nula	5
Estilo	Crítico	1
	Crítico-Irónico	1
	Explicativo	32
	Irónico	2

n.a. – não aplicável

Grelha 10: Análise do processo e modelo de construção narrativa, do narrador e das personagens das notícias de Desporto do “Jornal da Noite” da SIC

Dimensão	Indicador	Número de Notícias
Tratamento Geográfico	Nacional	17
	Internacional	2
Processo de Construção Narrativa	Enigma -> Atraso -> Resolução	15
	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	4
Modelo de Construção Narrativa	Explicativo	12
	Emocional	7
	Aberto	1
	Fechado	19
	Relato	16
	Dominante	2
	Concorrencial	1
Focalização do Narrador	Focalização Externa	9
	Focalização Externa Interventiva	10
Tipologia do Narrador	Heterodiegético	19
Personagens	Oficiais	18
	Especialistas	Q
	Anónimas	1
	n.a.	2

n.a. – não aplicável

Grelha 11: Análise do texto audio-scripto-visual e do estilo das notícias de Desporto do “Jornal da Noite” da SIC

Dimensão	Indicador	Número de Notícias
Texto Off Figuras de Estilo	Anástrofe	1
	Antítese	2
	Elipse	3
	Enumeração	2
	Hipérbole	5
	Imagem	9
	Metáfora	1
	Perífrase	1
	Personificação	1
	n.a.	3
Texto Off Oposições Binárias	Oposições Binárias	4
	n.a.	15
Texto Off Efeitos Sonoros	n.a.	19
Texto Áudio Banda Sonora	Música	1
	n.a.	18

Texto Visual Planos e Movimentos	Planos Muito Gerais	12
	Planos Gerais	5
	Planos Inteiros	2
	Planos Americanos	2
	Planos Próximos	17
Texto Visual Imagens	Imagens de Arquivo	4
	Imagens Símbolo	12
	n.a.	3
Texto Visual Efeitos Visuais	n.a.	19
Texto Visual Grafismos	Imagens	1
	n.a.	18
Relação Texto Off, Texto Áudio e Texto Visual	Reforço	12
	Referencialização Fraca	4
	Referencialização Nula	3
Estilo	Apologético	2
	Crítico	1
	Crítico-Irónico	2
	Explicativo	13
	Irónico	1

n.a. – não aplicável

Grelha 12: Análise do processo e modelo de construção narrativa, do narrador e das personagens das notícias de Cultura do “Jornal da Noite” da SIC

Dimensão	Indicador	Número de Notícias
Tratamento Geográfico	Nacional	5
	Internacional	3
Processo de Construção Narrativa	Enigma -> Atraso -> Resolução	3
	Premissa -> Exórdio -> Enunciado -> Desenvolvimento -> Conclusão	5
	Explicativo	8
Modelo de Construção Narrativa	Aberto	1
	Fechado	7
	Relato	7
	Dominante	1
	Focalização Externa	8
Focalização do Narrador		
Tipologia do Narrador	Heterodiegético	8
Personagens	Oficiais	5
	Anónimas	3
	n.a.	2

n.a. – não aplicável

Grelha 13: Análise do texto audio-scripto-visual e do estilo das notícias de Cultura do “Jornal da Noite” da SIC

Dimensão	Indicador	Número de Notícias
Texto Off Figuras de Estilo	Antítese	1
	Elipse	2
	Enumeração	2
	n.a.	3
Texto Off Oposições Binárias	n.a.	8
Texto Off Efeitos Sonoros	n.a.	8
Texto Áudio Banda Sonora	Música	2
	n.a.	6
Texto Visual Planos e Movimentos	Planos Gerais	4
	Planos Americanos	1
	Planos Próximos	6
	Grandes Planos	2
Texto Visual Imagens	Imagens de Arquivo	2
	Imagens Símbolo	5
	Vivo do Jornalista	1
	n.a.	1
Texto Visual Efeitos Visuais	n.a.	8
Texto Visual Grafismos	Quadros	1
	Imagens	1
	n.a.	7
Relação Texto Off, Texto Áudio e Texto Visual	Reforço	8
Estilo	Explicativo	8

n.a. – não aplicável

Grelha 14: Análise do processo e modelo de construção narrativa, do narrador e das personagens das notícias de *Faits-divers* do “Jornal da Noite” da SIC

Dimensão	Indicador	Número de Notícias
Tratamento Geográfico	Nacional	6
	Internacional	4
Processo de Construção Narrativa	Enigma -> Atraso -> Resolução	10
Modelo de Construção Narrativa	Explicativo	9
	Emocional	1
	Aberto	1
	Fechado	9
	Relato	8
Focalização do Narrador	Dominante	2
	Focalização Externa	10

Tipologia do Narrador	Heterodiegético	10
Personagens	Oficiais	1
	Anónimas	7
	n.a.	2

n.a. – não aplicável

Grelha 15: Análise do texto audio-scripto-visual e do estilo das notícias de *Faits-divers* do “Jornal da Noite” da SIC

Dimensão	Indicador	Número de Notícias
Texto Off Figuras de Estilo	Anástrofe	1
	Elipse	1
	Enumeração	2
	n.a.	5
Texto Off Oposições Binárias	Oposições Binárias	1
	n.a.	9
Texto Off Efeitos Sonoros	n.a.	10
Texto Áudio Banda Sonora	Música	1
	n.a.	9
Texto Visual Planos e Movimentos	Planos Gerais	10
	Planos Inteiros	2
	Planos Americanos	1
	Planos Próximos	8
	Grandes Planos	4
Texto Visual Imagens	Imagens de Arquivo	2
	Imagens Símbolo	8
Texto Visual Efeitos Visuais	n.a.	10
Texto Visual Grafismos	Imagens	1
	n.a.	9
Relação Texto Off, Texto Áudio e Texto Visual	Reforço	10
Estilo	Crítico-Irónico	1
	Explicativo	6
	Irónico	3

n.a. – não aplicável

Anexo B – DVD

